

BIOGRAFIA DE UM MÉDIUM

Analisado pela Teoria Junguiana

Claudio C. Conti

www.ccconti.com

Este livro é dedicado a todos os médiuns
que foram, ou são, incompreendidos.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	4
INTRODUÇÃO.....	8
EXISTEM ESPÍRITOS?	14
PERCEPÇÃO.....	36
AUDIÇÃO.....	44
VISÃO.....	64
INCORPORAÇÃO.....	68
PSICOGRAFIA.....	84
CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	88
APÊNDICE	92
BIBLIOGRAFIA	95

PREFÁCIO

No prefácio do livro *Psicologia e Religião*¹, consta que Jung, em uma entrevista a televisão inglesa, foi questionado sobre sua crença em Deus. Diante desta pergunta ele respondeu: “Eu não acredito, eu sei”.

O texto segue relatando um outro caso similar ocorrido com um entomologista, que seria a pessoa dedicada ao estudo dos insetos, que demonstrou sua relação com um Ser Supremo pelas seguintes palavras: “Não acredito em Deus: eu o vejo.”

Diante destes dois exemplos não podemos nos furtar de analisar as principais características destes homens e suas convicções.

Uma conclusão a que se pode chegar, como também consta no texto, é que ambos apresentam a similaridade de dedicarem suas vidas ao estudo científico e, através de suas investigações, chegaram à mesma conclusão com relação à existência de um Deus. Ponto muito interessante é que um deles estudava o psiquismo humano enquanto que o outro se detinha ao instinto dos insetos que, em ambos os casos se expressam através do comportamento. Talvez, sob uma conotação mais ampla, poderíamos até substituir o termo “instinto dos insetos” por “psiquismo dos insetos”, obviamente que não tão desenvolvido e apurado quanto do humano, mas não deixaria de sê-lo em forma rudimentar. Deste modo, o instinto humano, que todos nós o temos, também seria parte integrante do psiquismo.

Perante este fato, uma pergunta não quer calar: Quais seriam as similaridades entre o comportamento de espécies tão distantes, evolutivamente falando, capaz de conduzir à mesma conclusão?

Responder a esta questão não é muito simples. Qualquer explicação lógica não corresponderia aos anseios daquele que a recebe, pois a existência de Deus não pode ser verbalizada, é preciso se vivenciada.

Vivências desta natureza não podem ser explicadas nem, tampouco, planejadas, elas simplesmente ocorrem, segundo os mais variados processos.

Segundo o espírito Emmanuel, em obra mediúnica, diz que “conseguir a fé é não mais dizer: ‘eu creio’, mas afirma: ‘eu sei’”², traduzindo, com isto, a certeza na existência de um ser superior a dirigir o universo que ultrapassa, em muito, a simples crença.

O relacionamento de cada indivíduo com Deus e com a religião é único; em alguns casos pode até haver uma grande semelhança, ao menos exteriormente, que são passíveis de se confundirem, mas as diferenças residem no âmago do ser. Talvez este seja o motivo de tão

¹ C. G. Jung; *Psicologia e Religião*; pg VII.

² Emmanuel; *O Consolador*; pg 200.

grande número de diferentes religiões e, também, a razão pela qual cada uma se ache detentora da verdade absoluta; podendo também ser responsável pelo descrédito às religiões por parte um grande grupo de pessoas.

Todavia, em se tratando de relacionamento entre Deus e o homem, somos forçosamente arrebatados para as religiões, portanto, a religião não pode nem deve ser utilizada como forma de castração, coação ou submissão, estes erros ocorreram no passado da história da humanidade, quando muitas barbaridades foram cometidas em nome Daquele que deveria representar a bondade suprema.

Estes erros devem permanecer apenas como parte do passado, pois a história serve à muitas finalidades, sendo que uma delas é nos lembrar dos equívocos cometidos, e é nosso dever não deixar que se repitam.

Mas, infelizmente, não é isto que se observa, pois o homem é recorrente nas faltas. Vivemos, teimosamente, repetindo enganos, num ciclo sem fim, cujo único resultado é o sofrimento, tanto daqueles que se comportam com intemperança, quanto daqueles que sofrem as conseqüências de condutas alouçadas.

A religião deveria servir para conduzir seus seguidores ao encontro daquela experiência imediata com a Divindade e, conseqüentemente, alcançar a tranqüilidade interior. Seguindo este princípio, não haveria o certo ou o errado, haveria apenas diferentes caminhos, proporcionando, assim, subsídios para que todos atingissem o encontro com Deus segundo o caminho ao qual melhor se adaptasse. Nestas condições, dando ensejo para que cada vez mais pessoas encontrassem um estado de espírito capaz de ver a presença de Deus, seja qual for a atividade que realize.

Diante do que foi exposto até o momento, resta a seguinte pergunta: Quais seriam as religiões que visariam conduzir o homem ao encontro de Deus?

A resposta, contudo, é muito simples: Toda aquela que trabalha para a pacificação do ser, evitando todo e qualquer tipo de conflito, e instrui os seus seguidores acerca da vida após a morte do corpo e suas implicações.

Com esta resposta, adentramos em um outro ponto controverso, que é vida no pós-morte. Porém, a questão não para por aí, pois um outro questionamento forçosamente surge: Se há alguma existência após a morte do corpo físico, será possível a comunicação entre ambas condições de vida?

Como resposta, haveria um sonoro “sim”. Porém, este assunto não é trivial, nem tampouco fácil de ser colocado quando entre pessoas reticentes com relação a tudo que demandaria em esforço mental para o entendimento e, mais ainda, que demandaria uma mudança na forma de pensar.

Ao cogitar escrever sobre o assunto, muito me questionei sobre qual seria a melhor forma de coloca-lo. Todavia, a resposta somente poderia ser a mais lógica possível: falar o mais simples e claramente possível. Porém, seria necessário conduzir a explanação de forma adequada para que possa ser aceito pelo público em geral, o que somente pode ser atingido quando se segue padrão pré-definidos, isto é, uma abordagem científica.

Logicamente que estaria fadado ao fracasso uma tentativa de equacionar matematicamente, segundo regras rígidas, o comportamento humano, pois o ser pensante, possuidor de raciocínio, é capaz de conduzir tudo o que lhe está diretamente relacionado e o caminho trilhado será diferente para cada um. É bem verdade que nem sempre as decisões tomadas e seguidas são as mais sensatas.

Portanto, a tarefa que me proponho a realizar neste livro é uma tentativa de abordar o assunto de fenômenos considerados como “paranormais” ou “sobrenaturais” sob um novo prisma, o da normalidade, delineando parâmetros psicológicos daqueles que as vivencia, assim como as conseqüências decorrentes do seu não entendimento, além, é claro, da abordagem religiosa-espiritual.

Portanto, neste livro serão evitadas tais definições equivocadas, substituindo o termo “paranormal” e similares pelo termo “mediúnico”.

Mesmo não sendo um profissional da área, tentarei abordar o assunto sob a ótica da teoria psicológica apresentada por Carl G. Jung, considerado o Pai da Psicologia Analítica, tendo em vista o enorme trabalho desenvolvido para o entendimento da mente humana e, conseqüentemente, para tratamento de conflitos e enfermidades mentais.

Muito se poderia questionar a respeito de um Engenheiro, que é a minha formação, tratar de assuntos, não apenas mediúnicos, mas também psicológicos .

Para me qualificar a tarefa, faço uso de um princípio básico utilizado por Jung.

Ele relata que não poderia esperar que seus doentes fizessem aquilo que ele próprio não poderia fazer, nem, tampouco, que seguissem os seus direcionamentos se conhecesse os passos do tratamento a ser aplicado apenas através da teoria. Para que pudesse compreender o inconsciente o mais completamente possível, foi necessário ir ao seu encontro, apesar de conhecer os riscos a que estaria sujeito³.

Eu, por minha vez, resolvi utilizar o mesmo princípio, valendo-me das minhas próprias experiências mediúnicas, meus sentimentos, medos, angústias, estando, desta forma, analisando as situações com as quais um indivíduo que apresente possibilidades outras, além das mais comuns, poderá se deparar, traçando um paralelo entre o que seria devido ao intercâmbio entre mundos e aqueles oriundos do meu próprio ser.

Porém, na condição de não médico, me sinto livre para discutir conceitos já estabelecidos, pois não estarei sujeito às conseqüências devido à discriminação e preconceitos de profissionais do ramo que, porventura, não partilhem da mesma idéia e que não aceitem que alguém pense diferente.

Digo isto porque, segundo suas próprias palavras, o próprio Jung considerava alguns assuntos como difíceis de serem colocados e, por isso, receava da reação por parte daqueles que não compreenderiam aquilo que gostaria de expor. Todavia, ainda que apresentando algumas de suas idéias em sua autobiografia⁴, receava que a reação que poderiam causar, o atingissem. Diz ele ter sofrido muita incompreensão e menosprezo, e com isso, como acontece com a grande maioria dos indivíduos que não comungam com o pensamento reinante no momento, cujas idéias não são compreendidas pela grande massa, sofreu também o isolamento.

Contudo, espero que esta resenha sirva de base de estudos para aqueles que desejem servir aos seus pacientes de maneira mais eficiente, capacitando-se para um melhor diagnóstico do quadro que lhe seja apresentado.

Claudio C. Conti

³ C. G. Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 158-159.

⁴ C. G. Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 16.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Quando criança, olhando para o céu azul, costumava pensar sobre o infinito. Naquela época ainda não existiam tantos edifícios como atualmente e, especialmente nas áreas residenciais, eles simplesmente não existiam, somando ao fato de morarmos em uma pequena elevação, mesmo do quintal de casa era possível visualizar uma grande extensão do céu. A grandiosidade da imensidão era algo que me fascinava e sempre me questionava sobre o que haveria além daquilo que estava ao alcance da minha visão.

Quando um pouco mais velho, outros questionamentos me surgiam à mente. Novamente fitando o azul do céu, ponderava sobre o que existiria além da vida, isto é, o que ocorreria com o indivíduo após a sua morte. Com a ingenuidade de um jovem cruzando a fronteira da adolescência, comparava o infinito do céu, que se estende por todas as direções, apesar de não podermos enxergar, com o período de nascimento e morte, que seriam os limites da vida passíveis de serem apreendidos. Como não poderia deixar de ser, também havia um certo questionamento sobre a existência de Deus.

A idéia do Criador é ambígua em muitos sentidos. É comum ouvir falar sobre Deus, que normalmente é referenciado como um homem velho, de longas barbas vestindo uma túnica branca. Tal imagem é muito bem representado nas pinturas de Miguelangelo, na Capela Cistina, representando Deus no processo da criação.

Ao deitarem, as crianças são exortados a orar, agradecendo a “papai do céu” e pedindo proteção para uma noite tranqüila.

Porém, quando fazem travessuras, Deus é novamente citado, mas, nestas ocasiões, Ele é apresentado como alguém que pune aqueles que desobedecem as regras. A frase “Deus castiga” reverberará durante muito tempo nos ouvidos e se tornará alguém para ser temido.

A vida inteira é um processo de aprendizado, mas, na infância, há a necessidade de se adquirir conhecimentos básicos, principalmente relacionado com o comportamento em sociedade, assim, as crianças em tenra idade estão sempre sujeitas a atitudes indesejáveis e necessitam de orientação sobre o que é certo e o que é errado . Em resumo: é normal a criança apresentar um mau comportamento, pois é decorrente da falta de conhecimento.

Desta forma, instala-se um conflito naquelas mentes ainda em estado de formação. Deus, que em certos momentos representa proteção, noutros representará punição quando, em realidade, não fez nada de mau, apenas fruto de um não conhecimento.

Esta idéia poderá perdurar por toda a vida do indivíduo e é mais comum do que se imagina. Expressões do tipo “temente a Deus”, tão comumente usada, atestam a veracidade do fato.

O que também poderá surgir neste processo é a idéia de uma parcialidade de Deus, punindo uns e perdoadando outros. É preciso que cada um se questione o que o leva a crer que seus atos errados serão perdoados enquanto que outros serão punidos? Qual o raciocínio lógico por trás desta premissa?

A verdade é que não existe nenhum raciocínio lógico capaz de explicar tal conceito, portanto, é necessário uma conscientização de que este seria um ponto em suas crenças a ser revisto.

Com todos esses, e muitos outros, questionamentos em minha mente eu fui crescendo.

Ainda me lembro uma noite saindo da casa de alguns parentes a quem fomos visitar, sentando no assento traseiro do automóvel que meu pai conduzia, olhava para o céu, negro, e pensava a respeito da existência de Deus. Em minha mente, um pensamento teimava em aparecer de quando em vez: Será que realmente existe um Deus?

Este pensamento de dúvida me causava um certo desconforto, pois como poderia duvidar da existência de Deus? Nestas ocasiões tinha a sensação de estar incorrendo em algum pecado, pois, nascido em uma família católica, apesar de não serem assíduos freqüentadores, fui conduzido com certa freqüência às missas dominicais e a completar o curso de Catecismo para estar apto à Primeira Comunhão.

Naquela noite, no percurso entre a casa destes parentes até a minha própria casa, eu implorei a Deus que me desse um sinal da sua existência, qualquer um, contanto que fosse reconhecido e inquestionável. Assim, continuei buscando no céu a resposta aos meus apelos.

Naquela ocasião acreditei não ter sido atendido.

Hoje, ponderando a respeito do assunto, acredito ter sido atendido em meu apelo muito antes daquela noite.

Devia ter uns cinco ou seis anos de idade, residindo em modesta, mas acolhedora casa com outros dois irmãos, dispúnhamos de um quintal para dar asas à imaginação e brincadeiras. Devido às dimensões deste quintal, que apesar de não ser uma enormidade, mas de bom tamanho, não era totalmente cimentado, isto é, a maior área era de terra batida, o que, sem qualquer sombra de dúvida, é infinitamente melhor para crianças inventarem estripulias, tais como bola de gude, rodar pião, subir na árvore, além das escoriações serem em menor grau quando ocorre um tombo.

Porém, a terra sujava as mãos, sou forçado a confessar que ainda tenho uma certa mania de limpeza, e freqüentemente me dirigia ao tanque, que se localizava na parte externa da casa, para lavá-las. Certo dia, quando realizava este procedimento, algo estranho aconteceu.

Estava com as mãos sujas, empoeiradas, me dirigi, então, ao tanque, como de costume, para lavá-las. Abri a torneira, molhei as mãos, ensaboei e enxagüei-as. Após considerá-las limpas, faltava, obviamente, fechar a torneira. Ao estender a mão, elevando os olhos, me deparei com uma outra mão ligada a um pedaço de braço, até um pouco acima do cotovelo, pairando acima da torneira como se pretendesse fechá-la.

Obviamente que o susto foi grande, deixei a torneira aberta, corri assustado para junto da minha mãe e contei o que havia acontecido ainda tremendo. Felizmente para mim, apesar de não compreender aquele tipo de fenômeno, se manteve condescendente comigo, o que muito contribuiu para que eu me acalmasse, e disse para um dos meus irmãos fechar a torneira que ainda corria água.

Este evento não ocorreu apenas neste dia, se repetiu inúmeras vezes, pois eu, como ainda criança, sempre esquecia do que acontecia e ia lavar as mãos no mesmo local. Não me recordo quando parou de ocorrer.

O leitor pode estar se perguntando: O que a imaginação fértil de uma criança tem a ver com uma possível resposta de Deus sobre sua existência?

A resposta para este sensato questionamento é que, aquelas ocorrências, seria a demonstração de que existem mais coisas do que apenas aquelas capazes de sensibilizar os sentidos físicos, isto é, a matéria, e, conseqüentemente, outros estados de existência.

Este conceito propicia uma nova abordagem sobre a vida, pois, ao se considerar que a existência está limitada à vida como a conhecemos, acreditando que todas as aquisições e esforços desaparecerão com a morte, não tem como evitar, naqueles que ponderam a respeito, que um profundo sentimento de impotência inunde o ser.

A frustração é enorme quando se olha para o futuro e vemos que o nada nos espera? Estamos aqui vivendo neste momento e pode ser que no momento seguinte a morte nos espere e então não existamos mais, nada mais restará de nós neste mundo a não ser a lembrança de algumas pessoas que o tempo se encarregará de exterminá-las. Que podemos buscar da vida diante deste quadro desolador? Ao nosso ver, esta é uma situação desesperadora, pois de que adiantaria trabalharmos em prol de um aprimoramento pessoal que já tem data para terminar sem deixar vestígios? A visão da morte é chocante, provoca horror e medo; é a mola que impulsiona quem possui uma visão materialista a buscar nas

paixões terrenas um sentido para a vida, para se completarem e saciarem a busca do algo mais, contudo, esta será uma busca incessante.

Por isso, atualmente, olhando para trás, tenho a sensação de que Deus realmente respondeu aos meus apelos, me apresentado uma existência além da vida física; o niilismo não corresponderia à realidade.

Embora aquela visão do braço especificamente tenha cessado, muitos outros fatos continuaram ocorrendo, nos mais variados matizes.

É muito fácil de encontrar explicações quando tais fenômenos ocorrem com uma criança, basta tomá-la nos braços, dizer palavras de reconforto e relegar à imaginação fértil, mas a situação começa a complicar quando se trata de adolescentes e adultos, pois já não se dispensa muita paciência e tolerância, atribuindo características desagradáveis, tais como distúrbios mentais e, até mesmo, loucura.

Outra alternativa tão insensata quanto a anterior e que, infelizmente, ainda é muito comum devido a crenças profundamente arraigadas na sociedade em geral é creditar estas ocorrências à algum tipo de influência demoníaca.

Novamente é possível observar uma outra ambigüidade com relação a Deus. Se Ele é o criador de tudo e de todos, o que O levaria a criar um ser ou seres exclusivamente maus, cuja única finalidade seria promover tormentos e perturbações? Seria plausível que Ele os houvesse criado com a única finalidade de gerenciar o inferno e que, em determinadas situações, saem para realizar suas maldades, como assustar criancinhas indefesas, entre outras coisas?⁵

Tal crença leva a certas conclusões que são, no mínimo, um contra-senso. Recordo-me uma conversa que pude presenciar que exemplifica claramente como concepções errôneas podem conduzir a julgamentos catastróficos.

Uma pessoa dizia para uma mãe, se referenciando ao seu filho, que provavelmente o que estaria acontecendo com ele poderia ser uma questão de mediunidade, isto é, a criança seria médium⁶.

A reação da mãe foi deveras interessante, imediatamente ela bradou que Deus não faria “aquilo” com seu filho.

Pode-se concluir que tal assertiva somente poderia ser gerada por conceitos equivocados sobre a Divindade.

Dependendo da crença proferida por aquela mãe, poder-se-ia compreender que não aceitasse a possibilidade de um intercâmbio com o plano espiritual, por não crer na existência

⁵ Ponderações mais completas são apresentadas no livro A Gênese de Allan Kardec.

⁶ Médium – medianeiro entre o plano material e o plano espiritual.

de espíritos ou na possibilidade de comunicação entre eles e nós. Porém, acreditar que isto poderia ocorrer com outras pessoas, mas não com um dos seus, é se considerar melhor que ou outros e, assim, usufruir “privilégios” Divinos ou então, acreditar estar além do alcance de alguma ação demoníaca, o que não deixaria de também ser um privilégio.

Com o passar do tempo e com a repetição de episódios peculiares, em determinado momento da minha vida eu me conscientizei que estava sujeito a fenômenos pouco comuns, podendo ser considerados como provenientes de uma alteração nervosa ou de uma mente “não comum”, atribuindo-se, a partir disto, um sem número de suposições, tais como: super excitação, imaginação, medo, paranóia, alucinação, etc. Assim, se tornou necessário um melhor entendimento desta característica “diferente” para estar em condições de conviver com ela sem, no entanto, estar sujeito a interpretações errôneas que poderiam desencadear um processo de confusão mental.

É importante reconhecer que, dependendo da intensidade e particularidades desta característica em questão, o indivíduo poderá sofrer uma série de efeitos, especialmente nos estados de humor, que podem ser de difícil compreensão tanto para si mesmo quanto para aqueles com quem convive.

A terapêutica médica é muitas vezes recomendada pelos leigos neste gênero de peculiaridade e, quando o profissional médico que o atenda também seja leigo no assunto, as conseqüências poderão ser catastróficas. Os procedimentos médicos que porventura serão aplicados poderão até mascarar os sintomas, mas não promover uma cura do que, e isto precisa ser bem entendido, não necessita ser curado por não ser uma moléstia.

Com o passar do tempo, segundo uma constância do “tratamento” medicamentoso, é de se esperar o surgimento de seqüelas e, então, se tornará um problema patológico, muito provavelmente irremediável.

Mesmo no nível de conhecimento no assunto em que me encontro, ainda um iniciante, me é possível estabelecer que esta característica que acima eu qualifiquei de “não comum”, é muito mais comum do que se pensa, mas, infelizmente, devido aos diversos tabus e preconceitos, evita-se conversar sobre o assunto, contar experiências e, com isso, aqueles que a vivenciam permanecem na obscuridade, escondendo e sofrendo as torturas que experienciam.

Analisando o posicionamento de Jung com relação ao indivíduo, isto é, a essência do ser ou sua totalidade, que denomina de “si-mesmo”, consistindo tanto da parte consciente

quanto da inconsciente da psique, é possível verificar que a maior parte, que é o inconsciente, permanece obscura⁷.

Em linhas gerais, o indivíduo conhece muito pouco de si.

Sob este prisma, seria uma leviandade determinar a gama de fenômenos psíquicos que devem ser considerados como “normais”, baseado apenas no que foi, através dos anos, devido à ignorância da humanidade, e que ainda é corroborado pela ciência acadêmica, pois, devido a preconceitos profundamente arraigados e as próprias limitações de sua psique, levam os profissionais a estabelecer parâmetros, valendo-se de uma condição acadêmica qualquer ou então de uma posição social. Enquanto outros tantos fenômenos que sejam normais para outros indivíduos serão rotulados de “anormais”, pois não foram percebidos por aqueles que se incumbiram desta definição.

Torna-se evidente que o que é considerado “anormal” ou “sobrenatural” por alguém ou grupo de pessoas, pode ser fato corriqueiro para muitos outros.

Analisando coisas corriqueiras, é possível tirar algumas ilações sobre o assunto. Como exemplificação podemos utilizar o simples fato de nadar, embora seja tão comum para um nadador, não o será para outros que podem passar a vida sem nunca haver dado uma braçada sequer.

Ainda utilizando este exemplo, imaginemos um indivíduo que não saiba nadar e que nunca haja ouvido falar ou observado alguém nadando, e que, por um motivo qualquer, seja incumbido de relacionar os meios possíveis de locomoção para o homem sem a utilização de qualquer tipo de equipamento, como barcos, automóveis ou aeronaves.

Pode-se concluir que, para este indivíduo, o único meio disponível seria a caminhada, e se alguém lhe dissesse que é possível nadar, certamente seria considerado louco; caso esta pessoa afirme que já presenciou alguém se locomovendo sobre a água, isto é, nadando, será considerada vítima de alucinações.

É preciso que nos coloquemos em nosso devido lugar, isto é, estudantes apenas, sem o conhecimento completo, inclusive ainda não possuímos sequer idéia de todos os fenômenos possíveis, e é isto que a própria ciência vem nos apresentando com tantas descobertas. O inconsciente, que é, como dito anteriormente, a maior parte da psique, é uma entidade autônoma e desconhecida. Isto significa que, embora conscientemente permitamos ou não que um fenômeno psíquico qualquer aconteça, o inconsciente poderá produzi-lo ou permiti-lo, independentemente desta vontade consciente.

⁷ C. G. Jung; Psicologia e Religião; pg 87.

CAPÍTULO II

EXISTEM ESPÍRITOS?

Obviamente que a questão mais fundamental quando o assunto gira em torno de mediunidade não é propriamente o fenômeno em si, muito menos seu mecanismo de ocorrência, pois estes são apenas conseqüências. Toda e qualquer ocorrência mediúnica depende de algo ainda mais básico: a existência de espíritos. Deste fator primordial é que decorre toda uma gama de fatos que ainda não são compreendidos e que, por este motivo, são de muito difícil aceitação.

Da mesma forma que não é possível nenhuma interação intelectual com um país inabitado, e compreendendo a mediunidade como uma comunicação ou interferência entre um suposto plano espiritual com o mundo material em que vivemos, é fácil de compreender que sem a existência de espíritos não haveria a comunicação.

Portanto, antes de tratarmos da questão da mediunidade propriamente dita, é preciso abordar este outro ponto fundamental. É preciso compreender que não será possível chegar a uma conclusão categórica sobre a existência de seres espirituais, pois se isto fosse possível, não seria necessária toda a discussão que é tema deste estudo, haja vista que diante dos fatos não há argumento, isto é, se comprovadamente houver espíritos, a sua comunicabilidade também estaria comprovada. Porém, também não será possível chegar a uma conclusão contundente sobre a sua não existência, o que, de forma inversa, também não seria necessário este estudo.

Todavia, a questão da existência de espíritos é das mais intrigantes, contudo é possível observar um grande número de pessoas afirmando categoricamente que espíritos não existem, enquanto que tantos outros até acreditam numa existência da alma humana, mas não são capazes, ou não querem, formular uma hipótese qualquer sobre o que acontece com esta “alma” após a morte.

Considero como ponto falho em muitas das religiões vigentes.

Um conhecimento da própria destinação após a vida física é de fundamental importância para o indivíduo. E porque não dizer também que este conhecimento é um direito de todos? A informação deve ser divulgada enquanto que a sua aceitação dependerá de cada um. Às vezes me pergunto quantos pesquisadores e religiosos são detentores deste tipo de informação, mas se negam a difundirem com receio de possíveis conseqüências. Contudo, ponderando um pouco a respeito se espíritos realmente existem ou não, pode-se concluir que

apenas duas respostas são possíveis, o que dependerá daquele a quem o questionamento é dirigido. As duas respostas são:

- 1) Sim, espíritos realmente existem;
- 2) Não sei, somente posso dizer que nunca haja visto um.

Verifica-se que apenas estas duas alternativas são possíveis, pois, aquele que apresenta características propícias para a mediunidade, já teve oportunidade de vivenciar fenômenos em que há a participação de espíritos. Enquanto que aqueles outros que não apresentam as mesmas características, e que nunca tenha assistido um fenômeno desta espécie, não estarão aptos a tecer qualquer comentário a respeito além, é óbvio, de que nunca têm presenciado uma ocorrência qualquer que pudesse comprovar tal existência, apesar de, obviamente, poderem crer sem mesmo terem visto, foi o que afirmou Jesus quando da afirmativa de Tomé de que não creia se não visse os sinais dos cravos em suas mãos e colocasse a mão no seu lado:

“Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente.

“Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu, e Deus meu!

“Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem aventurados os que não viram e creram⁸.”

É preciso ter em mente que a não observação de algo por quem quer que seja, não pode significar que este algo não exista, e qualquer posicionamento contundente somente pode ser creditado à leviandade.

Esta posição é muito clara. Tomemos como exemplo as profundezas dos oceanos, comparativamente a população do planeta, apenas um número muito pequeno de pessoas teve a oportunidade de descer a grandes profundidades, estamos aqui falando das fossas abissais.

Imaginemos, agora, que a máquina fotográfica ou filmadora não tivessem sido inventadas, isto significa que não haveria meios de registrar imagens; imaginemos também que não existisse condições de se capturar qualquer ser vivente em tal profundidade.

⁸ Evangelho de João, Capítulo 20, versículos 27 a 29.

Reconheço que estou sendo muito restritivo, pois havendo condições de um ser humano atingir grandes profundidades, forçosamente existirá tecnologia suficiente para tanto e, ao mesmo tempo, que o conhecimento humano não tenha inventado a fotografia ou filmadora e que tampouco, haja condições de se capturar um animal ou vegetal qualquer seria uma contradição. Porém, para o ponto que pretendo colocar, imaginemos que é este o caso.

Aquelas poucas pessoas que visitaram as fossas abissais retornariam da sua aventura relatando toda sua experiência, pormenorizando tudo o que viram, especialmente os seres que lá habitam com características diversas dos que transitam em regiões não tão profundas, onde a luz do sol ainda é capaz de penetrar, porém, não estariam em poder de qualquer prova física que atestasse a veracidade do que dizem.

Nestas condições, qual seria a nossa atitude? A crença ou a descrença? Uma questão de grande importância em situações como esta seria o quanto a nossa opinião interferiria com a realidade dos fatos. Estes seres deixariam de existir apenas porque não acreditamos em sua existência?

Esta situação pode até parecer um pouco alegórica demais, contudo, vale lembrar que em 1969, quando o homem pisou na lua pela primeira vez, as emissoras de televisão de todo o mundo apresentavam as imagens da superfície lunar, cenário que nunca antes havia sido visto por homem algum. Mesmo com toda a tecnologia disponível na época, muitas pessoas não acreditaram que a viagem até a lua era possível, relegando todas as imagens apresentadas como se tratando de um grande engodo.

A verdade é uma só: não importa a nossa posição, nada interferirá com a existência ou não dos espíritos, todavia, os fenômenos continuarão ocorrendo independentemente de qualquer opinião.

O posicionamento de negação quanto aos fenômenos mediúnicos adotado pela visão denominada de científica denota, de um lado, o temor natural com relação ao que é desconhecido e acredita estar se protegendo de um mal, quando, na realidade, se recusa a pensar sobre o assunto; e, de outro lado, revela o absurdo preconceito que reveste tal questão.

Considerar a psique humana como sendo constituído apenas do consciente, aquela parte em que temos um contato maior e, por isso, reconhecida a tal ponto que se torna quase palpável é uma abordagem infantil, que há muito tempo já foi comprovado se tratar de uma falsa idéia.

A mente humana é povoada por uma infinidade de pensamentos. Todo aquele que devota alguns poucos minutos para prestar atenção aos seus pensamentos comprovará, muito facilmente, que não possui muito controle sobre aquilo que pensa.

Pensamentos vêm e vão com enorme fluidez, sem se saber ao certo de onde vem ou para onde vão. Estes pensamentos saem do inconsciente, percorrem o consciente e depois retornam para o local de onde vieram. Por isso, que a prática da meditação requer muita dedicação e persistência, pois controlar a própria mente não é tarefa das mais simples. No Apêndice A, para aqueles que não estejam acostumados a meditar, é apresentado um roteiro de como conduzir o processo de meditação.

Esta falta de controle sobre a própria mente e o reconhecimento, mesmo que secreto, de que existe muito mais do que os produtos conscientes geram o temor do desconhecido, isto é, a possibilidade da descoberta do verdadeiro eu é uma fonte de conflitos para o indivíduo.

Estes conflitos são traduzidos na forma de medos. Jung fala de medo dos “perigos da alma” que existe em nós, relata, ainda, que vários dos seus pacientes apresentavam o medo de enlouquecer.

Existe um ditado popular que diz existir uma linha tênue entre a loucura e a sanidade. Todo aquele que percebe as flutuações da mente é um forte candidato ao medo de enlouquecer, mas isso não significa que irão realmente aloucar, é apenas um temor decorrente do contato com as idas e vindas do processo ondulatório da mente.

Este receio natural é um dos responsáveis pelo bloqueio à aceitação da existência de um “universo” além da própria consciência, acarretando a negação de tudo o que pode causar alguma ameaça.

Outra questão deveras interessante, que também acarreta dificuldades para a aceitação da existência de seres extra-corpóreos, é a concepção do que seja a ciência e os métodos científicos.

Um primeiro empecilho apresentado é a impossibilidade, ou melhor, as dificuldades existentes para repetição dos fenômenos em questão, pois se considera que, para apresentar um embasamento científico, é necessário haver uma certa reprodutibilidade das ocorrências.

Todavia, é preciso compreender que esta falada reprodutibilidade somente se faz necessária quando se deseja estabelecer leis que definam fenômenos específicos, o que não pode ser aplicado quando se trata de indivíduos ou fatos isolados.

Quando o assunto versa sobre sociologia, antropologia, enfim, quando o objeto de estudo é o ser humano, em que a vontade individual exerce fator preponderante no comportamento, isto é, não estão sujeitos a leis rígidas de comportamento, como os fenômenos físicos ou químicos, é impossível estabelecer estas “leis” simplesmente pelo fato de não existirem.

Cada pessoa é um indivíduo *per se*, apresentando gostos, vontades, sonhos, tendências e comportamentos únicos. Algumas características podem ser semelhantes em um grupo de pessoas, mas não em sua totalidade.

Sendo possível observar tantas diferenças entre as características visíveis, isto é, pertencentes ao consciente, pode-se imaginar quantas diferenças existirão quando se considera a participação do inconsciente, que é infinitamente maior que o primeiro.

De forma semelhante é preciso avaliar a questão dos fenômenos mediúnicos. Considerando que a natureza do fenômeno dependerá da característica específica daquele indivíduo que propicia sua ocorrência, deve-se supor que existirá uma gama tão grande de características possíveis quanto o número de pessoas, isto sem falar das características próprias do espírito comunicante.

Certa vez, no curso de doutoramento, assistia a uma aula em que o professor dissertava acerca dos atributos científicos comparativamente a aceitação de dogmas e crenças que não poderiam ser comprovadas.

Segundo o citado professor, a ciência não aceita dogmas, no sentido de que tudo é derivado de observações e estudos.

Devo reconhecer que aceito este posicionamento, contudo, é preciso também reconhecer que tudo deve ser analisado minuciosamente antes de elaborar qualquer afirmação.

Todavia, também fazia parte de suas assertivas que a ciência não poderia aceitar a idéia da existência de Deus, por este carecer de comprovação objetiva.

Neste momento não pude mais me calar. Lembrei que dentre os fenômenos do decaimento radioativo de átomos energeticamente instáveis, mais precisamente nos casos de emissão de partículas beta, quando um nêutron se transforma em um próton e em um elétron, que será ejetado. Quando da sua descoberta, os cálculos matemáticos que descreviam o fenômeno não se ajustavam corretamente, foi preciso, então, “teorizar”, isto é, considerar a existência de algo que não havia sido experimentalmente verificado, que uma partícula de massa infinitamente menor que a do elétron e sem carga elétrica era ejetado simultaneamente com este. Esta partícula atualmente já foi detectada e é conhecido como “neutrino”.

Diante de estruturas como o planeta Terra, o sistema solar, a Via Láctea e tantas outras galáxias, o universo enfim, somente poderíamos também “teorizar” a existência de uma inteligência superior a comandar toda a obra da criação.

Ao colocar este ponto, o professor imediatamente me contestou, dizendo que a existência do neutrino, a partícula sem carga elétrica e praticamente sem massa, foi futuramente comprovada.

Esta resposta foi a que eu esperava e, então, pude colocar que, o fato de não ser possível comprovar a existência de Deus até o presente momento, não significa que um dia, por vontade própria, Ele não venha até nossa presença e se apresente, ou que alguém seja capaz de detectar sua existência. Portanto, esta conjectura deve ser considerada e, assim, a não comprovação não pode ser utilizada como uma confirmação de não existência quando, pelo menos até onde se pode conceber, deva existir.

Um outro aspecto sobre a classificação de diferentes fenômenos seria o agrupamento de fenômenos semelhantes para se estabelecer parâmetros de estudo, contudo, seria também importante considerar os casos que não se enquadram em nenhum dos grupos que já tenham sido formados.

Em suma, se aplicaria método semelhante ao que é utilizado em zoologia, por exemplo, que se serve de estudos taxonômicos para a classificação dos animais, separando-os em grupos de acordo com as características que apresentem. Têm-se, desta forma, dois grandes grupos: os invertebrados e os vertebrados; que, todavia, podem ainda ser subdivididos de acordo com as semelhanças que apresentem. Assim, os invertebrados podem ser agrupados na categoria de insetos, que é a entomologia, e na dos moluscos, a malacologia.

Neste mesmo conceito, os vertebrados são subdivididos em peixes, répteis e anfíbios, aves, e mamíferos.

Tomando os mamíferos como exemplo, têm-se aqueles que vivem na água, como a baleia, os golfinhos e o peixe-boi, que apesar de apresentar a palavra “peixe” em seu nome mais comum, é um mamífero, e nós outros que vivemos em terra firme. Vemos, assim, que o processo de subdivisão pode se tornar infundável, dependendo apenas do grau que detalhamento que se queira atingir.

Todavia, é preciso atentar para o fato de se descobrir uma espécie nova que, de acordo com as características apresentadas, não se encaixe em nenhum grupo previamente definido, surgindo, desta forma, a necessidade de se criar uma nova denominação que contemple a nova descoberta.

Este mesmo conceito foi utilizado por Allan Kardec durante a elaboração do Espiritismo, mais precisamente quando o assunto versava sobre mediunidade. No livro intitulado “O Livro dos Médiuns” é apresentado uma grande relação de fenômenos possíveis, com a correspondente classificação daquele que propicia sua ocorrência⁹.

Portanto, pelo que foi visto até o presente momento, é possível reconhecer duas posturas adequadas quando se trata de assuntos sem comprovação:

- a. Não é porque não vemos algo que este algo não exista.
- b. É preciso analisar cada grupo de fenômenos de acordo com suas características.

Em todas as questões que sejam tratadas, sejam elas sobre que assuntos forem, é preciso usar a razão e o discernimento para possibilitar uma abordagem imparcial. As tendências que todos apresentam sobre certos assuntos, que são as idéias pré-concebidas, são causas de muitos erros de avaliação que, obviamente, repercutirão conseqüências que poderão ser mais ou menos desastrosas, dependendo do grau do equívoco e da importância do ponto em questão.

Este tipo de interpretação errônea é muito comum em se tratando do “plano espiritual”, pois a tendência natural é tentar interpretar toda informação a que se tem acesso com o conhecimento até então adquirido. Desta forma, tentar compreender um plano que transcende com o conhecimento acadêmico, da mesma forma que o plano conhecido é analisado, irá, forçosamente, acarretar uma conclusão que não corresponderia à realidade.

No entanto, uma questão bastante interessante, é que este mesmo conhecimento acadêmico demonstra que existe uma limitação para a matéria e, conseqüentemente, para tudo o que é perceptível. Tentaremos demonstrar este limite utilizando algumas das teorias da Física.

Não é a intenção afirmar que a ciência acadêmica comprova a existência de um plano espiritual, o que “ainda” não acontece devido a impossibilidade de análise pelos padrões atualmente aceitos. Porém, pode-se facilmente dizer que, até onde se conhece, não se pode afirmar que tal plano não exista. Lembrando da discussão apresentada anteriormente, a não observação não implica em não existência.

Será necessário adentrar superficialmente em conceitos que, ao menos aparentemente, são complexos, e isto se deve ao fato destes conceitos descreverem algumas propriedades da matéria que estão em desacordo com a forma de pensar e de analisar as informações que nos chegam através dos cinco sentidos, isolando da totalidade do meio em que se encontra. Todavia, a intenção mesma deste capítulo, ou melhor, deste livro em geral, é apresentar um novo paradigma para a forma de se pensar; uma tentativa de se desenvolver a habilidade de analisar cada ocorrência em uma conotação coletiva, isto é, ver cada ponto como parte integrante de um todo. A partir do momento em que a sociedade estiver em condições de correlacionar causas com os efeitos, será possível trabalhar nas causas para evitar os efeitos negativos, buscando apenas os positivos.

⁹ Kardec; O Livro dos Médiuns; O Livro dos Médiuns.

Atualmente, a ciência, mais precisamente o ramo da Física, tem apresentado características muito intrigantes quanto ao comportamento da matéria.

O que anteriormente era considerado como matéria sólida foi verificado que é formado por partículas extremamente pequenas o que, mais adiante no tempo, foi verificado que mesmo estas não se tratam de objetos sólidos.

A Teoria da Relatividade, formulada por Albert Einstein, físico alemão, no início do século XX, apresenta uma nova realidade, descrevendo o mundo sob um prisma muito diferente; o termo “descreve o mundo” engloba tanto o espaço e a matéria quanto o próprio tempo. Consideramos o tempo como algo fixo, no entanto, isto é um engano como veremos mais adiante.

Analisando esta teoria, é possível perceber que ela apresenta uma realidade que difere em muito daquela que se consegue perceber pelos nossos sentidos. Todo o contexto da vida deixa de ser absoluto para ser relativo.

O leitor leigo no assunto deve estar se questionando: O que é que significa esta tal de relatividade? Em que isto afeta a minha vida?

Materialmente falando, pode-se dizer que para fins do cotidiano, isto é, as responsabilidades da vida diária, em nada. Contudo, para todo aquele que procura entender as implicações desta visão, promoverá uma grande mudança na forma como se encara a vida e, conseqüentemente, a morte. Qualquer um que ao entrar em contato com esta teoria apenas e não se sentir motivado a um maior questionamento sobre o que considera como realidade, seja quem for, leigo ou não, é porque não a compreendeu. Sob este prisma, pode-se compreender que o indivíduo estará sujeito a uma transformação pessoal, isto é, uma mudança de atitude perante si mesmo e ao mundo.

Contudo, tais questionamentos que naturalmente surgem na mente serão de grande utilidade para o aperfeiçoamento individual. Pois, quando se passa a considerar o período de existência como transcendendo àquele relativo a uma vida, isto é, espaço de tempo compreendido entre o nascimento e morte, ver-se-á que a nova concepção será muito mais útil do que se possa esperar à primeira vista.

Voltando a questão da Teoria da Relatividade, em linhas gerais, diz que todos os fenômenos observáveis apresentam um caráter relativo, isto é, dependerá do posicionamento do observador em relação ao fenômeno observado.

Isto significa que um mesmo evento poderá ocorrer, simultaneamente, de duas ou mais formas diferentes, dependendo do número de observadores e suas respectivas posições.

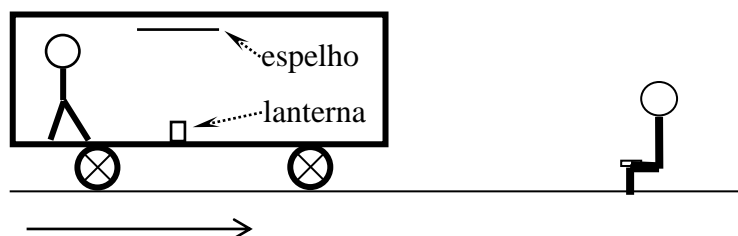
Reconheço que os primeiros contatos com estas idéias causam muito desconforto, pois são de difícil compreensão, contudo, o leitor não deve se desanimar. Para um entendimento

mais amplo destes conceitos é necessário um conhecimento prévio sobre o assunto sobre temas correlatos que serviriam de base para o estudo, o que não se pode esperar de todos. O que tento alcançar é apenas demonstrar a necessidade de manter a mente aberta para questões além do trivial e que, apesar do quanto estranho possa parecer a primeira vista, pode existir alguma coerência no que é apresentado. Contudo, até mesmo aqueles mais experientes no assunto ficam fascinados com a relatividade.

Tentemos acompanhar um exemplo clássico, novamente exorto ao leitor para tentar compreender e aceitar a essência do que está sendo colocado, lembrando sempre que este assunto se encontra em maior detalhamento nos livros de Física.

Imaginemos um trem que esteja viajando a uma velocidade constante, isto é, não estaria sofrendo nenhuma aceleração ou desaceleração. No piso de um determinado vagão alguém posicionou uma lanterna capaz de emitir um único raio de luz, verticalmente, quando o botão é acionado. Neste mesmo vagão, exatamente sobre a lanterna, existe um espelho voltado para a mesma, e que servirá para refletir o raio luminoso que, desta forma, retornara ao seu ponto de origem. Imaginemos, ainda, que este experimento esteja sendo observado por dois indivíduos, um deles dentro do trem e o outro à margem da linha férrea.

Todo o conjunto está representado no esquema a seguir:

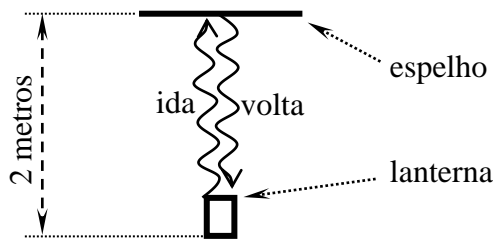


Peço ao leitor que, após ponderar sobre a questão durante alguns momentos, responda as seguintes perguntas:

- a) O percurso do raio de luz seria o mesmo para ambos os observadores?
- b) Qual ou quais seriam estes percursos?

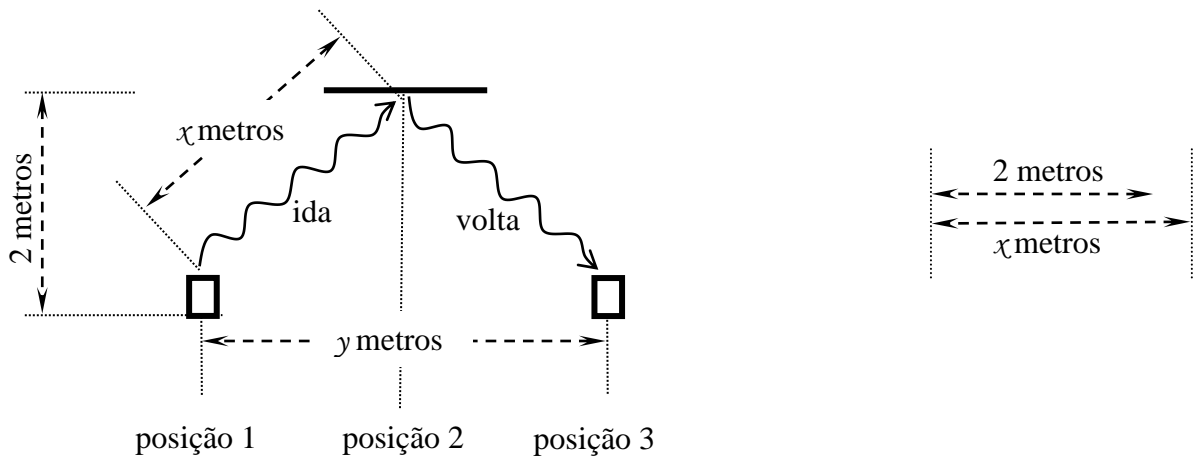
Vejamos se ambos chegamos à mesma conclusão:

Devemos considerar que para o observador dentro do trem, tanto ele mesmo quanto a lanterna e o espelho estariam à mesma velocidade, que seria a velocidade de deslocamento do trem, o que equivaleria a estarem parados. Portanto, para este observador o raio viajaria verticalmente para cima, refletiria no espelho e retornaria, também verticalmente, para sua origem. O que está representado a seguir:



No entanto, para o observador fora do trem, que estaria parado com relação ao solo, todo o resto estaria se deslocando à velocidade de viagem do trem. Portanto, tomando como tempo zero o momento de emissão do raio de luz, pode-se visualizar que, com o passar do tempo, todo o sistema se desloque no sentido em que o trem viaja.

Nesta abordagem, o raio luminoso descreveria um movimento oblíquo ascendente, até atingir o espelho, para então se deslocar, também obliquamente, em direção a lanterna. Este trajeto está representado a seguir:



Utilizando um procedimento matemático, é possível determinar que a distância χ é maior que 2 metros, o que também pode ser observado visualmente pelo esquema apresentado. O valor real de χ dependerá da velocidade com que o trem se desloca, pois, quanto maior a velocidade do trem, maior será este valor.

Então, para o observador dentro do trem, o raio de luz percorreria uma distância de 4 metros, ida e volta, enquanto que para o observador fora do trem, esta distância seria igual a duas vezes χ , o que é superior aos 4 metros.

Considerando que a Teoria da Relatividade postula que a velocidade de propagação da luz é a mesma para todos os observadores¹⁰, conclui-se, então, que será necessário um tempo maior no segundo caso do que no primeiro.

Por mais incrível que possa parecer, verifica-se, assim, a necessidade do tempo transcorrer diferentemente para cada observador. O homem dentro do trem estará sujeito a uma dilatação do tempo, significando que o tempo fluirá mais devagar para este do que para o outro.

Todos estão sujeitos a esta variação, em que o tempo flui de acordo com a velocidade de deslocamento, porém, para velocidades em que se vivencia no cotidiano, inclusive em viagens de avião, a dilatação do tempo é ínfima, não sendo passível de observação sem instrumentação altamente sensível.

Contudo, conforme a velocidade aumenta, esta dilatação do tempo atingirá valores perceptíveis. Quando atinge velocidades muito altas, o tempo flui muito vagorosamente até que, ao atingir a velocidade da luz, o tempo para, isto é, deixa de fluir.

Esta idéia até parece ser um absurdo, mas é exatamente isto o que demonstra os experimentos até então realizados.

A Teoria da Relatividade prediz outros fenômenos não menos “estranhos”, como o aumento de massa e a contração do espaço.

Um objeto qualquer, quando acelerado a altas velocidades, apresentará um aumento da sua massa. Em outras palavras, um objeto cuja massa seja 1quilograma, quando acelerado à metade da velocidade da luz, pesará 1,155 quilogramas, isto é, pesará 155 gramas a mais, sem que qualquer material seja adicionado ao objeto.

Um ponto interessante é que, ao ser acelerado a velocidades próximas à da luz, a massa atingiria o infinito, significando que não haveria a possibilidade de objeto algum atingir tal velocidade, pois a energia necessária para este empreendimento seria também infinita, o que é impossível.

Outro efeito deveras interessante ocorre com relação à contração do espaço. Quando um objeto qualquer é acelerado a altas velocidades, o seu comprimento tende a diminuir. Em outras palavras, um objeto de 1 metro, quando acelerado à metade da velocidade da luz, apresentará um comprimento de 86,6 centímetros.

De acordo com o que foi apresentado, pode-se concluir que, ao ser acelerado à velocidade da luz, o comprimento do objeto seria igual a zero, isto é, não apresentaria mais uma das dimensões.

Resumindo o que foi visto, conclui-se que, ao atingir a velocidade da luz, um objeto adquiriria as seguintes características:

1. Sua massa aumentaria ao infinito, isto é, se tornaria infinitamente pesado;
2. Seu comprimento seria zero, isto é, não apresentaria uma das dimensões;
3. O tempo, para este objeto, deixaria de fluir.

É preciso convir que estas características são muito estranhas e muito difícil de se conceber algo nestas condições, todavia, este comportamento é o previsto pela teoria.

Porém, apesar da dificuldade de concepção, é de fácil reconhecimento que estamos diante de um limite imposto unicamente pelas propriedades da matéria conhecida, contudo, nada impede que exista matéria com propriedades outras que estejam além da nossa capacidade de apreensão. Pode-se compreender o que foi colocado como uma fronteira que a ninguém é permitido cruzar, portanto, a região além desta permanece desconhecida.

Esta situação, apesar de parecer peculiar, não é tão incomum, ao longo de sua história, a humanidade vivenciou uma infinidade de circunstâncias iguais a esta e ainda existem tantas outras.

Se considerarmos, por exemplo, que na época em que não existiam os meios de transporte, nem mesmo a utilização de animais para montaria, o deslocamento humano era realizado exclusivamente através da caminhada e que, por esta limitação, as excursões para reconhecimento e para busca de provisões, ocorriam em distâncias muito pequenas e, com certeza, os indivíduos perquiridores da época, como os de hoje, sempre se questionariam sobre o que haveria além dos limites impostos pelas condições disponíveis.

Assim, as incursões nas circunvizinhanças em busca de alimentos ou água, eram limitadas à capacidade de caminhar, portanto, apenas uma porção ínfima do planeta era conhecida.

¹⁰ A teoria da relatividade postula que a velocidade da luz é a mesma para todo e qualquer observador. O valor considerado como real para a velocidade da luz no vácuo é 299792458m/s, contudo, para cálculos didáticos,

Devido às limitações impostas pela falta de desenvolvimento tecnológico, o homem, da sua posição com relação ao nível do solo, vislumbrava um horizonte, além do qual não era possível enxergar. Assim, surgiu a idéia de que a Terra era plana e que além das bordas nada mais existiria. Um ponto interessante é que acreditavam que se alguém alcançasse a borda poderia cair. Para onde? Não se sabia.

Com a evolução natural da percepção humana, incluindo o ferramental disponível, a capacidade de observação foi gradativamente aumentando e, com isso, idéias que eram consideradas como “realidade” foram, aos poucos, sendo reavaliadas, podendo-se, assim, aprimorar o conhecimento, novas “realidades” então surgiram.

Portanto, o que a humanidade faz desde os tempos em que ainda não era muito diferente dos macacos, de quem presumisse que descendemos, é aprimorar o conhecimento vigente.

Observando-se, então, a própria história, pode-se conceber que este comportamento que se repete a tantos milênios forçosamente deverá continuar ainda por muito tempo. Quem poderá afirmar quando o limite do conhecimento será atingido? Será que existe um limite?

Todavia, existe sempre uma janela, por mais pequenina que seja, pela qual a humanidade pode vislumbrar a existência de algo além do que se é conhecido.

Certos experimentos demonstram a existência de “algo” além da velocidade da luz, pois indicam que este “algo” é capaz de atingir velocidades superiores a esta.

Pode-se apontar a pequenina janela como sendo os fenômenos denominados de *não-local*. A possibilidade da ocorrência de fenômenos não local foi demonstrada matematicamente por John Bell, físico norte-irlandês, em 1964; posteriormente, em 1982, foi demonstrada experimentalmente pelo físico francês Alain Aspect.

Para uma melhor compreensão, é necessário definirmos, primeiramente o que seja um fenômeno “local”.

O princípio da localidade é explicitado como tudo o que acontece no espaço-temporal conhecido, obedecendo ao limite de velocidade descrito pela Teoria da Relatividade.

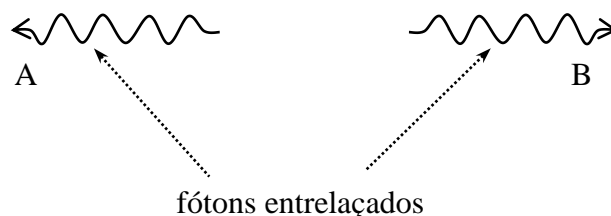
Nos casos de não-localidade, o fenômeno ocorreria fora deste espaço-tempo conhecido. Assim, a limitação de velocidade deixa de existir, pelo menos é o que indicam alguns experimentos, como o descrito a seguir:

Dois fótons, isto é, dois quanta de luz, emitidos simultaneamente, viajando em direções opostas e que estejam, de alguma forma, ligados uma ao outro, pode-se dizer que seus destinos estão entrelaçados. Nestas condições, qualquer alteração sofrida por um deles

utiliza-se o valor arredondado de 300000km/s.

irá, automaticamente e imediatamente, acarretar a mesma mudança no outro, independente da distância em que se encontrem ou de qualquer obstáculo entre eles.

Vejam os esquematicamente o que foi exposto:



O fóton A estaria viajando, a velocidade da luz, no sentido da direita para a esquerda, enquanto que o fóton B estaria viajando a mesma velocidade, mas em direção oposta.

Devemos imaginar que para uma alteração na situação do fóton A ser refletida no fóton B, isto é, sofrer a mesma modificação, será necessário que haja algum tipo de informação fluindo de um para outro, portanto, os dois fótons deveriam estar em constante “comunicação”.

Reflitamos a respeito: para que uma informação qualquer viaje do fóton A para o fóton B que estão se distanciando a uma velocidade equivalente a duas vezes a velocidade da luz, será necessário que esta informação viaje com velocidade superior a 600.000km/s. Isto significa que existe informação fluindo acima da velocidade da luz¹¹.

Estamos diante de um ponto muito importante. De um lado, as teorias da Física estabelecem o limite, as fronteiras do mundo material perceptível e estudado; por outro lado, existem indicações, apresentadas por esta mesma Física, da existência de outra realidade além desta fronteira¹².

Percebe-se, assim, que não se possui conhecimento profundo sobre nada, o que pode ser extrapolado para o nosso próprio ser, o que, certamente, causa alguma sensação de frustração.

¹¹ A idéia vigente é de que não ocorre troca de sinais. Porém, fomos instruídos a manter esta abordagem.

¹² O assunto deste capítulo é tratado em maiores detalhes no livro Reprogramação Mental - Uma Viagem com Joanna de Ângelis - do próprio autor.

Sob este prisma, parte-se do princípio que se pode considerar a existência de um plano diferente desta que mantemos uma vida de relação, isto é, o plano físico em que vivemos, sem incorrer na crença do impossível, haja vista que, pelo menos até o momento, a existência deste plano extrafísico ainda se mantém como uma possibilidade, sem nenhuma comprovação contrária.

Portanto, a partir deste ponto tudo o que será discutido partirá da premissa que, não apenas existem espíritos, mas que a comunicação entre os dois planos em questão é passível de ocorrer, dependendo apenas da existência de aparelhagem adequada para tal propósito.

A aparelhagem mencionada se refere à certa capacidade apresentada por alguns indivíduos de promoverem, ou melhor, intermediarem uma interação inter-planos.

Desta forma, considerando o que foi exposto, poder-se-ia analisar a seguinte passagem:

Corria o ano de 1976, com quinze anos de idade, época em que não se dispunha de ar condicionado tão facilmente como nos dias atuais. Dormir, às vezes, era difícil, não apenas pelo calor, mas por uma dificuldade natural; permanecia deitado até às 2 ou 3 horas da manhã, ocasionalmente passava a madrugada em claro. Porém, independente se fazia calor ou frio, mantinha sempre uma manta sobre o corpo e aberta a porta do quarto.

O quarto de meus pais ficava ao lado do quarto em que eu dormia, as duas portas ficavam próximas; contíguo a parede lateral ficava o banheiro, formando um L, com a cozinha vindo logo depois. Neste arranjo, para alguém ir da cozinha para o quarto de meus pais, forçosamente passaria em frente a porta do meu quarto.

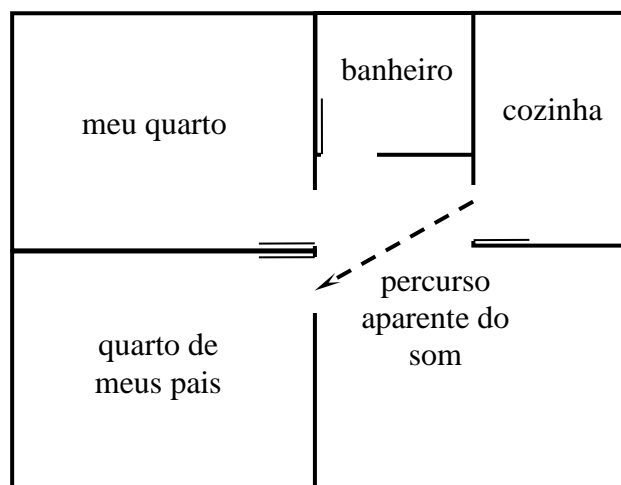
Em determinada noite, como de costume, não conseguia dormir, virava de um lado para outro; não saberia precisar a hora, mas todos da casa já dormiam.

Subitamente ouço um som similar ao que se faz quando alguém está dissolvendo açúcar em um copo com um líquido qualquer, ou como se costuma falar “mexendo” café, chá ou um suco. A origem deste som se deslocava, como que indo da cozinha para o quarto de meus pais; imediatamente imaginei que um deles estava acordado e havia ido a cozinha preparar algo para beber.

Virei-me para a direção da porta, de forma a poder ver o corredor; chamei, então, por meu pai e por minha mãe, sem obter resposta, seria impossível não terem me ouvido, pois a casa não era grande e pairava o silêncio da noite.

Nada mais me restou a fazer além de cobrir-me dos pés a cabeça e permanecer imóvel até, finalmente, conseguir dormir.

O esquema a seguir apresenta a disposição dos cômodos e o caminho que, aparentemente, foi percorrido pela fonte do som.



Tentar compreender ocorrências como esta não é tarefa fácil quando não se tem o mínimo conhecimento sobre estes assuntos. Por ocasiões de crianças e adolescentes serem acometidos por experiências deste tipo e não receberem o apoio e carinho dos pais ou responsáveis, pacificando-os e amenizando os conflitos gerados pelo medo do desconhecido e, especialmente, pelo que não consegue explicar, poderão surgir distúrbios duradouros, cuja gravidade dependerá da suscetibilidade que apresente.

Contudo, é preciso também ressaltar que pelo simples fato de ser um adulto, o indivíduo não estará imune a tais distúrbios, sendo a única diferença o fato deste buscar orientação por iniciativa própria enquanto no outro caso será necessário conduzi-los. Em ambos os casos é preciso estar atento.

Em um relato sobre as seções realizadas com um de seus pacientes, Jung salienta o surgimento do medo de enlouquecer, dizendo, ainda, estar “plenamente convencido da extraordinária importância dos dogmas e ritos, pelos menos enquanto métodos de higiene”¹³, servindo como uma profilaxia dos distúrbios mentais.

Para ser possível o entendimento do que Jung queria dizer com esta expressão, e também a mediunidade, pois ambos são processos mentais, é importante compreender como ele concebeu a estrutura da psique.

Quando não se possui algum conhecimento sobre o assunto, é comum não conseguir formar uma imagem da psique; simplesmente não se é capaz de imaginar uma estrutura qualquer que lhe esteja relacionada. Todavia, Jung, utilizando um processo comparativo ao

¹³ Jung; Psicologia e Religião; pg 49.

que se conhece, conseguiu atribuir-lhe uma forma que é quase impossível não reconhecer a semelhança.

Jung compara a psique humana com uma ilha cercada pelo oceano. A ilha representaria o consciente, enquanto que o oceano representaria o inconsciente.

Desta imagem pode-se concluir um fato que é de fundamental importância para nortear a análise que venhamos a fazer dos fatos que nos são apresentados: percebe-se que somos muito mais inconsciente do que consciente, isto é, sabemos muito pouco a nosso próprio respeito. Isto, todavia, não é tudo, Jung afirma ainda que a experiência demonstra que ambos, consciente e inconsciente, quase nunca estão em acordo, isto é, a natureza de seus conteúdos e as suas tendências não são as mesmas¹⁴, por conseguinte, pode-se dizer que apresentam necessidades diferentes.

Considerando o consciente como um estado transitório, cuja finalidade seria a adaptação às condições vivenciadas em determinado período, seria uma região da psique onde se localizaria todo o conteúdo necessário para a manutenção da vida cotidiana, enquanto que todo o restante permaneceria no inconsciente.

Retornando a comparação apresentada, imaginemos uma ilha flutuante, isto é, capaz de se mover de acordo com as condições das marés. Na condição de navegante, a cada momento a ilha poderá estar em uma posição diferente, ou não, o que dependerá da maré.

Transpondo esta imagem para a psique, a região consciente poderá se encontrar em uma posição diferente diante de uma situação qualquer que promova esta alteração, o que dependerá de condições específicas; nestes momentos poderá haver uma mudança do seu conteúdo.

Podemos imaginar, ainda, uma ilha em que, também dependendo do movimento das marés, haverá uma deposição de areia em suas praias, aumentando, assim, o seu tamanho, enquanto que, em momentos outros, a areia poderá ser subtraída, o que fará com que retorne ao seu tamanho original ou até mesmo diminua.

Novamente transpondo esta consideração para a região consciente, podemos igualmente imaginar que, dependendo da situação, poderá ocorrer um alargamento das suas fronteiras, fazendo com que conteúdos que pertenciam à região do inconsciente se torne momentaneamente consciente ou, em sentido contrário, que este diminua de tamanho, fazendo com que conteúdos que antes se encontravam dentro de suas fronteiras não mais lhe façam parte.

Nestas condições, um indivíduo apresentaria um comportamento psicótico.¹⁵

¹⁴ Jung; A Natureza da Psique; pg 1.

¹⁵ Jung; A Natureza da Psique; pg 2.

Esta idéia pode ser de difícil compreensão, porém, sua aceitação se torna muito mais fácil ao se considerar a psique como um campo de energia; o consciente seria uma pequena parcela limitada deste campo, cujas fronteiras não seriam fixas, como ocorre em um país, por exemplo, mas, sendo de natureza energética, apresentariam uma certa flexibilidade.

A concepção de a psique ser um campo energético é apresentada pelo próprio Jung.¹⁶

Assim, segundo este raciocínio, ousaria dizer que a mediunidade em si pode ser comparada com este alargamento da região consciente, adentrando em camadas energéticas da psique um tanto diferente das normalmente utilizadas. É nesta outra região que ocorreriam as comunicações com seres desprovidos de um envoltório carnal, isto é, os espíritos.

Não estamos dizendo com isso que as pessoas dotadas de alguma capacidade mediúnica seriam indivíduos psicóticos, mas apenas salientando que os dois mecanismos podem se superpor, causando grande dificuldade na identificação de um e de outro.

Porém, vale ressaltar que condições de mediunidade desarmonizadas, isto é, que não foram trabalhadas, fortalecendo o médium para lidar com suas faculdades, poderão culminar em estados patológicos.

Da mesma forma que o fortalecimento de um músculo qualquer somente poderá ser atingido através de exercício direcionado e constante, o médium se fortalecerá também através de exercício, só que, neste caso, não será físico, mas mental.

Estudo adequado sobre o assunto e a prática de meditação são um forte auxílio, assim como a adesão a um grupo sério voltado para a prática de controle emocional e comportamental. As religiões deveriam suprir esta necessidade, porém, é preciso estar atento e analisar o quanto a religião escolhida realmente esclarece sobre estes assuntos.

Seguindo a visão de Jung sobre a psique, o inconsciente seria subdividido em “pessoal” e “coletivo”.

O inconsciente pessoal seria a região da psique onde seriam armazenados os acontecimentos que não são registrados pelo consciente, e se localizaria abaixo deste.

A idéia do inconsciente coletivo é um pouco mais complexa, surgiu ao observar pacientes que apresentavam manifestações psíquicas correlacionadas com acontecimentos específicos ocorridos em épocas e locais diversos, na grande maioria das vezes, os fatos que reportavam estavam além do conhecimento do indivíduo em questão. Tais fenômenos, sob uma ótica não reencarnacionista, somente poderiam gerar a idéia de que, de alguma forma, a informação sobre todas as ocorrências da humanidade, em todos os tempos, deveria permanecer disponível em um local qualquer, sendo possível de ser acessado quando em alguns estados da consciência.

Este material que compõem o inconsciente, todavia, poderia ser analisado de outra maneira distinta, que o diferenciaria com relação a sua origem apenas, mas não quanto ao conteúdo.

Sob a ótica da reencarnação, é possível de compreender que o ser humano possui inerentemente a idéia da existência de algo além do mundo material ao qual se tem um contato mais imediato, enquanto em estado de vigília, e que, pelos mecanismos da mente, são registrados no consciente e de mais fácil percepção.

Por isso, desde tempos imemoriais que a humanidade procura estabelecer procedimentos religiosos que consistem, na grande maioria das vezes, de rituais para satisfazer as necessidades do consciente, que precisa ser sensibilizado através da matéria, e de dogmas para tentar satisfazer, mesmo que precariamente, a necessidade de explicações por parte do inconsciente.

Nos séculos XVII e XVIII, no mundo ocidental, houve um crescimento do culto da razão em detrimento do culto da religião. Talvez tal comportamento seja decorrente da inabilidade das religiões vigentes na época de responderem ou saciarem as necessidades de um inconsciente que, embora permaneça sem ser visto, exerce uma poderosa ação sobre o indivíduo. Tal acontecimento pode ter gerado o atual preconceito de considerar a psique como produtos ilusórios e, por isso, não necessitando de dedicação, o que conduz, infelizmente, a muitos pais crerem que apenas a satisfação das necessidades materiais de seus filhos seja suficiente para que cresçam saudavelmente, esta conduta é a responsável por tantos desastros atuais.

Nos últimos anos é possível verificar que está ocorrendo uma transformação na mentalidade humana. A busca por conhecimentos que transcendem o cotidiano vem crescendo gradativamente, o que pode ser facilmente verificado pelo crescimento da seção de livros religiosos e de auto-ajuda nas livrarias e pela freqüência cada vez maior nos templos religiosos.

Apesar disso, ainda impera um frenesi descabido por saciar o que se acredita serem necessidades materiais e gozos dos mais variados matizes, causando desarmonias para o espírito, acumulando desequilíbrios que, cedo ou tarde, deverão ser sanados.

Vivemos momentos difíceis, quando as incoerências de atos e de pensamentos oriundas de mentes em desalinho tentam frear a transformação, mas aqueles que já possuem o discernimento e que sentem a existência de Deus velando por todos, devem permanecer firmes em seus propósitos para, gradativamente, através do exemplo, influenciar beneficentemente aqueles que estejam em volta.

¹⁶ Jung; Energia Psíquica.

A questão do reconhecimento, ao menos considerar como possibilidade, de uma existência em diferente estado deste que estamos acostumados, pode ser melhor compreendido quando Jung, em sua biografia, que é, em realidade, uma autobiografia, após décadas de dedicação ao estudo da psique humana e, neste longo caminho percorrido, em que manteve a própria mente aberta a percepções de ocorrências além daquelas comuns ao cotidiano, pôde vivenciar inúmeras experiências interessantes, dentre elas, pode-se ressaltar uma experiência quase-morte, quando descreve sensações sem par.

Porém, como eu dizia, em sua autobiografia, Jung dedica um capítulo à questão da vida após a morte. Da sua posição de cientista, não se atreveu a afirmar a sobrevivência no pós-morte, entretanto, também não negou peremptoriamente esta possibilidade, deixando, portanto, o assunto em aberto.

Quando digo que “da sua posição de cientista” não afirma esta existência *postmortem* estou me referindo a impossibilidade da ciência, com o conhecimento atual, adentrar em uma região material que transcende à limitação da matéria que conhecemos e exposta no início deste capítulo.

Entretanto, as ponderações de Jung são dignas de nota, tanto que, se possível fosse, transcreveria todo o capítulo; devido a impossibilidade, ressalto uma em especial¹⁷.

“Quem acredita nisso ou lhe concede algum crédito tem tanta razão como aquele que não crê. Mas aquele que nega avança para o nada; o outro, o que obedece ao arquétipo, segue os traços da vida até a morte. Certamente um e outro estão na incerteza, mas um vai contra o instinto, enquanto o outro caminha com ele, o que constitui uma diferença e uma vantagem para o segundo.”

Analisando o texto transcrito acima, é possível traçar algumas ilações, dentre elas, pode-se ressaltar:

- a) O “nada” que aqueles que não aceitam a premissa do espírito acreditam que os aguarda é o motivo pelo qual tantos cometem desatinos sem par, tentando “viver a vida” de forma intensa, causando prejuízos para os outros e para si mesmos.

¹⁷ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 265.

- b) “ Obedece ao arquétipo” significa que existe um arquétipo, isto é, a pré-existência desta idéia em nós, independentemente da crença ou não da existência de espíritos e da vida além túmulo; a adesão à este instinto fará com que o indivíduo usufrua de vantagens sobre os que não aderem.

Este conhecimento pré-existente de que a vida não termina com a morte física pode ter origem no simples fato de que, após inúmeras incursões no plano físico, isto é, neste mundo, e tantas outras no mundo espiritual. Tal conceito, que para muitos ocidentais parece um despautério, é uma idéia comum entre os povos orientais em geral, enquanto que no ocidente apenas uma parcela da população a aceita.

O Budismo define estas idas e vindas como *Sansara*, o ciclo de nascimento e morte.

A mente ocidental ainda está muito “contaminada” com a idéia iluminista de uso da razão que, embora sob certo ponto de vista, seja de grande utilidade, não pode nem deve ser conduzida ao extremo. Todavia, mesmo que ainda sob o guante desta idéia, quando se decide analisar friamente certos fenômenos psíquicos, não há como não reconhecer sua existência. Desta forma, é muito interessante acompanhar, ao longo de suas obras, o amadurecimento de Jung com relação ao assunto da existência de espíritos.

Seu estudo intitulado “Fundamentos Teóricos da Crença em Espíritos¹⁸”, proporciona ao leitor uma teoria aparentemente lógica e ponderada do porquê e como é difundida a idéia de que espíritos são uma realidade. Ao longo de todo o texto fica demonstrado que tal crença é infundada.

Jung apresenta três motivos básicos que conduzem à idéia da existência de espíritos:

1. Aparições;
2. Sonhos;
3. Distúrbios patológicos.

Embora aparentem ser três motivos distintos, em sua dissertação, ele os apresenta como sendo derivados do mesmo princípio: brotam do inconsciente, como projeções deste¹⁹.

As aparições se assemelhariam aos sonhos, diferenciando apenas no tocante ao estado do indivíduo; no primeiro caso estaria em estado de vigília, enquanto que no segundo estaria dormindo. O mesmo processo ocorreria nos casos de distúrbios mentais.

Porém, ao final do texto, algumas ponderações muito sensatas são apresentadas.

¹⁸ Jung; A Natureza da Psique; pg 239-258.

¹⁹ Jung; A Natureza da Psique; pg 247.

Primeiramente reconhece que existe um grande preconceito com relação a este tipo de fenômeno e, assim, a maioria daqueles que os vivencia não relatam os fatos ocorridos. Com isso, não se dispõem de um número suficiente de casos para servir de embasamento para uma teoria.

Também assevera que evitou abordar a questão da real existência ou não de espíritos, mantendo-se restrito “a análise psicológica”.

Reconhece, ainda, que alguns fenômenos de comunicação com espíritos, especialmente nos casos em que se é possível provar a identidade daquele que se comunica, há uma certa dificuldade de explicação e, felizmente, o que credito a sua característica peculiar de se ater sempre a lógica e a razão, independentemente de qualquer outra coisa, não intitula de farsa aquilo que seja inexplicável pelo conhecimento que possui.

Por fim, tendo estudado intensamente a Doutrina Espírita, reconhece sua finalidade terapêutica, sendo capaz de afirmar que tanto o Espiritismo quanto a Psicologia almejam atingir a mesma finalidade.

CAPÍTULO III

PERCEPÇÃO

Segundo o dicionário, a palavra “percepção” seria a faculdade de perceber.

Reconheço que não é muito esclarecedor, porém, ao consultarmos a palavra “perceber” obtemos, como resultado, o seguinte: “adquirir conhecimento de algo por meio dos sentidos”²⁰.

É, então, possível compreender a grande importância dos sentidos na aquisição de conhecimentos, mas, normalmente, não nos damos conta deste fato, apenas quando, por um motivo qualquer, nos falta um deles. Portanto, a interação dos animais com a matéria é realizada através dos sentidos disponíveis; com relação aos animais de ordem mais elevada, como os mamíferos, incluindo a raça humana, são em número de cinco, que são: tato, audição, olfato, visão e paladar.

Costuma-se rotular de inexistente tudo aquilo que não pode ser sentido, mesmo com todos os exemplos que se é vivenciado no cotidiano.

Observando um cão, por exemplo, pode-se notar que ele é capaz de ouvir muitos sons que o ouvido humano não é capaz de perceber, isto, porém, não significa que o som não tenha ocorrido, haja vista que o cão o ouviu.

Muitas vezes, os mais crentes crêem até que o cão é possuidor de percepções extra-sensoriais, simplesmente por perceberem a aproximação de alguém, por exemplo, muito antes que este alguém tenha efetivamente chegado, quando, na verdade, apenas foi capaz de distinguir um som qualquer que seja característico do indivíduo em questão, como um tilintar de chaves ou algo semelhante que é, devido à distância ou à frequência, imperceptível ao ouvido humano.

Exemplos como este são infindáveis.

Da mesma forma que existe um “mundo” além dos limites dos cinco sentidos descritos anteriormente, que ainda é observável devido a toda uma gama de instrumentação desenvolvida pela tecnologia, existe um outro que se encontra além da capacidade de percepção a esta mesma instrumentação, ao menos até o presente momento. Este outro “mundo” seria perceptível por uma propriedade específica: o que se costuma denominar de “sexto sentido”.

²⁰ Aurélio; Novo Aurélio – Século XXI.

Os cinco sentidos mencionados apresentam uma atuação na esfera física, apesar de, é claro, ser necessário uma participação psíquica para analisar a informação que se adquire nestes processos.

O que normalmente é denominado de sexto sentido teria uma origem energética, isto é, se localizaria em um campo de energia.

A sua localização que, a primeira vista é o mais lógico, seria na própria psique, porém, se assim o fosse, razão não haveria para que todas as pessoas não a possuíssem, pois acredito que a natureza da psique, sendo energia, seja a mesma para todos, variando, na verdade, seus conteúdos, isto é o que caracterizaria a individualidade.

Muito provavelmente, o sexto sentido deva se localizar em uma região de interação entre a psique e o corpo. Estando em um local mais próximo da psique que os outros cinco, seu efeito é mais acentuado nesta; o corpo registraria apenas as reações decorrentes da assimilação do estímulo recebido.

O sexto sentido ainda permanece uma incógnita, pois é impossível de ser analisada com o conhecimento acadêmico atual. Contudo, sua existência pode ser inferida. Para tanto, é necessário avaliar racionalmente alguns de nossos posicionamentos com relação ao que consideramos como realidade do mundo que nos cerca. Um exemplo muito simples e claro de como as coisas não são necessariamente como imaginamos, são as cores dos objetos.

Quando olhamos para um carro e dizemos que sua cor seria a amarela, não estamos, com isso, retratando com fidedignidade o que estamos observando.

Primeiramente a concepção de cor é altamente questionável, pois nada garante que uma outra pessoa verá o tom de amarelo exatamente igual a que nós observamos. Poderá até mesmo acontecer desta outra pessoa não reconhecer o carro como amarelo, poderá considerá-lo de uma outra cor qualquer, e isto é o que ocorre com os daltônicos.

A cor nada mais é do que uma percepção individual, cuja tonalidade dependerá de como cada um reage ao estímulo recebido. O estímulo em questão, seriam os raios de luz de diferentes comprimentos de onda que chegam até os olhos. Cada faixa de comprimento de onda corresponde a uma cor diferente.

Obviamente que existe uma resposta comum para certos comprimentos de onda, por isso que existe um consenso com relação a certas cores, mas nada garante que sejam de mesmo nuança.

Afinal, o principal exemplo de como a percepção pelos sentidos de um estímulo qualquer é pessoal, isto é, cada indivíduo percebe de uma forma diferente, é claro que muitas vezes são similares, mas não sempre, é denominado de sinestesia.

A sinestesia, em termos muito simples, é quando os cinco sentidos se mesclam. Mas, o que isto realmente significa?

Quando não se tem uma idéia de como nossas percepções são registradas pelo cérebro, a idéia de sentidos que se mesclam pode parecer um completo absurdo, no entanto, quando se compreende que todos os nossos órgãos relacionados com os cinco sentidos traduzem aquilo que foi um estímulo em sinais elétricos que serão, então, reconhecidos, o processo se torna de mais fácil entendimento.

Isto significa que quando vemos o algarismo um, em preto, os raios luminosos que penetram os olhos através das pupilas irão sensibilizar a retina, localizada no lado oposto do globo ocular.

Da retina, é enviado, via nervo ótico, um sinal ao cérebro, onde será decodificado nas inúmeras informações, tais como: forma e cor, com cada tipo de informação sendo enviado para o setor correspondente.

Imaginemos, por exemplo, que haja um desvio qualquer no percurso da informação e, assim, o atributo numérico estaria ligado à região do cérebro que processa as cores. Nesta situação, o indivíduo poderá ver o algarismo um em vermelho, mesmo que ele seja de outra cor.

É importante notar que não se trata de daltonismo, pois se houver vários algarismos um em meio a outros algarismos, poderá identificar os “um” em vermelho, os “dois” em azul e os “três” em verde, quando, em realidade, todos estão em preto.

Portanto, existem pessoas que vêem cores quando ouvem certos sons ou, até mesmo, sentem sabor ao verem determinadas formas.

Pode até parecer estranho, mas é uma realidade²¹.

Todavia, para uma criança com o pouco de conhecimento que lhe é esperado e sem grande capacidade de compreensão de assuntos complexos, toda esta teoria não tem o menor fundamento. Sujeita a fenômenos de percepção de um algo que vai além do que pode ser visto e tocado, poderá experimentar forte temor de se encontrar em certas situações que não compreende.

Contudo, a incompreensão por parte de uma criança é compreensível e aceitável, porém, quando se trata de adultos, especialmente aqueles responsáveis por crianças dotadas de capacidades pouco comuns, é simplesmente inadmissível.

Mesmo que não possua conhecimento sobre assuntos complexos relacionados com a existência do ser, os adultos devem ter, ao menos, por menor que seja, a capacidade para aceitar e tratar com respeito toda e qualquer dificuldade que uma criança encontre para se

desenvolver saudavelmente, ciente de que todas as experiências que esteja vivenciado faz parte da natureza humana.

Amor, carinho e compreensão são palavras chaves em qualquer situação, especialmente com aqueles sujeitos a ocorrência de fenômenos mediúnicos. A percepção extra-sensorial pode ser muito conflitante para quem a vivencia. Com um pouco de imaginação é possível ter a noção do que seja, façamos um exercício:

“Imagine-se só em sua residência, local em que normalmente as pessoas se consideram mais protegidas e confortáveis, quando repentinamente surge uma sensação de que alguém o observa, espreitando de algum lugar sem se saber de onde ao certo; às vezes não se trata um apenas, mas vários observadores. Estes ‘seres’ estariam em sua casa e não se tem a menor idéia de quem sejam, apenas estão lá, vindos não se sabe de onde e, quando partem, também não se sabe para onde; não há rostos, nem vozes, nem corpos, apenas são.”

Desde criança vivencio este tipo de situação e devo confessar que não posso dizer que estou acostumado. Algumas vezes a sensação é reconfortante, outras vezes é assustadora. À noite é que tudo piora...

A pior coisa que podia me acontecer na infância e adolescência era acordar durante a noite necessitando uma pequena e rápida visita ao banheiro, pois as experiências eram muito parecidas com a descrita a seguir:

Todos na casa dormiam quando acordei, necessitava urgentemente ir ao banheiro, olho para um lado e para o outro, não vejo nada anormal, mas pressinto presenças fora do quarto, como se estivessem espreitando, à minha espera. Penso em resistir e tentar dormir novamente, mas é impossível esperar mais. Pondero e não vejo outra saída, me levanto vagarosamente, caminho até a porta do quarto e depois até o banheiro, sempre olhando em todas as direções; deixo a porta aberta.

Em pé, diante do vaso sanitário, tenho a sensação de ser observado mais intensamente, sinto que se me voltasse para trás depararia com vários rostos a me fitar, viro a cabeça, mas não vejo ninguém, apenas os sinto.

Enquanto lavo as mãos, com um espelho pendurado sobre a pia, olho meu reflexo, podendo ver atrás de mim ao mesmo tempo. Eles estão lá, eu os sinto, mas continuo sem vê-los.

²¹ Scientific American; maio 2003, pg 42-49.

O retorno à minha cama é mais rápido, pois não ando vagarosamente, corro e me enfiio debaixo das cobertas e novamente me sinto na segurança de minha cama.

Situações como esta se repetiram inúmeras vezes desde então até os dias atuais, com a diferença de que não mais tento reprimir a vontade de urinar, não ando mais vagarosamente e nem corro de volta à cama, contudo, ainda não posso dizer que tenha me acostumado...

As experiências são tão variadas que é impossível descrevê-las todas e, com certeza, existe uma infinidade de outros matizes que desconheço, pois cada qual as vivencia em acordo com suas características particulares. Porém, ainda há muita história para ser contada.

Durante um certo período de tempo, não sei precisar a duração, mas creio que deva ter se prolongado por dois ou três meses em 1991, eu convivi com uma sensação de estar rodeado por espíritos, durante dia e noite, em qualquer lugar, no trabalho ou em casa.

Confesso que a perturbação era muito grande, pois parecia que eu os tinha por toda a minha volta, inclusive, por mais incrível que possa parecer, era como se alguns deles estivessem colados as minhas pernas e, quando caminhava, era como se eu os arrastasse, chegava a sentir o peso, muito similar ao o que é muito comum em brincadeiras de crianças com adultos, quando a criança abraça a perna do adulto que, por sua vez, caminha, arrastando-a.

À noite, como já falei anteriormente, tudo piora, porém, não creio que a noite seja um momento especial ou tenha alguma propriedade que a luz do dia iniba, acredito apenas que seja o momento do dia em que normalmente nos encontramos mais tranquilos, quando cessam os ruídos de toda as atividades diurnas e um certo silêncio paira no ar e que, por este motivo, estejamos mais aptos a perceber outros tipos de movimentação ao redor, em suma: à noite estamos mais receptivos.

Costumava, nesta ocasião, deitar-me muito cedo, pois, se me recolhesse um pouco mais tarde, não conseguia dormir. Confesso que esta prática não adiantava muito, dormir não era fácil, porém usufruía um pouco mais de descanso. A verdade é que não havia muito que poderia ser feito.

Por vezes, de tão atormentado que eu ficava, saía, tarde da noite, para caminhar na rua, buscando encontrar um pouco de paz, que eu não encontrava em casa. Em uma destas noites, um casal amigo que morava perto, vindo de uma recepção e, por isso, chegavam tarde em casa, me viu caminhando na calçada e pararam para saber se eu estava com algum problema, disse que estava estressado e não conseguia dormir. Para minha sorte, eles resolveram me levar para sua casa, me serviram um chá quente com alguns biscoitos e passei a noite no

quarto de hóspedes. Após muito tempo, tive uma boa noite de sono, o que revigorou minhas forças.

Em ocasiões deste tipo, existe sempre uma perturbação no ambiente, algo de indescritível, sabe-se que algo está acontecendo, mas não se consegue definir o que seja. Nestas condições é facilmente compreensível que uma certa inquietação se apodere do indivíduo o que, conseqüentemente, trará implicações na vida cotidiana.

O estresse gerado desta forma, adicionando a dificuldade de dormir, que dependerá do grau da situação, poderá transparecer sob as mais variadas formas como, por exemplo: nervosismo, pouca paciência, mau humor, cansaço, falta de atenção e irritação.

Um fator preponderante de todas as reações adversas decorrentes deste processo é a pressão psicológica imposta pela conjuntura, pelos espíritos que se fazem presentes e também pelo próprio indivíduo que, muitas vezes, não compreende e não aceita o que está sucedendo. O ser humano tem a propensão de se desestruturar diante das situações em que se encontra e que não tem o domínio do seu curso, sofrendo, assim, com a impotência diante dos fatos.

Tal comportamento, que muito provavelmente tem origem no orgulho, pode trazer conseqüências danosas. Ao se considerar o mais importante dentro da estrutura social, além dos prejuízos causados a si mesmo, o indivíduo será capaz de negligenciar com as necessidades imperiosas desta mesma sociedade para manter uma estrutura coerente com a ansiedade coletiva, contribuindo, desta forma, para manutenção das desarmonias sociais.

Ao adotar uma postura mais amena com relação a si mesmo e com os outros, o indivíduo adentrará em um padrão comportamental que facilitará a superação das condições adversas, sejam elas quais forem. Neste processo, também estará mais apto ao reconhecimento de que existem outras condições de existência que estão fora do nosso âmbito de ação ou, pelo menos, a consideração explicitada pela psicologia de que todos temos uma parte inconsciente e que não a conhecemos. Obviamente que o ideal seria a aceitação da existência de ambos.

No primeiro caso fica patente a impossibilidade de uma ação isolada por parte de alguém, havendo a necessidade da interação entre os diferentes seres, seja em que plano estiverem. Enquanto que no segundo caso, o indivíduo reconhecerá o pouco que conhece a si mesmo, o que, por conseguinte, demandará maior atenção para consigo e com o que considera como necessidades.

Ao considerarmos a existência de seres extracorpóreos, isto é, espíritos, e havendo estes a possibilidade de interação com o nosso plano, a recíproca também deverá ser considerada como verdadeira. Considerando ainda que a psique seria, nada mais nada menos, do que um campo de energia, deve-se concluir que quando ocorre um ajuntamento destes

seres, com seus campos psíquicos próprios, ao redor de alguém, o que caracterizaria um estado anômalo, acarretará, forçosamente, uma alteração do seu campo psíquico. As conseqüências, que dependerão do motivo que desencadeou a ação e do grau de entendimento daquele que é o alvo, serão inevitáveis.

Muitos anos depois, quando estes fenômenos se tornaram mais perturbadores e que a necessidade de um maior entendimento se tornou necessária, pude verificar que eu não era o único a quem coisas deste tipo aconteciam. Jung relata uma passagem similar, em que diz:

*“A casa parecia repleta de uma multidão, como se estivesse cheia de espíritos! Estavam por toda a parte, até mesmo debaixo da porta, mal se podia respirar.”*²²

No caso que relatei, não consegui identificar a razão de sua ocorrência, porém, estas ocasiões servem sempre de um alerta para que se busque assuntos que transcendem as necessidades diárias.

Porém, com relação ao fato similar ocorrido com Jung, o motivo daquele agrupamento em seu redor ficou claro.

Diante daquela situação, que devia ser muito desconfortável, haja vista que, em seu relato, ele diz que mal se podia respirar, ele se perguntava o que aquilo tudo deveria significar. Diante de sua pergunta, uma coisa interessante aconteceu, houve uma resposta vibrante em uníssono: “Nós voltamos de Jerusalém, onde não encontramos o que buscávamos.”²³

A partir deste momento, se iniciou um outro tipo de fenômeno, o da psicografia que será discutido em outro capítulo mais adiante.

Obviamente que existe uma grande variedade de matizes de fenômenos similares com que alguém pode se deparar durante a vida. Em diversas ocasiões pude me deparar com a certeza absoluta da presença de alguém, não conseguia enxergar, porém, é como se existisse um outro tipo de visão além da que ocorre por intermédio dos olhos, sabe-se exatamente onde ele se encontra, suas formas, seu contorno. Em resumo: é como se estivesse olhando para alguém transparente. No relato que segue, apresento uma experiência deste tipo.

Certa noite, devia ser o ano de 1992, quando me encontrava só em casa à noite; estava sentado na sala lendo um livro quando, de repente, pude observar que alguém havia chegado,

²² Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 169.

²³ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 169.

surgindo de algum lugar que dava a impressão de ser a porta de entrada, embora estivesse trancada; não conseguia distinguir qualquer parte do corpo, pois vislumbrava apenas o contorno, era como se fosse um corpo feito de água. Era um indivíduo muito alto e também muito forte, o que podia ser inferido pela largura aparente dos ombros.

Permaneci no mesmo local, observando a movimentação daquela figura, se é que se pode dizer que eu estava observando; ele caminhava de um lado ao outro, sempre voltado para mim a me olhar. Esta situação permaneceu durante algum tempo, não conseguia entender o que estava acontecendo e o que ele desejava.

Com o passar do tempo não sabia mais o que fazer, confesso que a minha posição não era muito confortável, assim, resolvi sair de casa e caminhar um pouco, na esperança de que, ao meu retorno, ele já tivesse partido, o que felizmente aconteceu.

CAPÍTULO IV

AUDIÇÃO

É possível definir toda e qualquer comunicação ou intercâmbio, como uma interação de pensamentos, pois toda e qualquer informação partindo de um determinado indivíduo, visando ser entendido por um outro indivíduo qualquer, precisa ser codificada por aquele que é a origem, sendo traduzido em palavras, desenhos, gestos, etc. segundo uma determinada lógica qualquer que possibilitará a interpretação da linguagem selecionada pelo receptor.

Portanto, a origem de qualquer informação envolvida em uma comunicação entre dois seres é a mente. Neste contexto, se deve inferir que as manifestações mediúnicas também sejam originárias de uma mente, cuja única diferença é o fato desta pertencer a um espírito, que no Espiritismo costuma-se definir de desencarnado. O receptor, isto é, aquele que receberá a mensagem, no caso em questão, seria um médium.

No mundo ocidental é uma prática considerar que processos mentais tenham apenas importância secundária, pois não se dedica muito tempo para pensar na complexidade da alma humana. O tempo é gasto, na grande maioria das vezes, com ocupações que podemos denominar de mundanas, isto é, aquilo que aparentemente é de necessidade imediata, principalmente os gozos e a aquisição ou manutenção dos bens materiais.

Sob este aspecto, tudo que é relativo a questões mentais adquire uma conotação pejorativa, acreditando-se não merecer “perder tempo” ou ser característico de pessoas mentalmente “problemáticas”, em termos chulos: “coisa de doido”.

Em décadas passadas, foi possível observar um movimento bastante intenso no sentido da liberdade sexual. O sexo era considerado como tabu, não se costumava falar a respeito e sua prática era envolta em segredos e vergonha. Apesar de todo desenvolvimento adquirido neste assunto, a humanidade ainda não conseguiu se libertar das amarras de assunto correlato, que são das dificuldades sexuais, isto é, fala-se muito a respeito e a prática em si se tornou mais aceita, mas aqueles que apresentam algum problema, como a impotência no caso do homem ou a frigidez no caso da mulher, por exemplo, são ainda tratados com sigilo.

Comportamento similar pode ser observado quando o assunto versa sobre questões mentais. A mediunidade ainda é considerada como tabu pela grande maioria das pessoas. Parte da culpa por este pensamento recai sobre a História, pois desde longas datas acredita-se na ação do demônio sobre as pessoas, e assim, quando surge a situação mediúnica, credita-se a uma ação demoníaca, ação esta que somente indivíduos degenerados estaria sujeitos.

Felizmente, observa-se uma tendência para o que vou denominar de “liberdade mental”, em alusão a liberdade sexual, que era a definição dada nas décadas de 70 e 80; consiste na aceitação da ação da mente, tanto na interferência entre indivíduos, sejam pessoas ou espíritos, quanto na ação da mente sobre o próprio corpo, atuando na prevenção de doenças ou auxiliando no tratamento, quando a moléstia já estiver instalada.

Este modo de vislumbrar o ser humano, isto é, em sua totalidade mente-corpo, é comum nas crenças religiosas orientais, como o Budismo, por exemplo. Podemos, então, falar em “orientalização” do pensamento ocidental.

Na realidade, no ocidente, com cada vez maior o número de seguidores, existe o Espiritismo, uma crença religiosa que, em alguns aspectos, se assemelha com o Budismo, dentre elas a principal seria a idéia da reencarnação e, em seguida, o princípio de causa e efeito, isto é, toda ação, boa ou má, trará conseqüências que, obviamente, dependerá da natureza da ação que a desencadeou.

Mais de dois mil anos separam estas duas vertentes de pensamento. Existe muita controvérsia sobre o ano em que Buda lançou seus ensinamentos, mas, como ilustração, podemos dizer que o Budismo surgiu em 500 A.C. na Índia, enquanto que o Espiritismo surgiu em 1863 D.C. na França. Ambas apresentam uma realidade mais ampla do que é comumente considerado, indo muito além do mundo físico material com o qual nos relacionamos no cotidiano.

A idéia apresentada por estas duas doutrinas da sobrevivência de “algo” após a morte que continua o seu processo de aprimoramento, é de fundamental importância para a conscientização da necessidade da busca de uma melhoria pessoal e social.

Também é preciso considerar que, em não ocorrendo a perda da individualidade no novo plano em que se encontra, pode-se conceber que todos os conteúdos mentais permaneçam intactos, em outras palavras, a mente se mantém inalterada, permanecendo com suas idéias próprias, pensamentos e lembranças.

Esta visão contrasta com a ótica materialista da mente, que apenas consegue “enxergar” a parte consciente do indivíduo, creditando muitos dos fenômenos mediúnicos como decorrentes de uma imaginação fértil ou, o que é pior, distúrbios mentais. Esta visão é responsável por muitos enganos, quando médiuns são submetidos a tratamentos inadequados, que podem causar graves conseqüências, muitas vezes podendo ser irreversíveis.

Por outro lado, é importante também estar atentos para não rotular alguma deficiência mental como mediunidade e, assim, privar o indivíduo do tratamento médico.

A sintomatologia pode se apresentar muito semelhante em alguns casos mediúnicos com distúrbios mentais e vice-versa. Um procedimento mais eficiente seria a combinação do tratamento médico com um acompanhamento espiritual.

Diante do exposto, para uma melhor compreensão dos fenômenos mediúnicos, é importante um entendimento da estrutura da mente, visando analisar alguns conceitos que podem ser avaliados sob outro prisma, uma visão mais abrangente, que é a espiritual.

No estado atual da evolução humana, ainda é impossível qualquer afirmação decisiva a respeito da estrutura e funcionamento da psique, porém, é possível trabalhar com o conhecimento disponível.

Um dos maiores pensadores a respeito do psiquismo humano foi o psiquiatra suíço C. G. Jung, que dedicou a sua vida ao estudo do assunto, visando oferecer um melhor tratamento para os seus pacientes, neste processo, deixou um fabuloso legado, na forma de texto, à humanidade. Jung escreveu inúmeros trabalhos relatando suas conclusões.

Assim, seus estudos são a porta de entrada para todo aquele que deseja se embrenhar pelos caminhos do desconhecido: a mente e suas relações.

Por outro lado, contudo, a necessidade de tratar em detalhes a psicologia junguiana também reside no fato de que muitas ocorrências na fenomenologia mediúnica encontram uma explicação psicológica, não querendo, com isso, dizer que estas explicações sejam satisfatórias. Um bom exemplo é apresentado a seguir.

Corria o ano de 1990, quando, certa manhã, ao acordar, pressenti, mesmo antes de abrir os olhos, que alguma coisa estava diferente, como se algo estivesse me mantendo imóvel. Talvez frações de segundos depois, que naquele momento me pareceram uma eternidade, comecei a ouvir uma voz, que parecia surgir diretamente em minha mente e não através dos ouvidos. Esta voz recitava um poema, em Português arcaico de Portugal, o que desconheço completamente, sendo capaz apenas de identificar.

Em determinado momento, resolvi forçar para abrir os olhos como uma atitude de defesa ou algo parecido, fui acometido, então, de uma forte dor de cabeça que me impediu de fazê-lo.

Ao final do poema, foi dado um nome que não sei dizer se se tratava do autor ao apenas de quem o recitava. Infelizmente nem o poema nem o nome ficaram gravados em minha memória.

Uma explicação psicológica para tal fato poderia residir na teoria do inconsciente coletivo e nos arquétipos.

Inconsciente Coletivo

Se por um lado Jung define o inconsciente coletivo como de natureza universal²⁴, portanto comum a todos, por outro lado diz que, quando conscientizado, assumem matizes que variam de acordo com a consciência em que se manifesta²⁵. Porém, nota-se que a definição é, portanto, incompleta, ou melhor, não satisfaz plenamente, haja vista a impossibilidade de se confirmar a igualdade dos arquétipos que se apresentam em diferentes pessoas para, desta forma, ser possível inferir que sejam, na realidade, os mesmos.

A semelhança não significa igualdade. Experiências vivenciadas por duas ou mais pessoas diferentes serão, por si só, também diferentes. Assim, sob outro ponto de vista, é possível analisar a questão do arquétipo como não sendo influenciado pela consciência, como afirmou Jung, mas sendo realmente como surgem, diferindo as ocorrências vivenciadas ou assimiladas pelos diferentes indivíduos em vidas anteriores.

Esta forma de analisar apresenta a vantagem de fornecer uma explicação lógica para a existência e acesso aos arquétipos pela inteligência, isto é, pelo indivíduo. Sendo possuidor da informação, que permanece obscurecido no inconsciente, através de mecanismos desconhecidos passa, pelo menos em parte, ao consciente.

Em suas próprias palavras Jung diz que:

*“O inconsciente coletivo é tudo, menos um sistema pessoal encapsulado, é objetividade ampla como o mundo e aberta ao mundo. Eu sou o objeto de todos os sujeitos, numa total inversão de minha consciência habitual, em que sempre sou o sujeito que tem objetos. Lá eu estou na mais direta ligação com o mundo, de forma que facilmente esqueço quem sou na realidade. ‘Perdido em si mesmo’ é uma boa expressão para caracterizar este estado. Este si-mesmo, porém, é o mundo, ou melhor, um mundo, se uma consciência pudesse vê-lo. Por isso, devemos saber quem somos.”*²⁶

Percebe-se a profundidade com que Jung considera o inconsciente coletivo, pois, se fosse composto apenas de ocorrências do passado da humanidade e que o indivíduo atual não tivesse participação alguma nestas ocorrências, seria impróprio utilizar a expressão “perdido

²⁴ Jung; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; pg 15.

²⁵ Jung; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; pg 17.

em si mesmo”, seria mais acertado descrever como “perdido no inconsciente coletivo”, ou algo semelhante, mas nunca na própria individualidade.

Pode-se até questionar o que foi colocado dizendo que o “si-mesmo” é definido com uma conotação de mundo. Contudo, ele próprio diferencia, ou melhor, especifica que não se trata do mundo de forma ampla, mas, na realidade, um mundo em particular.

Libertando-se do que denominou de “consciência habitual”, esquece de si mesmo, isto é, do *eu pequeno*, individualidade temporária cuja existência está limitada entre o período de nascimento e morte, para entrar em comunhão com o *eu grande*, que pré-existe ao nascimento e sobrevive a morte, com a consciência total.

Nesta visão, não haveria sentido utilizar o termo “inconsciente coletivo”, pois não representaria o que realmente se quer descrever. Porém, como a terminologia visa diferenciar do que denominou de inconsciente pessoal, definindo este como as aquisições e experiências do próprio indivíduo, poder-se-ia, então, utilizar o termo “inconsciente transpessoal”.

Em outras palavras, o termo “pessoal” designaria todo conteúdo psíquico que já foi registrado pelo consciente, em algum momento na presente existência, enquanto que o termo “transpessoal” designaria todo conteúdo que já foi registrado pelo consciente em existências anteriores à atual.

O primeiro seria superficial, possível de retornar à consciência mais facilmente e com um sentido mais completo; o segundo seria mais profundo e, por esse motivo, de acesso mais difícil; quando surge no consciente, é fragmentário e sem um sentido completo.

Em um caso, como já foi parte integrante da consciência atual, é apenas uma questão de relembrar, enquanto que no outro caso, é uma questão de aprendizado, haja vista que nunca foi registrado por esta consciência.

Assim, todo conteúdo psíquico que não foi devidamente trabalhado pela psique, como contrariedades não satisfeitas, medos, atos escusos, etc., ficariam como que uvas passa dentro de um bolo (as uvas passa seriam os arquétipos enquanto que o bolo seria o inconsciente), prestes a serem reconhecidas pelo paladar e, enquanto não forem trituradas pela mastigação, não poderão ser engolidas, causando, desta forma, alguma consternação.

Analisar o inconsciente coletivo como tendo origem nos processos reencarnatórios foi apresentada, em obra mediúnica, pelo espírito Joanna de Ângelis²⁷ e, todavia, não estaria tão em desacordo com as idéias de Jung, primeiramente por ele próprio reconhecer não se tratar

²⁶ Jung; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; pg 32.

²⁷ Joanna de Ângelis, Triunfo Pessoal; cap. 1.

mais do que uma hipótese deduzida do material analisado²⁸; e também, como ele mesmo diz, “o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas”²⁹.

Entretanto, Jung vai ainda mais além quando, ponderando a respeito da existência de um mundo espiritual, o qual denominou de “país dos mortos”, diz que, admitindo-se a hipótese da existência no pós morte, o inconsciente e o país dos mortos seriam, em realidade, a mesma e única coisa³⁰.

Arquétipos e Complexos

Um ponto muito interessante é que Jung coloca os arquétipos, conteúdos do inconsciente coletivo, e os complexos, conteúdos do inconsciente pessoal, como tendo vida própria, desta forma, os complexos e arquétipos exercem como que uma alteração no campo energético da psique. Quando cedemos a determinados impulsos, decorrentes de um estímulo qualquer, sejam palavras que ouvimos ou atos que assistimos, os complexos como que se ativam, isto é, a alteração no campo é aumentada devido ao recebimento, ou melhor, uma disponibilidade maior de energia para o complexo referente ao estímulo em questão, exercendo sua ação sobre o indivíduo, que muitas vezes não consegue controlar.

Embora muitas pessoas se ressentam por estes momentos em que perdem o controle sobre si mesmas, certos indivíduos se comprazem com a qualidade da carga de energia que é liberada quando um determinado complexo é estimulado. Nestes casos o indivíduo se compraz com o desvio de conduta de que é vítima.

Caso análogo ocorre aos dependentes químicos que necessitam de doses frequentes de determinadas substâncias; apesar de todo o dano causado, acreditam sentir satisfação quando, na realidade, sentem necessidade mórbida.

Exemplos bem característicos sobre estímulo e reação são os adeptos de esportes radicais. Ao se depararem com uma determinada situação, como a iminência de saltar de grandes altitudes, o organismo imediatamente libera uma descarga de adrenalina. Nestes casos, a altura é o estímulo, enquanto que a liberação de adrenalina seria a reação.

Da mesma forma que as pessoas que apresentam um vício qualquer, seja de que natureza for, não estão fadadas à submissão para o resto de suas vidas, podendo reverter o quadro a qualquer momento, bastando para isso disponibilizarem uma quantidade de energia suficientemente grande, o que se traduz em vontade, é possível também subjugar os efeitos dos complexos.

²⁸ Jung; AION - Estudo Sobre o simbolismo do Si-Mesmo; pg 5.

²⁹ Jung; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; pg 31.

Jung relata dois fenômenos relacionados com a questão energética da psique: progressão e regressão. Ambas estão relacionadas com a adaptabilidade mental ao ambiente externo e o interno, respectivamente³¹.

Os complexos, quando ativos, isto é, quando assimilam energia, se tornam entidades com propriedades autônomas, a vontade do indivíduo não é suficiente para controlá-los, tomando conta da situação, por isso que Jung diz que “os complexos podem ter-nos”³².

Quando observamos fenômenos mediúnicos em indivíduos não treinados ou, como se costuma referenciar, médiuns não educados, se referindo a educação mediúnica, é possível verificar a total falta de controle por parte do médium diante do fenômeno.

Como já citado anteriormente, os fenômenos mediúnicos são, em realidade, interações de diferentes psiques, isto é, dois ou mais campos de energia interagindo um no outro. Segundo a Doutrina Espírita, nas comunicações, o espírito comunicante se utiliza o acervo de conhecimento do médium; nos caso descontrolados, poder-se-ia dizer que há uma ativação de alguns complexos e arquétipos do médium; ativação esta ocorrida devido ao espírito comunicante ceder energia a estes conteúdos psíquicos que estejam em afinidade mútua, tomando conta do médium, independente da vontade deste, e assim permanecendo enquanto a ligação estiver mantida.

Contudo, ainda resta interpretar, também comparativamente ao que se conhece, o seu conteúdo, os complexos e arquétipos, que seriam as uvas passa do nosso bolo mencionado anteriormente.

Podemos imaginar a psique como uma esfera energética formada pelas aquisições do espírito ao longo de sua existência, caracterizando, assim, sua individualidade. Esta esfera seria de dimensão equivalente ao nível evolutivo e nela existiriam alguns pontos que causariam perturbação no campo. Estes pontos seriam devido às más tendências e ações em desacordo com as leis de Deus, e que, como perturbam o campo, promovem um desequilíbrio.

Por isso, os arquétipos existem enquanto forma e não como conteúdo, como afirma Jung [7], pois não são os erros que são registrados, mas as desarmonias que causam. Portanto, quando o efeito de algum destes pontos se faz presente, se apresentará conforme o estado da consciência.

Uma questão de difícil compreensão é o comportamento dos arquétipos e complexos, pois, embora tenham sua origem na própria psique e são como parte integrante desta, apresentam como que uma ação autônoma, como se tivesse vida própria.

³⁰ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 277.

³¹ Jung; A Energia Psíquica; cap. 3.

³² Jung; A Natureza da Psique; pg 30.

Ao tentarmos compreender a interferência dos arquétipos e complexos no campo energético da psique e calcados na própria idéia de Jung de que, embora não fosse possível a comprovação, a energia psíquica estaria ligada a processos físicos [8], nos lembramos dos fenômenos de supercondutividade, mais precisamente na perturbação causada no campo magnético.

Primeiramente é preciso esclarecer uma importante propriedade de um campo magnético, que é sua capacidade de permear os materiais que estão ao seu alcance. Isto é demonstrado por uma brincadeira muito comum na infância que consta em colocar um alfinete, ou uma pequena peça metálica, sobre uma folha de papel e movimentar um ímã sob esta folha, observando, assim, a peça seguir os movimentos do ímã. Neste exemplo, percebe-se que o campo magnético não sofreu nenhuma alteração devido a presença do papel.

Quando um material supercondutor é introduzido em um campo magnético, primeiramente, o comportamento é similar ao descrito com a folha de papel, como está representado na Figura 1. Porém, quando o material é resfriado a temperaturas abaixo de um limite crítico, que dependerá do material utilizado, surgirá uma supercorrente no material supercondutor que será capaz de cancelar o campo em seu interior, onde o valor do campo magnético será nulo. Neste ponto haverá uma perturbação no campo e existirá independentemente deste, como apresentado na Figura 2.

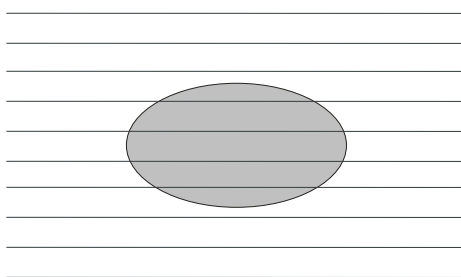


Figura 1. Campo magnético sem apresentar alteração e material supercondutor sem estar resfriado.

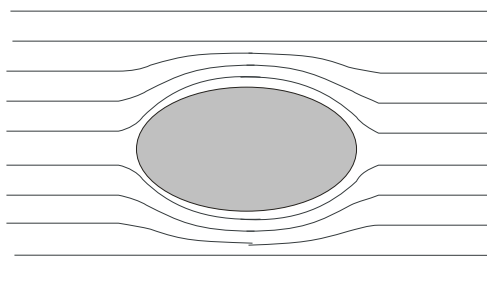


Figura 2. Campo magnético alterado pela presença de um material supercondutor resfriado.

Analogamente poderíamos compreender a psique.

Quando em estado de harmonia, como no caso dos espíritos evoluídos, o campo energético estará completamente homogêneo, onde todas as experiências negativas já se encontram inteiramente depuradas, embora a lembrança permaneça, não são mais motivos de aflições, pois estaria em equilíbrio com o campo. É o que ocorre quando introduzimos, no campo magnético, a folha de papel ou o material supercondutor antes de resfriá-lo.

Porém, na condição de espírito não muito evoluído, as experiências negativas e, conseqüentemente, os sentimentos menos nobres, ainda se encontram ativos na psique, apresentando um comportamento análogo ao material supercondutor após o resfriamento, formando pontos de perturbação no campo energético que existirá, como já dissemos, independente deste.

Esta independência, ou melhor, pseudo independência, é que torna tão difícil de se combater as aflições morais, que são decorrentes das tendências negativas e, embora se deseje eliminá-las, elas teimam em permanecer, necessitando de grande esforço pessoal para que, gradativamente, diminuam de intensidade até que desapareçam por completo. O trabalho é lento e gradativo porque, embora façam parte da psique, pois foram inicialmente geradas por esta, permanecem como nódulos e possuem uma energia própria que necessita ser dissolvida no campo maior que a engloba, o que seria o equivalente ao aquecimento do supercondutor para que o campo retorne ao estado normal.

PONDERAÇÕES

Não se pretende afirmar que os distúrbios mentais como são apresentados pelas teorias de Jung não ocorram, nem, tampouco creditar aos fenômeno mediúnico toda e qualquer alteração comportamental, fora dos padrões considerados como normais. Tal posicionamento, além de leviano, seria radical, contrariando, assim, o objetivo principal deste trabalho.

Mesmo apresentando algumas observações a respeito, pode-se facilmente constatar que o que foi dito até então não contraria o posicionamento psicológico, muito pelo contrário, sob certo ponto de vista, até corrobora com este.

A única observação apresentada seria apenas com relação a origem dos arquétipos. Ao invés de serem provenientes de um todo coletivo, teria sua geração nas experiências individuais, isto é, teria sua origem no próprio indivíduo e não nos feitos da humanidade, porém, apesar disto, ainda apresentariam as mesmas propriedades e a mesma capacidade de gerar distúrbios quando não devidamente ajustado com a inteligência em que existe.

Portanto, o que se pretende afirmar é que existem, na realidade, pelo menos duas possibilidades com relação a alguns distúrbios psíquicos: a psicológica e a mediúnica. Um engano na identificação da real problemática apresentada por um indivíduo poderá acarretar graves conseqüências para aquele que receber tratamento inadequado.

Deixamos, então, um alerta para que todo profissional da saúde mental considere, ao analisar um paciente, dependendo da disfunção apresentada, a possibilidade de distúrbios mediúnicos.

Porém, não apenas estes profissionais devem estar atentos. Atualmente existe uma infinidade de templos religiosos, alguns voltados também para a orientação e prática da mediunidade, portanto, é preciso que os dirigentes destas instituições procurem orientar os trabalhadores para que não tratem como médiuns pacientes que podem estar apresentando uma patologia verdadeiramente clínica.

É preciso reconhecer que existe uma grande dificuldade em detectar, com a precisão necessária, qual a real necessidade do indivíduo que se encontra diante de nós pedindo auxílio para suas dores e dificuldades. Diante do enigma que se apresenta, seria de fundamental importância o auxílio espiritual ligado ao tratamento médico e vice-versa. Somente após o acompanhamento dos sintomas durante um período de tempo, que poderá ser longo ou curto, dependendo da problemática em questão, é que se poderá afirmar com certa dose de certeza onde o distúrbio se sustenta.

A abordagem psicológica e espiritual simultaneamente não estaria em desacordo com a Doutrina Espírita nem, tampouco, com a psicologia, haja vista que a necessidade do amparo religioso foi reconhecida e apregoada pelo próprio Jung.

Tomando o exemplo apresentado anteriormente, quando fui acometido por uma voz a recitar um poema, e analisando-o como um fato isolado, poder-se-ia atribuir a vários fatores:

- a) Distúrbios mentais;
- b) Uma alucinação de causa desconhecida e passageira;
- c) Continuação do sono, em que tudo não passa de um simples sonho.
- d) Um fato mediúnico, apesar de isolado.

Nas três primeiras opções é fácil de compreender que haveria a necessidade de um conhecimento prévio do sotaque com que o interlocutor, que seria imaginário, se expressava, pois este seria proveniente da minha própria mente e eu não teria meio de produzir uma fantasia com um detalhe tão importante neste contexto, que não conhecesse. Uma opção seria atribuí-lo aos arquétipos.

Quanto ao poema propriamente dito, poderia até se cogitar que eu não o conhecesse, pois poderia tê-lo composto, haja vista que, por não me lembrar, não pude comprovar uma existência prévia ou não.

Com relação a quarta e última opção, poder-se-ia até supor que eu não necessariamente conhecesse o sotaque em questão, pois seria uma individualidade estranha que estaria ditando o poema. Porém, de acordo com o Espiritismo, mais precisamente n'O Livro dos Médiuns, o qual apresenta um longo estudo sobre os fenômenos de mediunidade, tal fenômeno não se daria bem assim.

Segundo o citado livro, em dissertação creditada a um espírito, a comunicação entre comunicante, que seria um espírito desencarnado, e o médium ocorre através do intercâmbio direto do pensamento e, para que este seja entendido, faz-se uso do acervo de conhecimento do médium para traduzir o pensamento³³.

Esta posição fica clara quando se trata de uma comunicação em que o médium serve de intermediário, isto é, quando um espírito transmite uma mensagem qualquer para o médium que irá, por sua vez, transmitir a outrem, pois, neste caso, primeiramente é preciso um entendimento da mensagem por parte do médium. No caso em questão, eu não servia de

intermediário por que não transmitia a mensagem a ninguém e nem seria capaz de reproduzi-lo, pois não compreendia o significado das palavras que compunham o poema. Portanto, não estou bem certo sobre a necessidade de um acervo de conhecimento que incluiria tal sotaque.

De qualquer forma, pode-se compreender que, seja nas opções de cunho psicológico ou na de cunho mediúnico, a teoria dos arquétipos proposta por Jung continuaria sendo válida. Poder-se-ia dizer que nas questões psicológicas, os arquétipos seriam acessados pelo próprio indivíduo, deflagrando uma série de efeitos, enquanto que nas comunicações mediúnicas os arquétipos seriam acessados por uma inteligência estranha ao indivíduo.

Este ponto corrobora com o posicionamento apresentado anteriormente sobre a dificuldade de identificação da problemática apresentada por um indivíduo qualquer, sendo necessário o acompanhamento durante um período de tempo.

Existem, porém, casos outros em que a ação de um arquétipo não é tão clara a ponto de ser verificado, podendo-se considerar que tal intervenção possa não existir. Tal situação está apresentada a seguir:

No ano de 1990, eu residia na cidade de Viena, na Áustria, país localizado na Europa central; na casa onde morava havia um porão, o que não é muito comum nas residências brasileiras. Nesta parte da casa funcionava a lavanderia.

Certo dia, após retornar do trabalho, desci ao porão para colocar algumas peças de roupa na máquina de lavar. Estava entretido com os afazeres quando, de repente, ouvi um tenebroso estrondo vindo do andar acima.

Obviamente que o susto foi grande, durante alguns momentos me questionei sobre o que fazer, estava assustado, não conseguia decidir se devia subir ou não, pois não sabia o que havia ocorrido e se haveria algum risco a minha segurança.

De qualquer forma, não poderia permanecer onde estava; como havia somente uma saída, me vi forçado a sair. Lentamente subi as escadas, degrau após degrau, nada parecia fora do normal.

Ao atingir o topo da escada que conduzia a uma ante-sala, ainda com o corpo protegido pela porta, olhei em volta o máximo que podia e nada, tudo normal. Saí detrás da porta e caminhei em direção a cozinha, embora o fogão fosse elétrico, não utilizava gás, achei que seria o único lugar de onde poderia ter ocorrido algo que justificasse tamanho estrondo.

Nada, absolutamente nada estava fora do lugar, nem mesmo um palito. Não havia nada que explicasse o mais pequenino estalido quanto mais um estrondo de tamanha proporção.

³³ Kardec; Livro dos Médiuns; cap. XIX.

Em outro momento, corria o ano de 1991, eu ainda morava na mesma residência do relato anterior, no entanto ocorria um fenômeno diferente, mas que, de qualquer forma, não deixa de ser uma variante do anterior.

Todos os dias, as vinte e duas horas davam-se início uma série de ruídos na cozinha, como se lá houvesse alguém mexendo nos utensílios. Note-se, porém, que eu me encontrava só nestes momentos. Em atos de bravura, costumava ir verificar o que estava ocorrendo; enquanto eu estava na cozinha, os barulhos cessavam, me impedindo, assim, de verificar a sua origem; ao retornar para a sala, os ruídos tornavam a surgir.

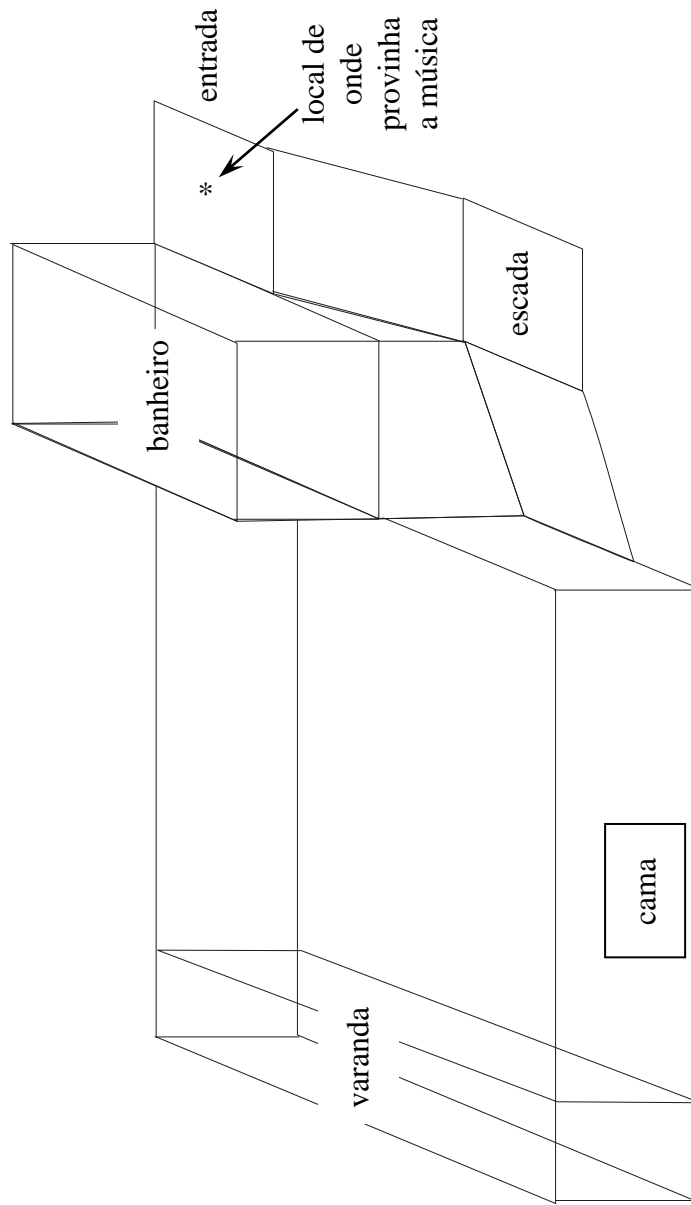
Em determinado dia, já cansado de tantos barulhos à noite, resolvi olhar em detalhes todos os utensílios de que dispunha, analisando o tipo de ruído que poderiam produzir. Sob este aspecto, selecionei alguns utensílios, tipo espátulas e colheres grandes, e os descartei. Deste dia em diante os barulhos cessaram.

Dentre as inúmeras ocorrências, duas delas são particularmente muito interessantes:

A primeira delas ocorreu em 1986, nesta época eu passava alguns meses na Bélgica e residia em um apartamento que se denominava de “studio” que pertencia ao instituto de pesquisa onde estava em treinamento, localizado em uma pequena cidade do interior.

Este “studio” era de uma configuração pouco comum. Os corredores que davam acesso as portas de entrada ficavam na frente do prédio, com meia parede apenas, de onde se podia vislumbrar um enorme jardim, a rua de acesso e mais jardim além dela; do lado oposto do prédio ficavam as varandas, de onde era possível apreciar um vasto bosque de pinheiros em que, pelas manhãs, era possível tomar café apreciando os esquilos buscando o alimento matinal. Portanto, como eu morava no terceiro andar, era possível ver ao longe em ambos os lados, pois não havia outras construções muito perto.

Atrás da porta de entrada havia um minúsculo hall, do lado oposto ficava a porta do banheiro e à esquerda ficava uma escada que conduzia ao aposento que constava de quarto, sala e cozinha, localizado um nível mais baixo que a entrada. Um esquema aproximado está apresentado a seguir.



Obviamente que, como se tratava de um prédio, existiam outros equivalentes ao apresentado, mas também havia os de dois quartos. Não saberia explicar muito bem como eles se encaixavam um no outro.

Durante várias noites, quando eu me punha a dormir, imediatamente ao me deitar, dava-se início um som, vindo do alto da escada, dentro do “studio”, em frente à porta do banheiro. O que era peculiar neste som é que parecia uma verdadeira banda de rock, podendo-se distinguir vários instrumentos, especialmente a bateria.

Nas primeiras noites foi um suplício, eu praticamente dormia de olhos abertos, olhando na direção da escada, até cair no sono.

Muitos podem objetar que a música poderia vir de um apartamento adjacente, porém, é preciso ressaltar dois pontos:

- a) Como explicar seu início ser sempre imediatamente a eu me deitar?
- b) Na Europa em geral sempre se observa o silêncio, especialmente à noite. Por este motivo é que o local foi mencionado nos dois últimos exemplos.

Contudo, uma vez o início do som não seguiu o mesmo padrão.

Uma noite, eu e um amigo que fazia parte do mesmo programa de treinamento, estávamos estudando em meu apartamento e, devido à complexidade do assunto, as horas foram passando sem que percebêssemos. Em determinado momento, deu-se início a música vinda do alto da escada.

Ao perceber uma música àquela hora da noite, este amigo, que não era Brasileiro, imediatamente me perguntou que som seria aquele. Diante desta situação, o que responder? Fiz-me de desentendido e desconversei, retornando ao assunto do estudo. Não fiquei admirado quando, alguns minutos depois, este amigo disse estar muito cansado e que precisava ir.

Não perdi a amizade desta pessoa, continuamos a conversar e a estudar juntos, mas nunca mais em meu apartamento.

Alguns podem pensar que, como outra pessoa pôde ouvir o som, então seria a prova de que sua origem poderia apenas ser material, isto é, um rádio ou coisa parecida. Porém, a literatura espírita apresenta uma série de explicações sobre os vários matizes deste tipo de fenômeno e, tal ocorrência, seria perfeitamente aceitável no que tange os fenômenos mediúnicos.

Um ponto importante a ressaltar é que em duas outras ocasiões, pelo menos que eu me lembro, com vários anos de intervalo entre uma e outra, fenômeno similar tornou a acontecer, parecia uma banda com vários instrumentos tocando música realmente e não a produção de sons desconexos, como a passagem descrita acima, com a diferença de que, desta vez, o som parecia surgir diretamente em minha cabeça, e não em um local externo definido. Estas experiências ocorriam durante o estado que precede o sono, o que me impedia de dormir.

A outra ocorrência interessante aconteceu em 1994. Há dois anos de volta ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, resolvi comemorar meu aniversário com alguns poucos amigos.

Um destes amigos tinha uma filha de uns 6 anos; um outro tinha um casal, o menino com uns 9 anos e a menina com uns 7; e o outro tinha um menino de uns 8 anos.

Pode-se imaginar as brincadeiras que estas quatro crianças arrumaram, soltas para brincar enquanto os pais conversavam. Em determinado momento, começou uma confusão, pois os meninos estavam caçoando das meninas.

No intuito de amenizar a situação de forma que todos pudessem continuar brincando enquanto os pais conversavam, para que tudo continuasse transcorrendo tranqüilamente, conduzi as meninas, que queriam brincar de boneca, para o meu quarto, para que lá brincassem, enquanto que os meninos continuavam com as travessuras no quintal.

Com este arranjo, tudo continuou em paz e pudemos continuar com a confraternização.

Alguns dias depois, o que naquele momento não fui capaz de fazer qualquer associação, quando me deitava, começava a ouvir sons vindo do meu guarda roupa, como se algo estivesse se mexendo. Nos primeiros dias não dei muita importância ao fato, pois ruídos na hora de dormir nunca foram pouco comuns para mim.

Porém, com o passar do tempo aqueles ruídos passaram a me incomodar, pois comecei a cogitar a possibilidade de ser algum bicho, como um rato, por exemplo, até que, determinado dia, pedi a arrumadeira que verificasse a possibilidade da presença de ratos, especialmente procurasse por excrementos. Ao final do dia, quando retornei do trabalho, ela me informou que não encontrou nenhum vestígio de qualquer tipo.

Todavia, os ruídos não cessaram.

Em um final de semana, quando estava em casa durante o dia, me lembrei dos ruídos que me importunavam à noite, e resolvi eu mesmo verificar o armário, retirando peça por peça de roupa.

Para minha surpresa, encontrei duas bonecas em meio a minhas roupas, quando então, me lembrei do episódio do meu aniversário. Telefonei para estes dois amigos, descobri qual boneca pertencia a quem e as devolvi a suas respectivas donas.

Aqueles ruídos especificamente nunca mais retornaram.

Após ser capaz de lidar sem me assustar com sons na hora de deitar, passei a “conversar” com eles, basicamente informando que necessitava dormir, pois tinha que trabalhar na manhã seguinte, e pedia, com muita delicadeza, que fossem continuar, o que quer que estavam fazendo, na sala. Normalmente eu era atendido e podia dormir sem ser importunado.

Como estes casos poderiam ser explicados?

No livro *Psicologia e Religião*³⁴, Jung relata o caso de um paciente que ouvia vozes durante o sonho, contudo, o mais interessante são comentários a respeito.

Primeiramente afirma não serem raros os casos observados por ele em que vozes são ouvidas, não apenas durante sonhos, mas também em “estados especiais da consciência”.

Atribuindo ao inconsciente a produção das vozes, a análise se torna peremptória e carente de maiores fundamentos, haja vista que o próprio Jung reconhece uma superioridade deste inconsciente com relação ao consciente. Em outras palavras, significa que o inconsciente seria intelectualmente superior ao consciente.

Na concepção materialista, considerando o surgimento da mente no momento do nascimento e que o conhecimento vai sendo agregado paulatinamente, através das várias experiências vivenciadas, sendo, ainda, válida a hipótese do inconsciente se mostrar superior ao consciente, isto é, além do conhecimento adquirido, estaremos, na realidade, assumindo, não apenas uma herança psíquica dos antepassados, o que retornaríamos, então, ao item Inconsciente Coletivo apresentado anteriormente com as devidas ponderações, mas também que este inconsciente coletivo apresentaria a capacidade de análise independente do consciente.

Sob este aspecto, o conteúdo transmitido por estas vozes, seja durante os sonhos ou em estados alterados da consciência, não podem ter sua origem no conhecimento do próprio indivíduo que as ouve. Mesmo que tenha origem no inconsciente coletivo que, a princípio poderíamos chamar da psique de quem ouve as vozes, seu conteúdo não seria seu, mas de outro alguém desconhecido.

³⁴ Jung; *Psicologia e Religião*; pg43-44.

Vale ressaltar que o próprio Jung afirma não estar “absolutamente convencido de que o inconsciente seja, de fato, tão-somente minha psique”, pois o “conceito de inconsciente seria apenas uma pressuposição”. Em resumo, Jung não sabe “sequer onde se origina a voz”.³⁵

Estou ciente de que muito do que já foi relatado neste livro e ainda as muitas outras passagens que ainda estão por vir, deva parecer absurdo para muitos dos que as leiam. Embora possa parecer estranho, eu não recrimino quem pense desta forma, pois muitas delas poderiam ser utilizadas em filmes de terror. Porém, gostaria de deixar uma pergunta para estas pessoas: De onde vocês pensam que os autores de filmes de terror tiram suas idéias?

A questão dos filmes, e livros também, é deveras interessante, pois muitas vezes nos impressionamos com a “imaginação” de certos autores, nos é difícil de compreender como eles conseguem elaborar os enredos. Porém, é possível de observar que atualmente já são realidade muitas “estórias” que, na época em que surgiram, pareciam idéias mirabolantes.

Relatei alguns fenômenos que envolviam a produção de sons, até considero de mais fácil aceitação quando se trata de pancadas, ruídos ou sons indefinidos, porém, acredito que a passagem da banda que tocava em meu quarto seja difícil compreender como seria possível a produção de música.

Contudo, talvez seja mais comum do que se imagina, tanto que o próprio Jung nos relata uma passagem muito similar, que ocorreu com ele³⁶.

Corria o ano de 1922 quando Jung comprou um terreno às margens de um lago e lá pretendia construir um recanto onde pudesse estar em contato consigo mesmo, ficando pronto um ano mais tarde, porém, outros acréscimos foram construídos em anos subsequentes, contudo, foi logo após a primeira etapa estar pronta que algo interessante ocorreu.

Passava uma temporada nesta sua residência à beira do lago que, por opção própria, não era abastecida com energia elétrica nem, tampouco, com água encanada. As refeições eram preparadas com fogão à lenha e a água era retirada de um poço com bomba manual. Era sua intenção que o lugar fosse de características primitivas, tanto que seu intento inicial era construir algo similar a uma cabana. Nestas condições, usufruía um silêncio indescritível, pois, além de tudo, ainda estava só.

Certa tarde, estava sentado próximo à lareira quando, subitamente, teve “a impressão de ouvir inúmeras vozes e instrumentos de corda, algo semelhante a uma orquestra”. Jung conta ter ouvido, fascinado, por mais de uma hora, uma música “tão estranha, que é absolutamente impossível descreve-la”.

³⁵ Jung; Psicologia e Religião; pg 44.

³⁶ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 196-205.

Mais intrigante ainda é que, segundo a sua descrição, parecia haver duas orquestras, uma dentro e outra fora da residência, e que mantinham uma espécie de disputa musical. Estes dois grupos tocavam não apenas uma música, mas uma polifonia, que seria a execução de várias melodias simultaneamente.

Neste mesmo local ocorreu um outro fato interessante, entre outros. No início da obra de construção da residência, sua filha mais velha, quando visitava o local, perguntou ao seu pai, em tom de surpresa, como ele poderia estar construindo ali, pois havia cadáveres.

Como era esperado, Jung não deu a menor importância para o que ela dissera, considerando uma grande tolice. Porém, com a continuidade da obra, quatro anos mais tarde, foi realmente encontrado um esqueleto, teria sido um soldado e havia uma bala de fuzil alojada no seu cotovelo esquerdo.

Jung, então, reconhece que a filha havia pressentido o cadáver, e assevera que ela havia herdado a faculdade de pressentimento da bisavó materna.

O que será que, em realidade, significa o termo “faculdade de pressentimento”?

Vamos desmembrar este termo nas palavras que o compõe para tentarmos chegar a algum entendimento na questão que nos apresenta: “faculdade” - poder, natural ou adquirido, de fazer alguma coisa, dom; “pressentimento” - sentimento intuitivo e alheio a uma causa conhecida, que permite a previsão de acontecimentos futuros, presságio.³⁷

É facilmente percebido que não existe uma explicação muito clara a respeito, algo como dois mais dois são quatro, isto é, não segue a lógica de raciocínio analítico comum, em que são estabelecidos parâmetros com as devidas conclusões. Em resumo: o entendimento desta questão consiste em uma idéia abstrata ou a aceitação de um fato sem uma explicação lógica.

A partir do momento em que se é capaz de aceitar uma capacidade específica de um indivíduo qualquer, apenas assistindo a um fato relacionado com a habilidade em questão, abre-se um precedente para que outras aptidões especiais possam, ao menos, serem consideradas.

Não estou, com isso, querendo dizer se deva aceitar tudo o que é apresentado, pois a quantidade de fraudes é enorme, neste e em vários outros assuntos, apenas tenho a intenção de chamar a atenção para experiências vivenciadas por inúmeras pessoas e que, devido a falta de conhecimento e também pelo preconceito imposto por parentes e amigos, vivem escondendo suas dúvidas e temores, sem buscar auxílio. Ser considerado diferente pode ser difícil para

muitos indivíduos, porém, é importante asseverar-lhes que não existe nada de anormal e que uma infinidade de outras pessoas passam pelas mesmas situações.

³⁷ Aurélio; Novo Aurélio – Século XXI.

CAPÍTULO V

VISÃO

Talvez seja possível afirmar que a sensação que surge no indivíduo em decorrência de um fenômeno de visão seja muito semelhante quanto o da audição.

Sua ocorrência também não está sujeita a uma regra pré-definida e pode ser diferente de indivíduo para indivíduo. Alguns apresentam uma sensibilidade maior, ocorrendo com alguma frequência e sendo capaz de identificar os mínimos detalhes; outros, entretanto, vislumbram apenas a forma ou um borrão, não percebendo as feições, por exemplo.

Minha primeira experiência ocorreu quando ainda era menino³⁸, porém, ao longo de minha vida pude vivenciar alguns outros. Recordo-me de três ocasiões em particular que gostaria de compartilhar com o leitor.

Em 1986 viajei de Viena, onde residia, para Berlim, na antiga Alemanha Oriental, onde iria assistir a um curso.

Hospedei-me em um hotel, não era de alto luxo, mas bastante confortável; o ambiente era claro, com apenas uma cama de solteiro.

O interior do hotel contrastava com a cidade; todas as edificações pareciam ser de diferentes tonalidades de cinza; as pessoas não usavam roupas coloridas e eram todas bastante similares; não havia muita conversa nas ruas e as feições pareciam tristonhas. Era um ambiente onde se podia sentir um certo pesar.

Em uma das noites em que lá estive, pus-me a dormir. Como sempre, deixei a lâmpada do banheiro acesa e a porta entreaberta, permitindo que um pouco de luz iluminasse o quarto, deixando-o na penumbra apenas.

Em determinado momento acordei com um soco, não muito forte, no queixo; acordei e pude perceber, pela posição da minha mão, que eu mesmo havia desferido o soco que, obviamente me despertou.

Ao tomar consciência do que havia acontecido, olhei para o centro do quarto e lá estava, virado em minha direção, um homem, em pé a me fitar.

Pergunto: O que eu poderia fazer naquela situação? Em um país estranho onde não era íntimo de ninguém, nem daqueles que comigo assistiam ao curso, e sem outro lugar para ir, ainda mais àquela hora da noite? Na realidade, não havia nada que pudesse fazer, então, pus-me a fitá-lo em retorno.

O indivíduo era de estatura mediana, trajava um sobretudo não muito grosso de cor bege claro, muito comum na Europa durante o final de primavera e o início do outono, época em que este fato ocorreu.

Permanecemos, então, fitando um ao outro durante alguns segundos talvez, mas que pareceram horas; aquele ser começou a esvanecer gradativamente, até que desapareceu por completo.

Depois disto, me levantei, acendi todas as luzes do quarto, deitei-me, me cobri até o pescoço e mantive os olhos abertos até conseguir dormir novamente.

Espero que não pensem que eu seja um homem de grande bravura devido a passividade que apresento diante de algumas situações aqui relatadas, mas, às vezes, simplesmente não há mais nada a fazer e muitas vezes nem tempo suficiente para qualquer ação. Assim também ocorreu no relato a seguir.

Desta vez não me recordo muito bem qual era o ano, mas era ou 1988 ou 1989, já havia retornado da Europa e estava morando no Brasil, mais tarde regressaria novamente.

Residia sozinho em uma casa pequena, de dois quartos apenas, e havia um pequeno quintal, localizada próximo a residência de meus pais, no subúrbio carioca. Eu dormia no quarto da frente, com a janela voltada para um pequeno jardim com um árvore de uns dois metros de altura, destas que não crescem muito, que estão mais para arbusto do que para uma árvore propriamente dita.

A cama era localizada no lado apostado à porta e a janela estava à sua direita.

Certa manhã, repentinamente eu acordo, antes do relógio despertar; ao abrir os olhos eu me deparo com uma mulher, em pé, próxima ao lado oposto à cabeceira da cama, fitando-me. Seus olhos eram inexpressivos, apenas me olhava sem demonstrar qualquer espécie de sentimento.

Olhei para ela e depois para o relógio na cabeceira da cama e percebi que ainda não estava na hora de levantar-me; olhei novamente para a mulher e disse: “Ainda está muito cedo para eu me levantar.”

Ela se virou e caminhou até a janela e ficou como que olhando para o jardim, apesar das cortinas estarem abaixadas. Eu, por minha vez, me virei na cama e tornei a dormir; quando acordei novamente ela já não mais estava.

³⁸ Este episódio está relatado na Introdução deste livro.

Quem seria aquela mulher e o que ela desejava, eu não sei e creio que nunca saberei. Mas é um fato que já vivenciei inúmeras vezes: encontrar “alguém” dentro da minha casa e nunca saber o motivo.

Muitas pessoas que passam por experiências similares ficam curiosas para saber o motivo desta ou daquela presença, ficam imaginando quem seriam e, o que mais gostariam de saber, o que queriam; imaginam que alguém que já tenha falecido gostaria de dizer algo, uma mensagem do além, uma comunicação e, assim, buscam respostas nos mais diferentes locais. Apesar de poderem até encontrar alguma resposta para saciar a curiosidade, muito provavelmente, para não dizer certamente, será falsa.

A maioria destas aparições não quer trazer mensagem alguma e, provavelmente, nem eles sabem o porquê de estarem naquele local.

No entanto, quando existe realmente um motivo para a aparição se manifestar ou estar em um lugar específico, o fenômeno ocorrerá mais de uma vez e, via de regra, o motivo virá à luz naturalmente, sem a necessidade de procurar um médium ou qualquer coisa assim, especialmente porque já haverá um médium envolvido na questão: aquele próprio que vê.

Em 1993, novamente vivendo no Brasil, fui morar em uma casa no bairro de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro.

Às vezes, até mesmo durante o dia, principalmente na sala, eu tinha a impressão de ver o vulto de uma mulher vestida de vermelho, não era possível identificar nada, apenas que era um vestido vermelho, pois a visão era sempre muito rápida.

Houve diversas ocasiões muito interessantes quando a senhora que trabalhava nos serviços domésticos estava presente.

Eu estava na sala lendo ou assistindo televisão ou qualquer outra coisa e tinha a nítida impressão de alguém passar por mim, do corredor para a cozinha, obviamente que acreditava ser a trabalhadora e começava a falar-lhe algo e não obtinha resposta; elevava um pouco o som da minha voz e obtinha uma resposta, aos gritos, vindo do quarto, na outra extremidade da casa; era da senhora dizendo que não me podia ouvir.

Iniciei, então, uma série de orações para aquele espírito que convivia comigo em minha casa e, após, algumas semanas, nunca mais a vi.

Muitos anos depois, conversando com um vizinho sobre a história do condomínio onde a casa se localizava, ele me relatou que, anos atrás, antes de compra-la, a casa não era daquela forma, eram duas casas menores e que o ex-proprietário havia realizado a reforma.

O ex-proprietário, todavia, havia comprado as duas casa de outras pessoas, que as alugavam.

Contou-me ainda que, em uma delas, vivia uma senhora que veio a falecer dentro de casa.

Creio que aquele vulto que por várias vezes se manifestou era daquela senhora que lá faleceu e por lá ficou; minhas preces serviram para esclarece-la sobre o que havia ocorrido e pôde, finalmente, seguir o seu caminho.

Todavia, é preciso vencer o medo e sempre tentar averiguar as aparições, especialmente quando se trata de vultos que se manifestam rapidamente, como o caso descrito anteriormente, pois, como veremos no caso a seguir, as ilusões ocorrem com muita frequência.

Na casa do relato anterior a este último, onde surgiu uma mulher aos pés da minha cama, por várias vezes, logo após a mudança, eu tinha a impressão de ver vultos na cozinha, o que e ocorria com uma grande frequência.

Todas as vezes que algo semelhante acontece, vou até o local onde o vulto surgiu e olho em torno com atenção e, também neste caso, realizava esta operação na cozinha em questão.

Um dia, conduzindo o exame após “ver” um vulto, pude verificar que não se tratavam de aparições ou coisa semelhante, era apenas o meu próprio reflexo no azulejo da cozinha, pois este era de um tipo muito brilhante e refletia muito a luz, causando tal impressão.

Este é um ponto importante que se deve lembrar quando se pensa estar diante de fenômenos de aparição de espíritos, muitas vezes não passa de um simples engano causada pelas condições do ambiente em que se encontrar. É preciso analisar muito bem antes de chegar a qualquer conclusão; um fator importante a ser considerado é verificar o local e a hora em que ocorrem as supostas aparições.

CAPÍTULO VI

INCORPORAÇÃO

Devo confessar que este é um capítulo muito difícil para eu escrever, não que o assunto seja complexo demais, mas pelas lembranças que serei forçado a recordar; muitas delas, apesar de todo o ensinamento que trouxeram, apesar de tudo o que consegui apreender destas experiências, ainda assim, trazem uma certa tristeza pelos momentos difíceis pelos quais eu passei.

Todavia, apesar disto tudo, se me fosse dado a oportunidade de escolher voltar no tempo e viver uma nova história, sem as vivências que pretendo relatar, ainda preferiria manter tudo da mesma forma, pois o aprendizado é de muito grande valor.

Inclusive, a meu ver, este capítulo seria o que descreveria os processos pelos quais o médium iniciante vivencia, e que, caso não seja bem amparado e compreendido, poderá resultar em graves conseqüências.

Nos primeiros momentos quando a mediunidade começa a se tornar mais ostensiva, quando a natureza do fenômeno deixa de ser externa para se tornar interna, a interferência mental aumenta, portanto, a desarmonia também aumenta, dando início a um processo de desestruturação da individualidade.

Todavia, creio ser necessário esclarecer o que eu denominei de fenômenos de natureza externa e interna.

Vimos, em capítulos anteriores, as manifestações auditivas e visuais, que eu as considerei como sendo de natureza externa, isto é, ocorrem aparte do indivíduo, algo do tipo: eu estou aqui e o fenômeno ocorre lá.

Embora, em toda comunicação, ambos fonte e receptor sejam partes atuantes no evento, nos fenômenos externos, ao menos aparentemente, é como se o médium fosse apenas um observador, por isso, devido a esta impressão, o efeito sentido por este é minimizado.

No entanto, dependendo da freqüência com que ocorram, caso seja intensa, esta participação do médium se tornará cada vez mais saliente e perceptível por este, podendo, então, sentir os efeitos negativos decorrentes do contato freqüente com ocorrências que lhe fogem o entendimento.

Com relação aos fenômenos internos, quando ocorre uma alteração no psiquismo do médium, devido à ação de um outro psiquismo estranho ao seu, a influência é sentida imediatamente, causando alguma consternação, o que, por sinal, é fácil de ser compreendida.

Façamos um exercício que, creio, não será muito difícil, pois se trata de uma experiência que, me atrevo a dizer, todos já vivenciaram.

Quando ocorre de ingerimos algum alimento e, por um motivo qualquer, não “cai muito bem”, sentimos um mal-estar característico, já conhecido devido a outras experiências similares.

Nesta situação, sabedores das possíveis conseqüências, que vou me furtar em descreve-las, acionamos o “estado de alerta”, ficamos atentos para o desenrolar dos fatos, que podem se tornar deveras desagradáveis, mas, contudo, ainda esperamos que o mal-estar diminua de intensidade gradativamente e, caso não regrida, podemos sempre fazer uso de um medicamento adequado.

Retornemos, então, ao objeto de nosso estudo.

Imaginemos, agora, que a sensação desagradável não surja no estômago, mas na cabeça, mais precisamente na mente.

Tentaremos descrever esta sensação de uma forma compreensível, utilizando um outro exemplo, também muito conhecido, apenas por semelhança e não que sejam idênticos.

Creio que a maioria das pessoas já tenha experimentado algum tipo de bebida alcoólica, tentemos nos lembrar da sensação que surge ao se ingerir uma quantidade suficiente para surgir os primeiros efeitos, quando se sente como se estivesse mais leve. Nestes momentos percebe-se que a nossa capacidade de manter a razão está um pouco alterada, em outras palavras: as “amarras” que prendem a consciência estão um pouco frouxas.

É claro que isto não é um problema sério, para muitos não chega nem a ser um problema, mas uma sensação agradável, afinal, sabe-se o motivo como também se sabe que não perdurará indefinidamente; ainda se mantém o controle, pois basta parar de ingerir alcoólicos que a sensação gradativamente desaparecerá.

Imaginemos, desta vez, que sensação similar surja, mas, desta vez, sem a ingestão de qualquer bebida, não se saberia qual o motivo, isto é, como surgiu, também não se saberia quando vai passar e, o que é ainda pior, não se sabe qual vai ser a sua evolução, aonde tudo aquilo vai parar. Em resumo: está-se às escuras, como uma nau à deriva; a embarcação é o corpo e o capitão, a mente.

Um grave problema que temos é não reconhecer a mente como um grande gerador de forças, que mantemos, de alguma forma, sob controle, todavia, não temos consciência deste mecanismo e, por isso, quando ocorre alguma falha no processo, não sabemos como corrigir.

Para o meu entendimento, comparo a mente com o núcleo de um reator nuclear.

Imagino que tenha confundido mais do que esclarecido, tentarei tornar claro, na medida do possível.

Sabemos que um reator nuclear é utilizado para gerar eletricidade, portanto, podemos imaginar que uma grande quantidade de energia seja gerada em seu núcleo.

A energia gerada é utilizada para aquecer água que passa ao estado de vapor e, assim, girar as turbinas que, por sua vez, vão gerar eletricidade. Mas, o que na verdade buscamos compreender é o comportamento do núcleo.

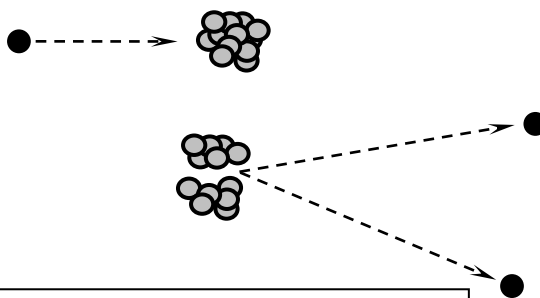
Reconheço que possa parecer muito complicado à primeira vista, porém, não estaremos tratando de toda a física que descreve a produção de energia utilizando-se um reator, muito pelo contrário, estaremos vendo um único processo, muito simples e fácil de compreender.

Já vimos que no núcleo do reator ocorre a produção de energia. Esta energia é gerada pela quebra provocada de átomos; este fenômeno é denominado de fissão e o átomo em questão é o urânio.

A quebra, ou fissão, do átomo é provocada pela absorção, por parte do átomo, de uma partícula subatômica, o nêutron. Não há a necessidade de se saber ao certo o que seria um nêutron, no entanto, é importante apenas saber que se trata de uma partícula menor que o átomo em si.

Para podermos compreender esta situação, imaginemos uma bola de futebol sofrendo a colisão de uma bola de ping-pong. É claro que a bola de futebol não se deslocará por este choque, entretanto, suponhamos que, por um processo qualquer, a bola menor seja absorvida pela maior. Neste ponto, podemos compreender que a bola de futebol estará acrescida de uma certa quantidade de matéria estranha a sua constituição, que não pertence àquele meio e, por isso, todo o sistema fica desequilibrado.

A situação de desequilíbrio é responsável pela ruptura do átomo. Neste processo de quebra, o átomo se divide em duas partes, liberando dois ou três outros nêutrons que, por sua vez, serão responsáveis por outras fissões.



Representação esquemática da fissão de um átomo: um nêutron se choca com um núcleo que se parte em dois, liberando dois outros nêutrons.

Sigamos, então, o seguinte raciocínio: se cada fissão libera dois nêutrons que provocarão duas outras fissões, nesta etapa, o número de nêutrons liberados será um total de quatro, que, por sua vez, serão os responsáveis por quatro fissões, liberando um total de oito nêutrons e assim por diante.

Podemos perceber que o número de nêutrons é dobrado a cada etapa e, como cada fissão libera uma certa quantidade de energia, esta energia liberada também aumenta a cada etapa.

Para se ter idéia do que esta energia representa, as bombas atômicas são também baseadas na multiplicação de nêutrons, até atingir ao ponto em que ocorre a explosão.

É importante esclarecer que o pouco que foi apresentado aqui não sirva de motivo para se temer os reatores nucleares, acreditando em uma possível explosão nuclear. Os reatores ocidentais apresentam uma característica inerente à sua construção, que é denominada de reatividade negativa, que impede a multiplicação de nêutrons indevidamente, independente de qualquer controle humano.

Porém, quando em um reator nuclear, onde todo o processo deve ser controlado, não é possível permitir que o número de nêutrons cresça descontroladamente. Por isso, existem meios disponíveis para serem empregados para limitar a velocidade de multiplicação e, quando atingir determinado limite, a quantidade de nêutrons presentes se manter constante. Este limitador é denominado de barras de controle.

É também necessário que o número de nêutrons seja aproximadamente o mesmo por todo o núcleo, isto é, não pode haver grandes variações de um ponto ao outro.

O controle de nêutrons é realizado pela inserção ou retirada das barras de controle distribuídas no núcleo do reator.

No estado inicial, todas as barras estão totalmente inseridas; gradativamente elas vão sendo retiradas parcialmente e, com isso, o número de nêutrons vai aumentando; o processo prossegue até que a energia sendo gerada é suficiente para manter o reator em operação.

Porém, pode ocorrer que, na etapa em que as barras de controle vão sendo retiradas, um ponto qualquer do núcleo apresente um número maior de nêutrons do que em outro, nestes casos, a barra no ponto em questão é novamente inserida parcialmente, no sentido de manter a estabilidade que, quando atingido, permite que o processo continue.

Nos casos em que não se consegue restabelecer a estabilidade, o número de nêutrons começa a variar cada vez em maior proporção, ora em um ponto, ora noutro. Nesta situação não será mais possível controlar o fluxo de neutros e será necessário o total desligamento, isto é, inserção total das barras de controle para novo recomeço.

Este é o ponto em que pretendia chegar, nossa mente é como o núcleo de um reator, a estabilidade é mantida por um processo qualquer; flutuações poderão ocorrer, mas, quando ocorrem, é necessário que sejam controladas; quando, por um motivo qualquer, ocorre uma falha neste sistema de correção, o indivíduo perceberá que algo não está como deveria ser e sentirá as conseqüências.

Da mesma forma que ocorre com o reator, quando a mente não se encontra em um estado adequado de equilíbrio, este necessita ser restabelecido de alguma forma.

No reator isto é atingido reinserindo as barras de controle; nos processos mentais será necessário uma renovação nos padrões espiritual e comportamental do indivíduo.

Sob este prisma pode-se facilmente compreender que na grande maioria das vezes, para não utilizar a palavra sempre, o indivíduo, em seus primeiros contatos com fenômenos deste tipo, como é facilmente compreensível, especialmente quando não teve uma educação religiosa, permanece em estado de apreensão, pois sensações desconhecidas passam a surgir sem um motivo aparente e, o que é pior, sem meios de controle.

As primeiras sensações, apesar de toda estranheza, causa uma espécie de curiosidade, quando não de medo do desconhecido, porém, com o passar do tempo, não apenas a freqüência aumenta, mas, principalmente a intensidade.

A maneira como cada um encara determinada ocorrência dependerá simplesmente da sensibilidade que apresente.

Infelizmente, é muito comum que responsáveis não promovam qualquer educação religiosa aos seus tutelados. Sob uma falsa capa de democracia, dizem que é para lhes facultar uma livre escolha quando crescerem, quando, em verdade, não querem se encarregar de tarefa que, provavelmente, consideram enfadonha.

Porém, na condição de quase completo desconhecimento, serão presas fáceis quando a necessidade se fizer presente.

Qualquer religião idônea, isto é, que prega a paz e a harmonia entre os seres, trará grandes benefícios, especialmente quando ministrado em tenra idade e, após atingir a idade madura poderá, ainda assim, optar se continuará adepto da mesma religião ou seguir uma outra qualquer, se alguma, baseado em conhecimentos pré-existentes.

Normalmente não se tem uma idéia exata sobre a necessidade da prática, ou melhor, da adesão a uma religião. Em seu longo estudo sobre a psique humana, Jung pode identificar a utilidade da religião como método de manter a estabilidade da mente, inclusive relata que costumava, dependendo do caso, aconselhar seus pacientes à prática religiosa³⁹.

³⁹ Jung; Psicologia e Religião; pg 49.

Na Europa do início e meados do século XX, época em que Jung viveu, as religiões reinantes eram o Catolicismo e o Protestantismo. Embora se conclamasse protestante, não considerava ser uma incoerência sugerir a um paciente católico que procurasse um padre para se confessar, pois o que importa na realidade é que o indivíduo encontre aquilo que o auxilie em sua recuperação.

Eu particularmente compartilho com a opinião de Jung. Se existem tantas religiões diferentes no planeta é porque existe uma grande diferença das necessidades dos seres humanos que aqui habitam, pois, se todos pensassem como os budistas, por exemplo, apenas haveria o budismo. Isto é muito fácil de compreender: primeiro porque ninguém seria capaz de conceber uma outra forma de pensar; segundo porque, mesmo que surgisse uma vertente de pensamento, não haveria adeptos.

Portanto, deve-se concluir que cada um deverá buscar a crença religiosa com que mais se ajuste.

Neste ponto, acredito ser necessário discutir duas questões:

Primeiramente, é preciso compreender que não basta se denominar de “religião”, pois, se a intenção daquele que a busca é atingir um certo grau de harmonia interior, isto é, conseguir amenizar suas aflições e questionamentos sobre a real natureza do ser, se faz necessário uma avaliação ponderada sobre os ensinamentos e as práticas que apregoam. Para se atingir a paz são necessárias palavras que pacificam.

Em segundo lugar, reconheço que muitos apresentam alguma reserva com relação às religiões em geral, pois a história antiga e contemporânea está repleta de exemplos de intransigência por parte daquelas que deveriam ser a referência para a paz. É também importante reconhecer que o relacionamento com uma religião qualquer não pode e nem deve ser fanática. O fanatismo é altamente pernicioso, pois cega o indivíduo para o tudo o mais que esteja a sua volta, inibindo sua capacidade de raciocínio e análise. Portanto, é preciso também evitar aquelas que apresentam características fanatizadoras e, caso o próprio indivíduo seja sujeito a se fanatizar facilmente, o cuidado para evitar esta situação indesejada deverá ser redobrado.

Caso haja um grande repúdio, quando o indivíduo seja realmente incapaz de se ligar a qualquer vertente religiosa, seria de bom tom, ao menos, uma prática freqüente de atividades que promovam a harmonização e, conseqüentemente, o equilíbrio, tais como meditação, passeios tranqüilos em contato com a natureza, apreciando as árvores, ouvindo o canto dos pássaros, o perfume e as cores das flores, procurando evitar tudo aquilo que seja antagônico a este estado.

Sobre esta questão do auxílio proveniente de toda prática pacificadora, Jung apresenta um relato muito interessante e que, acredito, deve ser considerado por todos.

Certa vez, conta Jung, despendia cuidados médicos a uma paciente considerada esquizofrênica e incurável. Dentre os sintomas, ouvia vozes provenientes das várias partes de seu corpo, sendo que a voz oriunda do tórax era considerada como sendo a “voz de Deus”.

Certo dia, a “voz de Deus” disse que era preciso que Jung a ouça a respeito da Bíblia, ao que a paciente trouxe uma velha Bíblia e passou a ler passagens indicadas pelo próprio médico.

Ao final de seis anos, com as leituras das passagens bíblicas sendo lidas a cada quinze dias, as vozes que antes eram disseminadas por todo o corpo, passaram a ser localizadas somente no lado esquerdo, permanecendo estagnada a intensidade de ocorrência.

Jung termina o relato dizendo: “Foi um sucesso inesperado, pois não imaginara que nossa leitura da Bíblia pudesse ter um efeito terapêutico”⁴⁰.

Um ponto importante também a ser considerado é que os Centros Espíritas recomendam, em situações similares, a leitura dos Evangelhos, em voz alta, na residência e com a participação, se possível for, dos seus habitantes. Afirmam que, com esta prática, aliada ao estudo espírita, haverá uma grande melhora nos efeitos de uma mediunidade desregrada. Eu, particularmente, já tive oportunidade de constatar a eficácia desta prática.

Analisando esta questão e considerando como verdadeira, devemos então imaginar que além da ação pacificadora da própria leitura, haverá também o recurso de espíritos capacitados para auxiliar aquele que necessita e pede por socorro. Creio que o fato que será relatado a seguir fornece algum esclarecimento sobre esta possível ajuda.

Durante algumas crises de que era acometido, surgia uma sensação de angústia, de tal monta que me fazia perder a razão. Como forma de liberar a tensão, pois a sensação era de que eu iria explodir, desferia socos contra as paredes e piso; às vezes, quando era possível, isto é, quando ainda mantinha um pouco de controle, me servia de uma almofada para suavizar os golpes, mas, na grande maioria das vezes, não era possível.

Após estas crises, eu ficava exausto e com as mãos doloridas. Normalmente ia para a cama, me deitava de lado e mantinha os braços estendidos, pois não sabia onde por as mãos para amenizar as dores.

Alguns minutos depois, sentia minhas mãos se aquecerem e uma sensação reconfortante me invadia o ser e, assim, adormecia. Quando acordava, minhas mãos não mais doíam.

Porém, após muito tempo de estudo no Centro Espírita e muitas leituras do Evangelho em minha residência, eu já me sentia seguro, confiante de que havia algum domínio sobre estas crises.

Certa vez, no entanto, eu permiti, isto mesmo, eu permiti uma crise, pois já estava forte o suficiente para não permitir que acontecesse. Naquele dia minhas mãos não aqueceram e nenhuma sensação reconfortante me invadiu o ser; acordei, no dia seguinte, com as mãos ainda doendo.

Compreendi, desta forma, que eu já estava pronto e nunca mais tive outra crise, aquela foi a última.

Quando nos encontramos em situação similar é de fundamental importância uma análise sincera para descobrir se ocorrem porque permitimos ou não, pois, se somos nós que damos ensejo para que ocorram será muito difícil receber ajuda.

Retornando as reações e sensações decorrentes do que vou denominar de “interação psíquica”, os mais suscetíveis apresentarão, é claro, reação mais intensa e sensações mais dolorosas.

De um modo geral, estas experiências não são agradáveis. É preciso salientar que, sendo processos psíquicos, serão agravados sempre que o indivíduo apresente qualquer alteração do seu estado mental, competindo, a cada um, identificar quais fatores promovem esta alteração.

Fatores tais como alcoólicos, nem que seja um único copo de cerveja, irritações, nervosismo e brigas, poderão ser o suficiente para deflagrar um processo de interação psíquica com espíritos que estejam próximos.

Passado o primeiro estágio que comparamos aos momentos iniciais da tontura devido a efeitos do álcool, surge, então, um segundo estágio, todavia mais desconfortável.

Tem-se a nítida sensação da cabeça, como um todo, ficar vazia. Não se percebe mais os pensamentos e, mesmo que se tente, não é possível elaborar um com o mínimo de complexidade e, todavia, não se consegue desvencilhar desta sensação.

Muitas vezes surgem sem que se perceba; porém, com a continuidade, se torna possível identificar o seu início.

Não tem hora nem local, pode-se estar só ou na multidão.

⁴⁰ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 117.

Neste estágio tem início também, uma outra grande dificuldade: a reação daqueles com quem se está interagindo quando percebem que se “saiu do ar”; quando interpelado, a resposta é emitida com dificuldades e ocorre uma baixa na capacidade de raciocínio.

Como qualquer assunto que pode causar um mal entendido quando o interlocutor não aceita algumas questões, tipo a que é o tema deste estudo, causará um grande constrangimento para aquele que o sofre.

Durante o período em que vivenciei estes dois estágios, eu me encontrava cursando as disciplinas relativas ao curso de doutorado em engenharia. Pode-se imaginar as dificuldades que surgiam quando era acometido durante as aulas, a assimilação diminuía consideravelmente. Contudo, era sempre possível recuperar o que foi perdido através de pesquisas a posteriori.

No desenrolar da etapa em questão, quando a cabeça ficava “vazia”, os períodos de permanência neste estado se tornavam, cada vez, mais longos, podendo perdurar por alguns dias. Nestas ocasiões, a intensidade era variável, às vezes muito forte, outras vezes mais amena.

Problema ainda maior se fazia presente quando da iminência de um exame, em que eu passava horas defronte dos livros sem ao menos conseguir ler e, nos momentos em que podia efetuar a leitura, quase nada era registrado pela mente.

Nesta mesma época, passei a frequentar um Centro Espírita onde aprendi que estes efeitos poderiam ser minimizados através da prática da oração.

Passei, então, a orar com todo fervor.

Observando o efeito que surtia, ocorreu-me de pedir auxílio ao Criador, através da oração, para que tivesse condições de me preparar para os exames. Como, normalmente, eu começava a me preocupar com este assunto umas duas semanas antes da data prevista, na prece que eu proferia, pedia duas semanas de trégua destas investidas.

Por mais incrível que possa parecer, acredito até que muitos duvidem da veracidade, durante aquele período eu não era acometido das crises. Eu mesmo ficava impressionado, pois, no dia seguinte ao exame, tudo voltava a ser como antes, os mesmos sintomas.

Apesar das dificuldades, consegui terminar o curso, elaborar e defender a tese.

Porém, muito antes do término do curso, experienciei pela primeira vez o fenômeno de incorporação. Não foram momentos agradáveis, no entanto, é preciso esclarecer que não ocorre da mesma forma com todos, isto é, cada um possui características diferentes e, o que é mais importante, conhecimentos diferentes também, uns possuem mais outros menos. Com a pouca experiência que possuo, já pude presenciar várias pessoas passando pelo mesmo e, com muitas delas, ocorre de forma tranqüila e harmoniosa.

Certo dia, ao anoitecer, estava só em casa quando percebi que algo não estava certo, minha cabeça parecia pesada, sentia uma presença peculiar pela casa que me incomodava, tudo assumia dimensões desproporcionadas.

Com o tempo, aquela sensação foi substituída por angústia que, gradativamente, foi aumentando de intensidade, até atingir proporções insuportáveis, era como se eu não coubesse em mim; caminhava de um lado para outro; todas as diversas tentativas de me ocupar com algo se mostraram inúteis e a agonia já tomava conta de todo o meu ser.

Em determinado momento, a casa se tornou pequena demais, resolvi sair para tentar clarear a mente, mas até mesmo as ruas eram pequenas demais, e a cabeça parecia que ia explodir. A situação toda era de enlouquecer e, em realidade, eu já estava com receio de ficar louco, pois isso é que parecia que iria acontecer.

A sensação de enlouquecer se tornava cada vez mais intensa, os olhos pareciam revirar. Diante daquela sensação, em que tinha quase certeza de que estava prestes a perder a razão, retornei para casa e telefonei para um amigo. Durante o diálogo com este amigo, em que tentava relatar o que acontecia, entre as palavras que proferia, algumas delas eram como se fosse uma criança falando.

Naquele instante tive a certeza que iria aloucar.

Este amigo pediu para que eu ligasse para o seu telefone celular para mantermos a conversação enquanto se dirigia para minha casa. Quando ele chegou, eu passei a falar definitivamente como uma criança – eu estava incorporado por um outro espírito que não eu próprio.

Daquele momento em diante tudo tomou uma nova dimensão, toda a angústia, toda sensação desagradável, tudo, absolutamente tudo, desapareceu como por encanto, e uma sensação de paz e harmonia invadiram meu ser.

Aquela criança se apresentou e explicou ao meu amigo o que estava acontecendo e conversaram durante algum tempo; não me recordo neste momento quando tempo durou, uma ou duas horas talvez.

Naquele momento começou meu aprendizado sobre comunicação entre planos. Até então, eu já havia presenciado algumas manifestações de espíritos, mas sempre ocorrendo com outras pessoas, e eu nunca havia me ocupado com o assunto, porém, a partir do momento em que eu estava envolvido, era imperativo que eu compreendesse o melhor possível do que se tratava e no que mais estaria enredado.

Tudo terminou por volta de uma hora da manhã, cerca de sete horas após o seu início.

Como ocorreriam os fenômenos de incorporação?

É difícil de responder a esta pergunta, dos fenômenos espirituais se tem apenas uma idéia de como ocorrem, mas uma explicação definitiva ainda não está disponível.

O próprio Allan Kardec, o pesquisador por excelência das questões de espíritos em sua conotação mais real, aquele que foi o pioneiro no estudo sistemático, traçando diretrizes, definições e explicações, não foi capaz de se posicionar definitivamente sobre esta questão.

Inicialmente, Kardec considerou que os fenômenos de incorporação não ocorriam, no sentido que o termo significa: tomada de um corpo por um espírito estranho a este.

Kardec, então, observando inúmeras ocorrências, descreveu o fenômeno como sendo de psicofonia – mediunidade falante, processo similar à psicografia; neste o espírito se serviria da mão do médium, no outro do seu aparelho fonador. Porém, após vários anos em que se deteve nestes estudos, acenou com a possibilidade da ocorrência da incorporação.

Não significaria, com isso, que a psicofonia não exista, apenas se tornando mais uma modalidade de comunicação.

Desde os tempos de Kardec, muitos estudiosos se debruçam sobre esta questão, no entanto, o mecanismo ainda é incerto.

De minha parte, não ousaria apresentar qualquer teoria a respeito, diria, no entanto, que a sensação experienciada nas várias vezes que participei, como médium, em fenômenos deste jaez, é que os dois espíritos co-habitariam o corpo momentaneamente. Poderia descrever do seguinte modo: eu estou presente, mas não estou só.

Nestes momentos, é de fundamental importância a educação mediúnica, isto é, o conhecimento e a estabilidade mental e emocional adequadas.

O médium iniciante, e mesmo os antigos que nunca quiseram ou tiveram oportunidade de conhecer estas questões, não encontram meios de manter o controle necessário da situação.

Nestes casos, não encontrando limites, o espírito que incorporou fará o que bem entender, pois não encontra resistência. Dependendo do quanto este espírito é evoluído, a experiência poderá ser penosa ou não.

O médium educado mediunicamente é capaz de manter o autocontrole, mesmo nos momentos mais críticos, quando espíritos difíceis se comunicam.

É preciso ter sempre em mente que o médium é o senhor absoluto do seu corpo, o outro é apenas um visitante momentâneo.

Outro ponto que importa salientar é quando ocorrem.

Infelizmente, e isto é que causa tantos transtornos para os que apresentam este tipo de mediunidade, para os não educados não existe hora nem local, isto é, podem ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar.

É aí que surgem grandes dificuldades e por isso que, anteriormente, eu coloquei a idéia de fenômenos externos e internos.

Nos casos de visão ou audição, ou até mesmo alguns outros, é possível que o indivíduo, de posse das suas faculdades mentais, não exteriorize, isto é, não relate aquilo que lhe esteja acontecendo. Porém, nos casos de incorporação tal procedimento não lhe é possível, pois não tem o controle da situação.

Então, quando se encontra mais desatento ou em situações que lhe debilitem a estabilidade mental, o que não é muito difícil de ocorrer, pois não é necessário que algo grave aconteça para nos encontrarmos nesta condição, pode ser vítima de uma incorporação. Assim, o indivíduo poderá apresentar comportamento estranho, tais como cair ou se jogar no chão, ter convulsões, começar a falar daquilo que não conhece e que não queria, pode se tornar agressivo ou depressivo, enfim, uma gama muito grande de reações.

Quando o indivíduo desconhece o que seja a mediunidade e, o que é ainda pior, se encontra em um meio onde haja preconceito ou, o que pode ser ainda pior, é conduzido a um médico que apenas reconhece as funções biológicas no indivíduo, descartando previamente a existência espiritual e sua influência, o médium não será compreendido e poderão surgir conseqüências graves.

Ao sofrer as primeiras investidas, o médium se sentirá inseguro, pois não saberá quando nova crise poderá ocorrer e, especialmente, onde. Como a grande maioria das pessoas quando em situações delicadas e, por isso, se encontram inseguras, poderá assumir uma posição defensiva e até considerar que o ataque é a melhor defesa, podendo surgir uma certa agressividade, algumas vezes sem razão aparente.

A instabilidade emocional gerada poderá desencadear novas ocorrências, por isso, é fundamental que o indivíduo se empenhe o máximo para manter alguma estabilidade, pois, o tratamento, na realidade, consiste em adquirir a estabilidade e ser capaz de mantê-la.

Como é possível perceber, o tratamento para que se adquira um certo controle sobre os fenômenos depende exclusivamente do próprio indivíduo, obviamente que ajuda externa é de fundamental importância nestes momentos, mas ninguém poderá fazer o trabalho por ele.

Não estou descartando, absolutamente, o acompanhamento médico, porém, é preciso estar atento sobre os conceitos do profissional selecionado a propósito de determinadas questões concernentes à mediunidade. É necessário selecionar aqueles que reconhecem a influência do espírito nas questões da saúde física e mental. Aquele que crê ser difícil de encontra-los poderá se surpreender quando iniciar sua busca.

É verdade que muitas pessoas, não apenas os médicos, tratam com desdém tais questões, mas a tendência atual da humanidade é a busca por questões transcendentais à matéria física e aqueles que se recusam a reconhecê-las ficarão ultrapassados.

A mente aberta é essencial quando se tenta compreender os fenômenos psíquicos, área ainda tão desconhecida. Neste processo de entendimento é fundamental que o indivíduo analise suas próprias reações, tornando-se em condições de descobertas incríveis, verificando que existe muito mais do que se imagina. A passagem a seguir relata uma experiência de Jung em sua busca do entendimento da psique através da observação de si próprio.

Certa vez, Jung registrava alguns apontamentos a respeito de seu objeto de estudo naquele momento: suas fantasias; pode-se, então, supor que naquele momento se encontrava em estado de introspecção, analisando o seu próprio inconsciente, quando algo inusitado aconteceu.

Provavelmente perdido em seus pensamentos acerca de suas observações, ele próprio se questiona sobre o que estaria fazendo, sobre o sentido de todas as suas observações. Eis que, neste momento, em suas próprias palavras, “uma voz veio em mim: O que fazes é arte.”

Jung ficou profundamente surpreso pela resposta que obteve, pois nunca havia pensado em seu trabalho como arte. Um ponto interessante é que, pelo relato, ele não se surpreendeu pelo surgimento de uma voz provindo de seu interior e, além disso, reconheceu que provinha de uma mulher.

O texto segue adiante, passando a relatar como explicou “energicamente, àquela voz” algo sobre as suas fantasias não estarem relacionadas com arte; porém, a voz voltou a teimar sobre se tratar de arte.

Diante de um protesto veemente, a voz não rebateu o seu posicionamento, então, Jung pensou que talvez aquela voz não dispunha de meios para continuar o diálogo, oferecendo seu próprio aparelho fonador para que ela pudesse se exprimir. Segundo ele, “ela aceitou o oferecimento” e colocou o que desejava em detalhes.

Tal voz, pela teoria junguiana, teria a sua origem no inconsciente, ou melhor, uma personificação arquetípica no inconsciente. Por esta voz de característica tipicamente feminina ter se apresentado em um inconsciente de homem, recebeu o nome de *anima* e propôs que a contraparte para a mulher, isto é, uma voz masculina equivalente, recebesse o nome de *animus*⁴¹.

⁴¹ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 164.

Não pretendo, em hipótese alguma, ir contra esta análise, especialmente porque já tive oportunidade de experienciar manifestações do inconsciente, se apresentando como um ser aparte, com existência própria, porém, não necessariamente com características femininas.

Em termos de Doutrina Espírita, este tipo de fenômeno é conhecido pelo nome de *animismo*, quando, em estados alterados de consciência, surgem os conteúdos do inconsciente, apresentando idéias, culpas, dores e sentimentos, vivências ou aprendizados de encarnações anteriores. Pode ocorrer quando o médium se predispõe a alguma manifestação mediúnica e, por um motivo qualquer, é o próprio espírito do médium que se manifesta.

Todavia, também é necessário expor que muitas manifestações, isto é, “vozes” que se manifestam através do aparelho fonador de um médium não sejam única e exclusivamente originárias do seu inconsciente.

Da mesma forma que pude vivenciar uma manifestação do meu inconsciente, como expus anteriormente, também tive oportunidade de participar em comunicações que não tinham em mim a sua origem, porém, em uma inteligência estranha a minha.

Em minha curta carreira como médium, tendo iniciado no ano de 1997, quando os fenômenos começaram a ocorrer mais ostensivamente, portanto, apenas há pouco mais de sete anos, sendo que há uns seis anos tenho trabalhado assiduamente, tanto em comunicação de espíritos um pouco mais elevados, que se costuma denominar de “mentores”, e também no esclarecimento de espíritos desencarnados que expressam verbalmente suas dores e sentimentos.

Ao longo deste poucos anos, em um cálculo aproximado, eu diria que já participei como médium em cerca de 800 diferentes comunicações verbais, o que é denominado de psicofonia. Em cada uma destas comunicações, uma inteligência diferente se apresenta, com relatos também diferentes.

É fácil de imaginar que um médium, trabalhando na mesma frequência, porém, mais antigo, digamos uns vinte anos, participaria de umas 3000 comunicações.

Devido ao seu considerável entendimento da psique humana e, principalmente, o fato de seu pensamento estar livre da ação de idéias preconcebidas e do fanatismo aos conceitos por ele mesmo elaborados, Jung reconhece que o inconsciente é uma região desconhecida, impossível de ser acessada através de uma análise objetiva como as normalmente utilizadas nos fenômenos materiais observáveis, porém podem e devem ser avaliadas apenas pelas ocorrências perceptíveis o que, todavia, “impossibilita a psicologia de fazer qualquer afirmação válida acerca dos estados inconscientes”⁴².

⁴² Jung; A Natureza da Psique; pg 151.

Toda e qualquer análise a respeito do inconsciente somente poderá ser realizada utilizando os conceitos e as percepções pertencentes à consciência, que já são por si só subjetivos e que, não necessariamente, apresentarão uma correlação direta com os pertinentes ao inconsciente.

Acredito estarmos diante de uma cortina que se abre, deixando vislumbrar uma nova possibilidade para certos fenômenos a que determinadas pessoas podem estar sujeitas. É preciso que se considere a possibilidade de que alguns comportamentos que são normalmente considerados como disfunções não sejam em realidade, mas apenas uma característica peculiar a alguns indivíduos, que precisam ser compreendidos e auxiliados para poderem conduzir suas vidas adequadamente.

A meu ver, nada do que está sendo dito contraria os preceitos da psicologia, especialmente daqueles profissionais que se baseiam nos estudos elaborados por Jung, haja vista que, em seus escritos, deixou claro a forma como analisou as questões que lhe foram apresentadas e as possibilidades que ainda estariam por vir.

Gostaria, no entanto, de retornar a questão mencionada anteriormente sobre a sensação de “esvaziamento da mente” como um dos sintomas iniciais dos fenômenos mediúnicos, pois considero uma característica muito interessante que, do meu ponto de vista, ousou teorizar que poderia ser explicado pela teoria energética da psique proposta por Jung em seu trabalho intitulado “A Energia Psíquica”.

Sendo o ego o sujeito de todos os atos conscientes e, portanto, a região da psique que faria o papel de âncora, isto é, que faz com que o ser se reconheça como indivíduo, sendo também o fator ao qual os complexos se associam, pode-se imaginar que, nos casos em que o indivíduo, através de um processo mediúnico instável devido à falta de experiência, ao dar-se início o alargamento de suas percepções, que são processos mentais, haja, energeticamente falando, uma contração da região do ego, em realidade seria a expansão do inconsciente para a comunicação mediúnica, havendo, então, uma liberação dos complexos a ele associados.

Neste campo restrito do ego, o indivíduo sente a perda de seus conteúdos conscientes deixando, em seu lugar, um grande vazio.

O trânsito dos complexos entre o consciente e o inconsciente não é uma ocorrência impossível e, quando o complexo se dissocia, o indivíduo pode experimentar a sensação de perda, apesar de não conseguir identificar o que realmente haja perdido⁴³.

Sob esta ótica, poder-se-ia dizer, apenas como especulação, que a mediunidade seria a capacidade apresentada por certas pessoas de permitir o permeio de conteúdos que adentram a

⁴³ Jung; A Natureza da Psique; pg 251.

região do inconsciente, oriundo de uma inteligência estranha, para o consciente e sendo, desta forma, exteriorizada.

Quando a mediunidade não é educada, o indivíduo se ressentido desta intromissão do inconsciente no consciente e, quando o médium não promove este tipo de educação, os processos continuarão afetando sua estabilidade mental, até o ponto de se tornar patológico.

Esta idéia é derivada da afirmação de Jung de que a associação dos conteúdos do inconsciente ao consciente é um sintoma de muitas doenças mentais⁴⁴.

⁴⁴ Jung; A Natureza da Psique; pg 251.

CAPÍTULO VII

PSICOGRAFIA

O fenômeno da psicografia, que poderia ser definida como “escrita dos espíritos”, é, sem dúvida, um dos fenômenos mediúnicos mais interessantes. Difere da psicofonia, apresentada anteriormente, por não haver a necessidade do chamado transe mediúnico, durante o processo, o médium pode manter sua consciência sem interferir com a comunicação que estaria ocorrendo, podendo, inclusive, manter um diálogo sobre um assunto diverso com outra pessoa enquanto sua mão permanece escrevendo, alheia à sua atenção.

As sensações pré-psicografia, isto é, aquelas que acometem o médium como um indicativo de que algo está para acontecer e que, este algo, seria a utilização de seu membro superior, mão e braço, para a escrita, podem ocorrer nas mais diversas situações em que o indivíduo se encontre.

Obviamente que não é possível generalizar, dizendo que sempre ocorra desta ou daquela forma. Devemos lembrar que cada um é uma individualidade e que a propriedade mediúnica que apresente é única, individual.

Supondo que seja dada vazão ao fenômeno, intencionalmente ou não, a partir deste ponto surgem repercussões na organização física, mais precisamente no braço, que se traduz, inicialmente, em um desconforto, começando no ombro e, aos poucos, se irradia por todo o membro, neste momento, ao se tomar do lápis, tem-se início a escrita, que a princípio serão traços e garranchos, sem se conseguir identificar qualquer idéia

Com o passar do tempo é que as mensagens começam a fazer algum sentido, traduzindo o pensamento do espírito. A fidelidade do texto com a idéia inicial dependerá do potencial mediúnico do médium e do quanto este se predispõem ao trabalho a que é requisitado.

Para aqueles que são educados mediunicamente, os fenômenos sempre ocorrerão de forma controlada, em dias e hora certos, sem muita margem para imprevistos, mas, mesmo que ocorra fora do horário previamente estipulado, o médium terá condições de controlar o ímpeto que surgiu sem, todavia, permitir seu prosseguimento caso seja indesejado. Porém, é de bom tom que o médium mantenha seu programa de trabalho com severidade.

Todavia, é imperioso ressaltar que naqueles em que a mediunidade esteja aflorando, isto é, se encontre em seus momentos iniciais, não tendo, o médium, por conseguinte, experiência suficiente para controlá-los ou que, em pior hipótese, esteja ocorrendo, em horas e locais inadequados, com indivíduos que não detenham o conhecimento adequado, leigos em

assuntos relativos ao espírito, o processo pode não se dar de forma muito tranqüila. Poderá, então, ocorrer dores no braço, similar a câimbras, acompanhado de frêmitos nas mãos.

É preciso reconhecer que, se a psicografia é a escrita dos espíritos, como mencionado no início do capítulo, desde que seja iniciado o processo pertinente ao fenômeno psicográfico, deverá, forçosamente, haver um espírito próximo ou psiquicamente ligado ao médium. Havendo, ainda, a capacidade da percepção, a presença poderá ser imediatamente registrada, dando ensejo para se acautelar caso o momento não seja adequado.

O tipo de espírito, sério ou brincalhão, bom ou mal, elevado ou inferior, que se apresentarão para se comunicará, dependerá exclusivamente da condição moral daquele a que irá se ligar. Portanto, seriedade e comportamento adequado em todos os momentos, serão de imperioso auxílio para o médium.

Em resumo, espíritos sérios e bons, da mesma forma que ocorre entre os homens, devido a sua personalidade, proporcionarão fenômenos mais suaves e tranqüilos, respeitando as limitações e condições do médium. Os espíritos brincalhões e maus, por sua vez, não costumam atentar para aquele que lhe serve de ferramenta na comunicação, acarretarão em manifestações bruscas, violentas, causando grande ressentimento físico e mental, podendo se traduzir em cansaço e dores de cabeça.

Cada um dará ensejo para a forma que a manifestação irá ocorrer, que se traduzirá no conteúdo das mensagens, sendo muito comum os espíritos levianos se aproximarem dos iniciantes na senda mediúnica, cujo aprimoramento e dedicação naturalmente os fará se afastar.

Além do tipo de psicografia em que o médium sente que algo atua sobre sua mão e braço, ainda é possível perceber duas outras situações.

Às vezes ocorre que todo o ser se sente propellido a escrever, como que nasce uma vontade das entranhas, sem se saber a origem nem o porquê. Dando-se vazão a esta sensação, a mão inicia a escrita, ao contrário do que foi descrito anteriormente, o médium sente como se ele próprio estivesse escrevendo, porém, idéias que não lhe pertencem.

Normalmente, nestes casos, surge, para aqueles que desconhecem os mecanismos de comunicação, conflitos pessoais internos de difícil descrição. É facilmente compreensível a dificuldade com que se vê a braços quando se tem a nítida impressão de que se está escrevendo, quando não se pretendia escrever, coisas de que não se tem conhecimento e, portanto, também não se tem a menor idéia de qual será a palavra seguinte até que esta lhe surja na mente.

Com a continuidade deste tipo de ocorrência, os conflitos gerados nestes momentos, serão fortes causadores de desarmonias, tais como angústias, depressões, nervosismo, que,

com a sua persistência somada a não compreensão do fenômeno, também poderão se tornar estados patológicos.

Médiuns desta categoria são definidos na Doutrina Espírita como “médiuns intuitivos”⁴⁵.

A outra situação seria aquela em que as idéias surgem na mente do indivíduo, também sem se saber exatamente de onde. Difere do caso anterior por não surgir a vontade de escrever e por se dar muito mais sutilmente. No caso anterior, as idéias surgem do âmago do ser enquanto que neste caso, elas surgem, sutilmente, na mente. Todavia, sem se ter muita certeza, a princípio, de que a idéia não lhe pertence, o que forçosamente ocorrerá a medida que o fato se repita com certa constância.

Embora apresente diferenças no mecanismo de ação, as conseqüências devido a persistência do fenômeno, poderá ser a mesma do caso estudado anteriormente.

O médium consciente do que se sucede poderá tratar de escrever rapidamente, pois sabe que, após algum tempo, como não lhe é própria, a idéia se esvairá sem que, com isso, permita o surgimento de qualquer espécie de conflito. Este tipo de médium é definido como “médiuns inspirados”⁴⁶.

Neste contexto, continuamos com um caso relatado por Jung cujo início da história foi apresentado no Capítulo III – Percepção, em que ele relata o estranho fato de sentir como se a casa estivesse repleta de espíritos, a tal ponto que parecia haver dificuldade para respirar, provavelmente pelo ambiente estar sombrio.

Diante da situação em que se encontrava, era natural que se questionasse a respeito do motivo pelo qual se encontrava em tal situação, até que, em determinado momento, segundo suas próprias palavras, “houve uma resposta em unísono e vibrante” que eles, os espíritos, haviam retornado de Jerusalém, onde não haviam encontrado o que procuravam.

A partir deste momento, um outro fato igualmente curioso aconteceu; Jung começou a escrever, as palavras simplesmente fluíam espontaneamente e, neste momento todos os espíritos se foram e, com eles, a atmosfera pesada. Na noite seguinte, tanto os espíritos quanto a tensão retornaram, e quando retomou a escrita, tudo se esvaiu. Na terceira noite tudo se repetiu, mas, desta vez, o texto, intitulado “Os Sete Sermões aos Mortos”⁴⁷ estava terminado. Isto ocorreu em 1916 e preenche nove páginas tamanho livro.

Curiosamente, o início do texto descreve e explica o que seria o PLEROMA, que seria a forma abstrata onde tudo e nada existiriam simultaneamente, isto é, todas as coisas

⁴⁵ Kardec; O Livro dos Médiuns; pg 222.

⁴⁶ Kardec; O Livro dos Médiuns pg 223.

⁴⁷ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 332-341.

existiriam em potencialidade, mas não em realidade. Pode-se dizer que o pleroma seria a “mãe”, nele está a origem de tudo o que existe e que poderá existir.

Este conceito é similar à idéia de vacuidade, transmitida pelo Budismo, e de fluido, oriunda do Espiritismo.

A noção de pleroma, juntamente com a vacuidade e o fluido, estabelece uma relação entre o nosso pensamento e as ocorrências das nossas vidas e do mundo em geral. Ao afirmar, mais à frente no texto, que o pleroma não apresenta qualidade alguma, porém, são criadas pelo nosso raciocínio, nos atribui a responsabilidade de tudo o que aconteceu ou venha a acontecer. Deste modo, a vida não pode mais ser conduzida como se nossos atos e pensamentos não estivessem interligados, mas reconhecer que cada ser é um elo numa corrente sem fim, onde cada qual deverá cuidar para manter a sua estabilidade.

É apresentada a seguir, com a finalidade única de ilustração, uma psicografia por mim recebida em 22 de março de 2004, visando esclarecer ao grupo de trabalho do qual fazia parte, sobre um caso em particular que estava sendo tratado naquele momento:

“A infância espiritual, nível evolutivo em que nos encontramos, é um grande aprendizado para todos aqueles que se predispõem a dedicar algum tempo, ou melhor, muito tempo, para analisar todos os matizes da vida orgânica.

“A idéia da felicidade é completamente errônea, impossível de ser atingida pelo simples fato de não existir, contudo, esta noção persiste na mente de todos, desconsiderando tudo que é apresentado na erraticidade e nos momentos de desdobramento.

“Chega-se, então, à seguinte conclusão: o ser humano gosta de se enganar.

“A ninguém é facultado o conhecimento da utilidade da existência orgânica, mas preferem não reconhecê-la, se furtando do trabalho dignificante junto com Jesus, farol a brilhar que nunca se apaga.

“Todavia, tudo tem seu tempo, a hora há de chegar para todos nós.

“Analisando esta questão, eu, que já possuo algum conhecimento, pondero a respeito daquilo que ainda não sei e que seja tão fácil para espíritos superiores a mim e que eu, pela minha ignorância, permaneço buscando algo que também não exista.

“A vida do espírito é um incessante aprendizado, tenhamos o hábito de observar a tudo e a todos para, então, descobrirmos que somos felizes e não sabemos.

*“Muita paz,
“Um amigo”*

CAPÍTULO VIII

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Não seria possível asseverar sobre uma mediunidade ou não de Jung, haja vista que todos estão sujeitos a fenômenos mediúnicos sem, necessariamente, serem médiuns na acepção do termo.

A ocorrência de tais fenômenos dependerá muito da condição mental em que o indivíduo se encontra. Todavia, analisando apenas o que consta em seus livros, especialmente em sua biografia⁴⁸, poder-se-ia dizer que ele não era médium, pois, apesar dos vários relatos, não apresentava uma constância de ocorrência, o que caracterizaria a existência da faculdade propriamente dita.

É certo que, no meio médico, generaliza-se aqueles sujeitos ao tipo de fenômeno tratado neste livro como sendo neuróticos, psicóticos e outros, sem a consideração de uma outra possibilidade. Muitos o são, mas outros tantos não.

Também é certo que no meio espírita costuma-se generalizar de médiuns todos aqueles que apresentam quadro semelhante. Similarmente ao que foi dito anteriormente, o mesmo princípio pode ser aplicado: muitos o são, mas outros tantos não.

Dentre estas pessoas é imperioso distinguir os diferentes casos; separar o joio do trigo, sem a conotação pejorativa.

Teríamos, então, três casos distintos:

- 1) Aqueles que apresentam uma disfunção orgânica – os enfermos;
- 2) Aqueles que apresentam uma propriedade psíquica – os médiuns;
- 3) Aqueles outros que não são nem uma coisa nem outra, apenas se encontram temporariamente, por um motivo qualquer, em um estado psíquico propício para a ocorrência do fenômeno.

A meu ver, Jung se enquadraria no terceiro caso, cujo estado psíquico alterado seria decorrente de seus estudos e questionamentos, colocando-se mentalmente aberto para o entendimento de questões tão abstratas e transcendentais como as que eram objeto de sua atenção.

Muitos outros podem estar em condição similar devido a desarmonias em seu campo mental.

⁴⁸ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões.

Como exemplo ilustrativo de como tais fenômenos podem ocorrer sem a necessidade de mediunidade específica, posso citar uma experiência própria:

Como relatei anteriormente, nos capítulos sobre visão, em muitas ocorrências pude ver espíritos, o que ocorreu durante vários anos de minha vida. Porém, após me dedicar ao estudo e ao trabalho mediúnico sistematicamente, com seriedade e frequência adequada, estes fenômenos especificamente cessaram de ocorrer.

Portanto, ao reportar tais fenômenos, quando ainda ocorriam, eu certamente seria rotulado de médium vidente, quando, na realidade, eu não o sou, caso contrário ainda ocorreriam atualmente.

Pode-se dizer que, devido a falta de treinamento e prática, meu campo mental estava desbalanceado, viabilizando tais ocorrências.

Analisando meu caso atualmente, em posse de mais informação a respeito, é fácil de concluir que sou médium psicógrafo e psicofônico, em face da estabilidade apresentada, ocorrendo sempre no momento adequado, de forma controlada e constante.

Percebe-se, então, que realmente existem as possibilidades tanto da visão médica quanto da espírita, porém, podendo ocorrer uma ou outra, ou até mesmo ambas simultaneamente, mas somente o tempo poderá dizer qual a que ocorre nos diferentes casos, até lá, é preciso uma observação imparcial de ambos os lados, aplicando, cada qual, o tratamento profilático adequado: observação médica e o ensino do Evangelho de Jesus.

No entanto, ainda existe outra consideração a respeito da prática da mediunidade.

Disse Jesus : “Dai de graça o que de graça recebestes.”

Esta frase foi dita aos apóstolos com relação ao dom de curar e expulsar espíritos malignos; considerando este “dom” como uma dádiva divina, uma ferramenta para o entendimento de questões que transcendem ao cotidiano que, por sua vez, pode e deve ser utilizada no auxílio ao próximo sem que, com isso, tenha o direito de se comercializar o uso.

Coisa semelhante ocorre com relação aos presentes que recebemos de outras pessoas, pois, por mais que tentemos ponderar sobre o assunto, é sempre difícil dispor, vender ou dar, um presente que por ventura tenhamos recebido. Nossa tendência é guardar estes objetos que chegam até nós pelas mãos de outras pessoas porque é uma demonstração de afeto, mesmo que não esteja em acordo com nossos gostos; são necessários vários anos até que consigamos nos desfazer deles sem o sentimento de culpa.

Todavia, ainda resta uma questão importante: Se não podemos, ou melhor, não devemos comercializar a mediunidade, por que, então, é lícito comercializar obras de arte, por exemplo, haja vista que a criação de um artista também é considerada como proveniente de um “dom”, pois apenas alguns a possuem?

Para responder a esta questão é preciso analisar a natureza de ambos.

Do ponto de vista materialista, os dois seriam a mesma coisa: uma característica do indivíduo. É bem verdade que a mediunidade não existe para o materialista, pois, para eles, espíritos não existem e, portanto, não poderiam se comunicar.

Sob a ótica reencarnacionista, toda capacidade apresentada por uma pessoa seria decorrente de séculos de aperfeiçoamento e que, por uma necessidade qualquer para a encarnação em questão, se fez presente, isto é, o conhecimento específico para uma atividade qualquer foi liberado para ser acessado pelo consciente, sendo possível sua utilização.

Sob este aspecto, o artista não possui um dom, mas acesso a uma aptidão que foi desenvolvida ao longo de várias encarnações.

Por sua vez, a mediunidade não pertence a categoria dos conhecimentos adquiridos ao longo da existência do ser. Pode-se dizer que realmente é um dom, talvez o único.

A mediunidade é uma questão energética de origem orgânica; isto significa que não é um atributo do espírito, portanto, não pode ter nele a sua origem; é algo que lhe foi concedido.

Porém, estudando questões tão complexas, é possível concluir que Jesus tinha outros motivos para coibir a comercialização da mediunidade, além de apenas a utilização de um presente.

Como já foi tratado anteriormente, o médium é aquele que apresentaria uma flexibilidade nas fronteiras do consciente, sendo possível perceber frequências energéticas além do limite comum, mas esta flexibilidade somente ocorre em condições especiais, nos chamados “estados alterados de consciência”. Processo análogo ao mecanismo pelo qual se mantém uma estreita relação com o inconsciente, embora as propriedades sejam diferentes.

Neste sentido é que Jung relata a necessidade sentida por ele de manter uma vida ordenada e racional no período em que perquiriu o seu inconsciente, na busca de entendimento de suas fantasias⁴⁹.

Como na mediunidade, é necessário, como se diz, “manter os pés no chão”, uma espécie de âncora usada pelo consciente para manter a sanidade mental, isto é, não perder o vínculo com o mundo material.

Pelos ensinamentos da Doutrina Espírita, haveria ainda outros motivos contra a comercialização dos dons mediúnicos.

Primeiramente, é preciso compreender que em toda comunicação existem, no mínimo, duas inteligências envolvidas: a que dita e a que recebe. O médium seria aquele que recebe. Portanto, quando um médium se compromete financeiramente, ele fica quase que obrigado a promover um fenômeno que não depende dele apenas, mas também de um outro indivíduo

que não participou da negociação, isto é, não se comprometeu e, por isso, não tem obrigação alguma, especialmente porque não terá nenhum lucro no “negócio”.

Um outro ponto muito importante a ser considerado é que, caso haja espíritos que aceitem a negociação e o auxiliem, que tipo de espíritos seriam estes? De qual condição intelectual e moral pertenceriam?

Pelo que afirma a Doutrina Espírita, espíritos sérios não se prestam a este papel, apenas os brincalhões.

Assim, os médiuns nestas condições estariam submetidos aos caprichos de espíritos levianos, sujeitos a graves conseqüências.

Isto é fácil de compreender, basta transpor a situação para o nosso mundo e analisar com o pensamento humano o que seria o mais provável de ocorrer.

Desta forma fica o alerta para que todos os que realmente sejam médiuns sobre a necessidade de comportamento adequado como uma questão profilática na manutenção da sanidade mental.

⁴⁹ Jung; Memórias, Sonhos e Reflexões; pg 168.

APÊNDICE

Neste livro foi apresentada a utilidade da prática da meditação para o desenvolvimento do autoconhecimento e do controle emocional e comportamental. Neste apêndice é apresentado um exemplo de meditação que poderá ser realizado.

Primeiramente, é importante se colocar em uma posição confortável, não importa se é sentado, deitado ou recostado, em um sofá, cadeira, cama ou poltrona, seja em casa ou em um local tranqüilo qualquer, mas é recomendável que seja o mais silencioso possível. Uma música de relaxamento ao fundo, bem suave e em volume baixo, mas que seja o suficiente para abafar qualquer ruído proveniente dos arredores.

- Inicie o processo de relaxamento, feche os olhos e respire profundamente umas três ou quatro vezes, inalando pelo nariz e liberando o ar pela boca, bem lentamente. Caso a tensão ainda persista, repita a operação novamente, mas procure liberar a mente de qualquer pensamento perturbador, fixando na vontade de relaxar.
- Com a mente pacificada, o passo seguinte é soltar a musculatura. Para isso, é preciso verificar cada uma das partes do corpo. Começando pelos pés, comande, com pensamentos suaves, para que se sinta relaxado, sempre dedicando algum tempo para verificar se foi atendido, lembrando que cada parte, cada órgão é um amigo de valor inestimável e que precisa de carinho e atenção para se manter forte e saudável.
- Com a mesma dedicação e zelo, passe, em seguida, para as pernas, desde os tornozelos até a parte superior das coxas; a pélvis; o abdome; o peito; os braços; o pescoço; e, por fim, a cabeça. Certifique-se de manter os dentes ligeiramente separados.
- Caso alguma parte do corpo não esteja em perfeitas condições de saúde, este seria o momento propício para, carinhosamente, dialogar, sempre com o pensamento apenas, com a região ou órgão enfermo. Sem nenhum constrangimento, pergunte o que o incomoda e tente sentir a resposta, mesmo que não o consiga, mas dedique-se; lhe emita vibrações de harmonia, significando que tudo ficará bem. Previamente, procure descobrir como seria o correto funcionamento do órgão em questão, suas características básicas, como coloração, textura, etc., e, nos momentos de meditação, visualize o órgão saudável.

- Passando, então, para o ponto da mediunidade. Mentalmente, faça uma oração, ligando-se com o Criador, tendo sempre em mente que Deus é um pai amoroso, que vela pelos seus filhos amados, e você é um deles. Com este pensamento em mente, vislumbre Jesus como um amigo sempre pronto a lhe socorrer, seja qual for a situação, e, finalmente, mas não menos importante, recorra ao seu espírito protetor, ou anjo da guarda, como é mais comumente conhecido.
- Reconheça o que realmente ocorre, todavia, é imprescindível não se deixar abalar pelas lembranças que surgir à mente, mesmo que não lhe agrade.
- Imagine-se, agora, em harmonia com isto tudo, pois, se és filho de Deus, a bondade suprema, tudo aquilo que sente é com a única finalidade de lhe auxiliar ao progresso, mesmo que seja doloroso, mas reconheça que é para o seu próprio benefício. Lembre-se do seguinte ditado popular: “Deus escreve certo por linhas tortas”.
- Visualize sua mente como um quarto, primeiramente com a porta e a janela abertas. Visualize-o como queira, pequeno ou grande; escolha a cor de sua preferência, mas que seja em tom pastel. Caminhe pelo quarto, atento a cada detalhe; pode haver quadros e mobília se preferir.
- Detenha-se na janela e veja a paisagem; imagine o mar ou a montanha, o azul do céu ou o verde das plantas; sinta o perfume das flores.
- Todavia, apesar de tão magnífica paisagem, é preciso que a janela apenas se abra nos momentos em que desejar, assim como a porta, pois ambas representam a mediunidade. Apesar de ser um dom sublime, é preciso se controlada.
- Imagine-se caminhando em direção a porta e fechando-a vagorosamente, atento ao seu percurso.
- Agora, imagine-se caminhando em direção a janela, reconheça toda a possibilidade existente para sua auto realização, mas que, no momento, será preciso aguardar, e feche a janela.

- Olhe em volta, o aposento continuará iluminado, um ambiente claro, arejado e saudável, mas controlado, deixando a sensação de segurança invadir o ser, sabendo que em breve terá o controle sobre a janela e a porta, que somente se abrirão nos momentos oportunos.
- Lentamente, volte a tomar consciência de si, “acordando” desde a cabeça até os pés e, finalmente, abra os olhos lentamente.
- Faça uma oração para terminar o trabalho e se sinta pronto para o que tiver que enfrentar.

BIBLIOGRAFIA

ESPIRITISMO

André Luiz (espírito); Mecanismos da Mediunidade; psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, 15ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.

Denis, Leon; No Invisível; 18ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1998.

___; O Problema do Ser, do Destino e da Dor; 22ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 2000.

Emmanuel, O Consolador, psicografia de Francisco Cândido Xavier, 19ª. edição, FEB, 1998, pg. 200.

Joanna de Angelis (espírito); Autodescobrimento – Uma Busca Interior; psicografia de Divaldo P. Franco, 11ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002.

___; Dias Gloriosos; psicografia de Divaldo P. Franco, 2ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

___; o Homem Integral; psicografia de Divaldo P. Franco, 12ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

___; O Ser Consciente; psicografia de Divaldo P. Franco, 8ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

___; Plenitude; psicografia de Divaldo P. Franco, 9ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

___; Triunfo Pessoal; psicografia de Divaldo P. Franco, 1ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002.

Kardec, Allan; A Gênese; 37ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1996.

___; O Céu e o Inferno; 41ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.

___; O Livro dos Espíritos; 77ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.

___; O Livro dos Médiuns; 61ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1995.

___; O Evangelho Segundo o Espiritismo; 112ª. edição, Federação Espírita Brasileira, 1996.

Vianna de Carvalho (espírito); Médiuns e Mediunidades; psicografia de Divaldo P. Franco, 6ª. edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.

FÍSICA

Capra, Fritjof; O Tao da Física; 22ª. edição, Editora Cultrix LTDA., 1999.

____; Sabedoria Incomum; 13ª. edição, Editora Cultrix, 2000.

Einstein, Albert; A Teoria da Relatividade Especial e Geral; 1ª. reimpressão, Contraponto Editora, 2000.

Eisberg; Robert M.; Fundamentos de Física Moderna; 1ª. reimpressão, Editorial Limusa (México), 1974.

____, Resnick, Robert; Física Cuantica; 1ª. edição, Editorial Limusa (México), 1978.

Gamow, George; Biografia da Física; Zahar Editores; 1963.

Goswami, Amit; O Universo Autoconsciente; 4ª. edição, Editora Rosa dos Tempos, 2001.

____; Physics of the Soul; Hampton Roads Publishing Company Inc., 2001.

Hawking, Stephen; O Universo numa Casca de Noz; Editora Mandarim, 2001.

Kaplan, Irving; Física Nuclear; 2ª. edição, Editora Guanabara Dois, 1978.

Tipler, Paul A. e Llewellyn, Ralph A.; Física Moderna; 3ª. edição; LTC Editora, 2001.

C. G. Jung

____; Dicionário Junguiano; dirigido por Paolo Francesco Pieri, Editora Paulus, 2002.

Jung, C. G.; AION - Estudo Sobre o Simbolismo do Si-Mesmo; 6ª. edição, Editora Vozes, 2000.

____; A Energia Psíquica; 7ª. edição, Editora Vozes, 1999.

____; A Vida Simbólica; 2ª. edição, Editora Vozes, 2000.

____; A Natureza da Psique; 5ª. edição, Editora Vozes, 2000.

____; Estudos Psiquiátricos; Editora Vozes, 1994.

____; Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade; 5ª. edição, Editora Vozes, 1999.

____; Memórias, Sonhos e Reflexões; 22ª. impressão, Editora Nova Fronteira, 2002.

____; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; 2ª. edição, Editora Vozes, 2002.

____; O Eu Consciente; 16ª. edição, Editora Vozes, 2002.

____; Presente e Futuro; 4ª. edição, Editora Vozes, 1999.

____; Psicologia da Religião; 5ª. edição, Editora Vozes, 1991.

____; Psicologia da Religião; 6ª. edição, Editora Vozes, 1999.

____; Psicologia da Inconsciente; 14ª. edição, Editora Vozes, 2002.

____; Resposta a Jô; 6. edição, Editora Vozes, 2001.

____; Sincronicidade; 11ª. edição, Editora Vozes, 2002.

Stein, Murray; Jung – O Mapa da Alma; 11ª. edição, Editora Cultrix, 2001.

OUTROS

___; Bíblia de Jerusalém – Nova Edição, Revista e Ampliada; Paulus Editora, 2002.

Aurélio B. H. F.; Novo Aurélio – Século XXI; Editora Nova Fronteira, 1999.

Revista Scientific American; maio de 2003.